José Ozildo
23/06/80

SENADOR WALFREDO GURGEL

PUBLICAÇÃO DE UMA BIOGRAFIA
DE AUTORIA DO
DOUTOR BIANOR MEDEIROS

José Ozildo dos Santos
Téc. em Agropecuária
CPF 393.833.774-54

BRASÍLIA — 1976

"É injusto atribuir-se improbidade ao saudoso Monsenhor Walfredo Gurgel, que de 1966 a 1971 governou o Rio Grande do Norte. Fui seu adversário, sou insuspeito para julgar sua memória: ninguém foi, pessoalmente, mais probo e mais honesto."

(Senador Dinarte Mariz, às fls. 69 de A VIDA DE UM REVOLUCIONÁRIO).

Pág.

Paz e bondade 121
O grande brasileiro 123
Fatos 125
Walfredo, o lhano 129
A mordomia Governamental 137
Walfredo e Castello Branco 141
Walfredo e a cultura 145
A dignidade de negar 147
Palavras a um homem injustamente ofendido 149
As realizações 151
Os dois Walfredos — Leal e Gurgel 153
Certidão de retificação do prenome 157
Walfredo, o agradecido 159
Discurso de transmissão de Poder 163
Mudança de Governo 171
Término do Mandato Governamental 173

CAP. IV — RETORNO À VIDA PRIVADA

E o futuro, Walfredo? (Rep. Diário de Natal) 175
Perdão ao malfeitor 177
Nota de esclarecimento 179
Do diagnóstico à morte (Diário de Natal) 181
Nota Oficial do Governo (Diário Oficial) 185
O Velório e a partida final (Tribuna do Norte) 187
Na ordem do dia (Informes Diário de Natal) 191
A grande ausência (Diário de Natal) 193
Palavras de D. Nivaldo Monte (Tribuna do Norte) 195
Editorial da Tribuna do Norte — 4/11/71 197
Monsenhor Walfredo Gurgel (Erivan França) 199
Os funerais (Diário de Natal) 203
Homenagem da Câmara Municipal de Natal (Tribuna do Norte) 205
Os bens deixados 207

CAP. V — DEPOIMENTOS

D. José Adelino, Bispo de Rui Barbosa, Bahia 211
Cardeal Eugênio Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro 217
Últimas palavras do autor 219
Agradecimento 221

José Ozildo dos Santos
Téc. em Agropecuária
CPF 393.833.774-54

PREFÁCIO

Há livros que se escrevem com o coração. É o caso deste retrato de corpo inteiro do Monsenhor Walfredo Gurgel, com que nos brinda Bianor Medeiros, que tem sobradas razões e excelentes condições para o desempenho da tarefa.

Também conheci de longa data o Monsenhor Walfredo Gurgel, quando ele ainda era seminarista. Ia por vezes à casa do meu pai, o Desembargador Felipe Guerra. Também a senhora sua mãe, dona Quininha, alguma vez hospedou-se lá em casa, pois eram parentes e conhecidos desde o Caicó, onde estivera o meu pai.

Depois, o seminarista seguiu para Roma. Voltou sacerdote. Visitei-o mais de uma vez no tradicional Seminário São Pedro. Mais de uma consulta lhe fiz sobre direito canônico ou matéria comum de religião. Sempre a resposta clara, segura, pronta.

Mais tarde, empolgar-nos-ia o mesmo movimento cívico e político. Vi-o em Natal. Vi-o em Acari. Ardente de patriotismo. Cheio de fé.

Posteriormente, sem nunca desmerecer o sacerdócio, abraçaria um partido político, mostrando-se, para usar a linguagem do povo, sempre "bom de urna".

Bianor Medeiros nos mostra o desprendimento do político, antes de tudo sacerdote. Deputado Federal, Senador, Vice-Governador e Governador do Estado, nunca perdeu sua natural simplicidade.

Governador do Estado, muitas vezes assisti a missa das 9 horas, que ele celebrava aos domingos, na Catedral, e onde sempre fazia a pregação aos participantes do sagrafo ofício, com bastante simplicidade, numa linguagem a todos acessível. E era interessante vê-lo chegar guiando o próprio automóvel, tendo ao seu lado um simples inferior da Polícia Militar.

Mais de uma vez, com o então Reitor Onofre Lopes, tive que procurá-lo, para entendimentos comuns entre Governo e Universidade. Sempre pronto a ouvir-nos e a servir à causa do ensino.

Bianor Medeiros cita o trecho de um discurso de Walfredo Gurgel que bem retrata sua concepção de política partidária: "A política é qualquer coisa de transitório em nossa vida. O que vale é o desejo de sempre fazer o bem".

Este empenho foi sempre seu, num governo sem ódios, nem rancores, onde procurou sempre o bem do povo. Por isso mesmo a distância, longe de apagar, deixa bem viva sua memória, perpetuada em serviços que não podem ser esquecidos. Serviços de administrador da coisa pública. Serviços de sacerdote, curando as feridas do espírito.

OTTO GUERRA

Alter statim oblivisci debet dati, alter accepit nunquam — SÊNECA
(Um deve esquecer-se do que deu, o outro nunca deve esquecer-se do que recebeu).

Nos idos de 1935 chegava à minha terra — o Acari — um sacerdote moço, cheio de entusiasmo e fé para dirigir espiritualmente o seu povo. Cidade tradicionalmente religiosa, de crença inabalável em sua padroeira, que logo se tornou dele querida.

Ali encontrava um garoto que passou a ser seu coroinha. Seu exemplo fez nascer no menino de 10 anos, então, o desejo de também tornar-se padre. E, no início de 1936, após a Intentona Comunista, em que o Vigário tomara parte ativa, no Comando de voluntários para impedir o ingresso das tropas vermelhas no Seridó, rechaçadas na Serra do Doutor, era esse guri entregue ao Seminário de São Pedro, levado pela mão do jovem pároco.

Foram esses os primeiros passos dessa criança.

Em agradecimento ao seu benfeitor, o garoto de ontem tenta exaltar essa figura singular que, por suas intrínsecas qualidades e virtudes, deixa aos seus coestaduanos uma reluzente imagem a ser admirada, seguida, imitada e, hoje, venerada, até.

Se humilde foi sua vida, modesta e despretensiosamente atreve-se a criança de ontem a lançar o seu nome entre aqueles, cuja passagem pela terra foi exemplo a ser seguido, vida a ser imitada, autêntico fruto da semente da bondade, lealdade, dignidade e retidão.

Perdoe-me, Mons. Walfredo, se não posso retratá-lo fielmente. Conforta-me, porém, saber que talvez não exista quem o faça, dada a grandeza de sua pessoa humana.

A INFÂNCIA

Existe, no Seridó, uma cidade feliz. Cidade de povo ordeiro e bom. Seu nome tem-se propagado, com bastante intensidade nos últimos anos. Há um interesse que se torna, às vezes, entusiasmo e que, com o passar do tempo, parece aumentar, a partir do dia em que recebeu para o repouso eterno o seu inimitável filho.

Está encravada à beira do poço de Santana e entre os rios Seridó e Barra Nova!

Caicó. Cidade da praça da Matriz, calma, de papos na calçada, dos vôos rasantes das andorinhas, à tardinha, dos tamarindeiros gigantes e acolhedores, das badaladas do sino da Matriz, na hora do Angelus, da brisa suavíssima e acariciadora das noites.

Ali nasceu e ali dorme aquele que sempre a adorou.

Ali permanece, no frio do bronze e na mudez da estátua, em frente à casa onde passou grande parte de sua vida. Repousa, na Catedral, onde recebeu os sacramentos do batismo, da crisma e celebrou sua primeira missa, depois do recebimento do sacramento da Ordem.

Felizes aqueles que fecham o seu ciclo biológico, merecedores das homenagens de sua terra e das bênçãos de Deus.

Passava o ano de 1908. Na casa nº 537 da Rua Felipe Guerra morava um jovem casal: Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira e Joaquina Dantas Gurgel. Mal entra dezembro, dia 2, nasce uma criança.

O nino, a olhar sua robustez, dizem as pessoas que o viram nascer, parecia logo que se assemelhasse mais à mãe do que ao marido desta, o qual era forte como a aroeira, resistente a qualquer fadiga, mas de estatura mediana e constituição magra. Era um homem de olhar penetrante, à moda antiga, bem vestido, imperturbavelmente calmo e dotado de uma inflexível retidão moral.

Joaquina, naquele quarto de reboco parcialmente descascado, fitava os quadros da Sagrada Família e de outros santos protetores e, sob o colo, acariciava o novo rebento.

Era u'a mulher silenciosa, de cabelos bem pretos, lisos, repartidos ao meio por linha reta, presos com grampos ou marrafas. Sabia

José Ozildo dos Santos
Téc. em Agropecuária
CPF 393.833.774-54

sempre sorrir com os olhos. A mansidão de sua voz sempre foi ternura. A confiança absoluta era a Lei da família.

O pai não se afastara dos seus misteres do magistério, da advocacia (era provisionado) e do jornalismo, mas, de quando em vez, e, em qualquer folga, embiocava na camarinha para beijar o filho recém-nascido.

Os dias iam-se passando. A criança tinha que ser batizada. O Vigário de então — Cônego Emidio Cardoso — foi convidado a oficiar o sacramento. O nome do pimpolho já houvera sido escolhido e o oficial do registro já lavrara a certidão. Chamava-se ARMANDO.

Governava a Paraíba o Mons. Walfredo Leal, a quem não só o Cura como também o pai de Armando dedicavam grande admiração. O Reverendo, ao ser levado o garoto à Pia Batismal, foi ao encontro de seu pai e disse:

— Professor Pedro: vamos dar o nome de Walfredo a esta criança. Será uma homenagem que prestamos a uma grande figura do Estado vizinho da Paraíba. Além de ser Padre, é o Governador. Tem vida exemplar. Quem sabe se esse garoto não poderá ser seguidor dos seus passos?

Houve, então, o batismo. A certidão do Registro Civil foi, posteriormente, retificada.

Passaram-se dias, meses e anos. Em 31 de março de 1913 veio a família residir na casa 33 da então praça da Matriz, hoje praça que tem o nome do garoto. Tinha ele 5 anos.

Mais 5 anos, na mesma data da mudança de residência, em 1918, portanto, faleceu o Prof. Pedro Gurgel, aos 38 anos de idade, ficando viúva Joaquina, com 32 anos apenas, e com os filhos Zózimo, Sinhazinha, Polisia e Walfredo, de 10 anos.

Recebeu o encargo da família. Os filhos estudavam e ajudavam nos trabalhos caseiros.

O Cel. Bembem, um dos varões da família e grande proprietário, mandava de sua fazenda, "As Oiticicas", frutas e legumes para serem vendidas aos consumidores de Caicó, quase sempre pessoas da família.

Walfredo, então, durante as folgas escolares, fazia a distribuição do produto vendido. João Rodrigues, livreiro e pessoa bem relacionada e conhecida em Natal, afirma que foi colega de Walfredo, não só de escola como de vendagem. Havia, porém, diferença no ramo, Walfredo vendia geralmente bananas (lindas bananas) e ele vendia sequilhos.

Freqüentavam o Grupo Escolar, nesse tempo em funcionamento no prédio da Prefeitura Municipal, e receberam ensinamentos da Profª Helena Botelho.

Estivemos em Jardim de Piranhas e ali conhecemos uma figura interessante e alegre. O Sr. Luiz Honório de Medeiros, conhecido por Luizinho. Homem brincalhão, repentista, cantador e amante da poesia. Conversávamos, quando soube tratar-se de um contemporâneo de Walfredo na escola primária. Procurei, então, retirar dele algum depoimento sobre o garoto Walfredo no tempo em que se iniciavam na vida estudantil. Ele me contou, depois de dizer que o menino era inteligente e sabido, um fato bem interesssante, ocorrido no Caicó, dessa época. Um cidadão se dizia hipnotizador. Fazia todo mundo dormir, com simples gestos de mãos sobre a cabeça da vítima.

O Professor Pedro Gurgel quis fazer uma brincadeira. Mandou chamá-lo. Procurou saber qual a razão dessa "força"; o *sabidão* fez sentir ser uma força sobrenatural inexplicável. Poderia, porém, provar.

Ao seu lado, já combinado, encontrava-se um *"tapia". Apesar de haver, no local da reunião, vários curiosos, o espertalhão escolheu, como não poderia deixar de ser, o outro trapalhão.

Convidou-o a sentar-se em uma cadeira. Com os primeiros gestos, estava o cobaia de olhos fechados... Com alguns mais, roncava a sono solto... Depois de muito tempo e trabalho, finalmente acordou...

O Professor Pedro não gostou, apesar de toda a assistência estar impressionada com o que vira. Chamou seu filho Zózimo e disse: "Você vai sentar-se na cadeira. Faça que está dormindo, assim que o homem passar as mãos sobre o seu rosto".

Dito e feito. No primeiro gesto, Zózimo dormia. O mágico estava radiante... Delírio geral.

O Professor Pedro pergunta ao artista: já está dormindo?

— Perfeitamente.

Sem aviso, retira-se de mansinho e, lá de dentro, grita: "Chega Zózimo... Walfredo está tomando sua coalhada". Zózimo, então, levantou-se, em disparada, em busca da sala de jantar e o hipnotizador ficou desmoralizado... Não havia, sequer coalhada, àquela hora...

---

* Forma contrata de tapiara: estradeiro, velhaco, etc.

O DESPERTAR DA VOCAÇÃO SACERDOTAL

E lá se ia o garoto Walfredo, corado, louro e gorducho.

À medida que ia crescendo, mais os seus raros dotes de inteligência se manifestavam. Sempre foi aluno distinto, embora um tanto acanhado. Antecipava-se às instruções o seu pendor para a virtude.

A essa altura, deveria dizer Joaquina, católica fervorosa, o que sentenciara Branca de Castela, ao seu filho Luiz IX, Rei de França:

> "Meu filho, apesar do grande amor que te tenho e seres a luz dos meus olhos, prefiro perder-te a saber-te pecador ou ofensor de Deus."

Concluiu Walfredo o curso primário em 1920, já no Grupo Senador Guerra.

Caicó se prepara para receber, em visita pastoral, o Bispo Diocesano: D. José Pereira Alves.

Homem de grande valor como Sacerdote, orador esplendoroso, facundo e de cultura invejável. Chega. Rapidamente desperta no pequeno Walfredo a vocação sacerdotal. Tão forte foi o chamamento Divino que o pequeno menino, sem consultar sua mãe, foi ao encontro do Bispo e lhe segredou:

— Sr. Bispo, eu quero ser Padre. Peça à mamãe. Ela diz que não me pode mandar para o Seminário. É pobre e viúva.

D. José, ante a confissão, não titubeou. Dirigiu-se a Dª Joaquina e lhe revelou o desejo do filho. Esta, alegre e triste, expôs ao Prelado a situação, declarando não poder arcar com as despesas do internato.

Foi, porém, encontrada uma solução e, em 3 de fevereiro de 1922, ingressava no Seminário de São Pedro o menino caicoense que, após 4 anos, concluía o curso de Seminário menor.

Aluno laureado, ao lado do Santo gênio, Padre Monte, foi contemplado com uma bolsa de estudos para, em Roma, cursar Filosofia e Teologia.

Volta a Caicó para as despedidas. Daí a Recife para o embarque. Deixa o Brasil, passageiro do navio Mazzelli e pisa a Cidade Eterna no dia 15 de maio de 1926. Ali concluiu os cursos de Filosofia e Teologia. Doutorou-se, a seguir, em Direito Canônico, pela Universidade Gregoriana, ordenando-se Padre no dia 25 de outubro de 1931, na Capela do Pontifício Colégio Pio-Americano.

EM ROMA — O POETA

Chegando a Roma, outro objetivo não via, senão continuar sua carreira sacerdotal. E, tanto se preocupava com os estudos, que de lá, nos primeiros dias, mandou pra sua mãe uma fotografia, sentado à banca de estudos, com o oferecimento no verso, nos seguintes termos:

> "Estuda, GURGEL! Vieste para aqui estudar e não contemplar as ruínas desta velha cidade dos CÉZARES. Estuda com coragem para que melhor sirvas à tua religião e à tua Pátria. Não perde tempo, pois o tempo é ouro. Lembra-te sempre dos sacrifícios de tua mãe e da tua diocese. Estuda! Estuda!"

Sentimos, assim, as determinações que o impulsionavam... O amor à religião e à Pátria; o reconhecimento pelos sacrifícios de sua mãe e de sua Diocese. Ao contemplar as ruínas da cidade, sentia, talvez, saudade do crepúsculo de sua terra. Tudo isso, julgamos, levou-o nas horas de repouso, como que voando para o Brasil, dar vazão às suas aptidões poéticas. Seus versos, porém, segundo ele próprio, "são apenas filhos de horas de muito sentimento. São a infância do meu poetar".

A distância da terra amada, imprimindo-lhe a saudade dos familiares, do chão, das serras do Seridó, dos rios, dos pássaros, da gente boa e amiga, aguçara-se forçando o extravasar da inspiração, que outra coisa não é, senão a centelha Divina que acende o fogo do entusiasmo. Inspiração, no dizer de Benavente, "nada mais é que trabalho anterior condensado, capital do trabalho e do coração que vamos economizando". Nasce, portanto, do esforço humano. Resulta de concentração do espírito, que é sujeito e não objeto, como realidade é livre, criador, determinante e ativo. Por isso sabemos ser a vida do espírito constituída de encantamento, êxtase, bem-estar e felicidade.

Se aliamos inspiração e imaginação, naturalmente estamos dando asas ao pensamento e vitalizando as idéias, colorindo os sentimentos, elevando e transportando a alma. A Alma de Walfredo, levada por essas abençoadas forças, jamais saiu de sua terra, do seu Brasil querido... Daí, quem sabe, as razões dos versos!...

Vejamos, a seguir, parte do que ele chamou de "RISOS e LÁGRIMAS" oferecido ao seu irmão Zózimo e enviado em 1º de abril de 1930, de Roma.

Foto enviada de Roma em 1927
(Arquivo do Dr. Olavo Medeiros, seu grande amigo.)

CARTA-PREFÁCIO

Meu querido irmão:

Deixo cair em tuas mãos amigas estes versos, que são como outras tantas flores despetaladas de meu coração fraterno. Aí tens, neste livrinho, a infância de meu versejar.

Batizei-o com o sugestivo nome de "Lágrimas e Risos", porque contam as produções duma época, na qual o coração humano oscila entre a dor e a alegria; dos 16 até aos 21 anos o espírito se debate entre esses dois pólos da existência, sem estacionar no apogeu do gáudio, nem se demorar nos pés duma cruz. Também eu naveguei no mar tempestuoso das paixões, que, nessa quadra da vida, revolucionam o espírito humano; nessa luta jamais a barquinha de minh'alma se afastou do porto luminoso do dever e da virtude. Minhas alegrias foram santas; meus sofrimentos, santifiquei-os contemplando as páginas do Evangelho e vendo o Homem-Deus abraçando as dores humanas até morrer crucificado por amor da humanidade prevaricadora.

Eis a razão do título que precede as páginas que vais ler.

Não pretendo com este opúsculo dar-te uma prova de minhas aptidões nessa arte sublime, que imortalizou Dante e faz viver através dos tempos o Cantor dos "Lusíadas". Não; todos estes versos nenhum valor literário possuem. São apenas filhos de horas de muito sentimento.

Se algum dia me invadir a vaidade a tal ponto de querer publicar alguma obra poética, das poesias e sonetos, que aí vão, quatro ou cinco poderão ser lançados à crítica do público.

Eu vejo os defeitos de minhas poesias; não as publico porque nenhum pai propala a feiura de seus filhos.

Disse que estas páginas são a infância do meu poetar; não menti. Não sei se a musa adormecerá para sempre sem ver despontar a madrugada da adolescência. Não descortinamos o futuro, graças a Deus, porque de que nos serve conhecê-lo se, muitas vezes, é semeado de espinhos e agruras? "É sofrer a dor antes que

se abra a chaga", responde-nos o príncipe de nossos prosadores — Coelho Netto.

Bem, querido irmão! Mando-te estas rimas soltas e sem beleza, como homenagem mui sincera e como a prova mais patente de minha fraternal amizade. Dá-lhes abrigo no calor de teu peito e não as deixes morrer de frio na invernada escura do esquecimento.

Adeus! Abraça teu irmão

Walfredo.

Roma, 1º de Abril de 1930

MORTO

À memoria de meu pai.

Vi estendido em fúnebre caixão,
Inerte, morto e já desfigurado,
Um ser por mim querido e muito amado;
Disto eu tenho infeliz recordação.

Quantas dores sofri no coração,
Naquele instante triste e amargurado!
Impossível supor qu'eu torturado
Tivesse um dia alguma consolação.

A trinta e um de Março infelizmente
Vi minha mãe viúva tristemente
E meus irmãos comigo na orfandade;

Vi sair o caixão numa tristeza
No momento infeliz da natureza,
Deixando no meu peito uma saudade.

1925

A MINHA MÃE

Manhã d'inverno... ausente do meu ninho,
A contemplar a triste natureza,
Dentro de um tédio eu vou aqui sozinho
Renegando esta frívola tristeza.

Sinto correr no corpo uma frieza...
Ouço o piar de triste passarinho;
Tudo é tristonho... nada de beleza...
Longe assobia o vento de mansinho.

Cerro do quarto a lúgubre janela;
Entro... na banca tosca onde eu estudo
Vou divisando aquela estampa bela,

O retrato de minha mãe querida.
A vós, ó mãe, eu amo mais que tudo
E amar-vos-ei até o fim da vida.

1925

A UMA ÁRVORE

Ergue os teus galhos secos para os ares,
Ó tu que outrora foste magestosa;
Em ti a passarada sonorosa
Soltava alegre e puro seus cantares.

E muitos raios quentes e solares
Beijaram-te bonita e perfumosa;
Vives hoje assim triste e lacrimosa,
— Mira saudosa destes meus olhares.

Erma, deserta, feia e abandonada,
Em ti existe um lúgubre esqueleto
Do que tu fostes em era já passada.

Chora talvez a tua meninice,
E neste mundo — velho lazareto
Tu és o símbolo negro da velhice.

1925

A SEPULTURA DO VAQUEIRO

Sob um pereiro rústico e florido
Embalsamada jaz a sepultura
Duma disposta e breve criatura,
Que nos campos havia sucumbido.

E sobre ela pendente, na tristura,
Uma cruz; e com peito compungido
Um vulto negro, magro e dolorido
Vem derramar o pranto da amargura.

Aquele vulto esquálido chorando.
Em busca do pereiro caminhando,
É a mãe do vaqueiro infortunado,

Que com seus olhos baços, já sem brilho,
De prantos banha o bosque amargurado
E a sepultura do primeiro filho.

1926

O MAR E O CORAÇÃO

Um dia contemplava o mar imenso,
Sobre um rochedo à sua beira erguido;
Era o rumor das águas tão intenso,
Que parecia um pranto dolorido.

Por que chorava aquele azul extenso?
Por que teria o coração ferido?
Estaria, quiçá, seu peito ofenso
Carpindo alguma dor em grande olvido?

Ah! sim. Também o mar tem esperanças,
Que vê morrer ao triste som das brumas,
Lacrimejando espumas brancas, mansas...

Tal como o mar, meu triste coração
Tem os seus sonhos, que, como as espumas,
Vêm fenecer na praia da ilusão.

1928

QUADRAS

Minh'alma vive chorando
Através do meu sorrir.
Se às vezes estou cantando
É para menos sentir.

Tristezas, dores imensas
Amortalham meu viver.
Sombras profundas e densas
Escurecem meu sofrer.

Mas vivo resignado
Sem mostrar a minha dor.
Um dia serei premiado
Na feliz pátria do Amor.

Deixai-me viver sorrindo,
Deixai-me sempre cantar,
Pois quero viver mentindo
Mil vezes do que chorar.

1929

NAS TREVAS

Noite sem fim
—Negro fantasma
D'ilusões mortas—
É meu viver.
Não chega a aurora,
—Espuma branca—
—Noiva risonha
Do amanhecer.

Vivo chorando
Sobre uma tumba
—Cofre de dores—
Meu existir.
A luz tão longe
Foge de mim.
—É a esperança
De meu porvir.

1929

No dia da bandeira, 19 de novembro de 1971, o "Instituto Brasil" presta uma homenagem póstuma ao Monsenhor Walfredo Gurgel, educador de gerações e ex-Governador do Estado, divulgando esta poesia de sua autoria.

A BANDEIRA

O pavilhão majestoso
Sacrossanto do Brasil
Ajoelhado eu decanto
As suas grandezas mil!
Quando o vejo tremulando
Ao som da brisa dançando
Numa beleza sem par,
Eu sinto o patriotismo,
O' bandeira do civismo
Dentro em minh'alma brotar.

No verde de suas cores
Eu vejo a esperança em festa
Um porvir todo de rosas
E a verdura da floresta.
Contemplo os campos floridos
E os passarinhos queridos
Numa eterna melodia,
Tudo é belo, tudo canta
Que no Brasil se levanta
O pedestal da poesia.

Na cor doirada diviso
A riqueza sem igual
Desta nação tão querida,
Tão bela, sem ter rival;
Está nela retratado,
Em ouro simbolizado,
O coração do país,
Coração toda riqueza
Que também toda grandeza
De nossa pátria nos diz.

No globo que se distingue
No centro estrelado e azul,
Contempla-se o céu formoso,
Que corre de norte a sul
—Este céu, onde as estrelas
São mais brilhantes e belas
E irradiam mais fulgor
Onde a lua cor de prata
Vai cantando em serenata
Sua beleza e esplendor.

Salve, bandeira querida
De minha terra natal!
Salve, ó pátria brasileira,
Salve, ó terra de Cabral
Oh! se Deus me concedesse,
Que quando um dia eu morresse,
Naquele instante febril,
Eu me finasse beijando,
E sobre o peito estreitando
O pavilhão do Brasil!

E mesmo depois da morte,
Depois de deixar a terra,
Que sobre o caixão humilde,
Com o corpo que ele encerra,
Se deposite uma altiva
Imagem formosa e viva
Desta terra brasileira.
E assim serei enterrado
Nas cores, amortalhado
Desta adorada bandeira.

A VOLTA DE ROMA

Concluídos os estudos em Roma, após percorrer alguns países da Europa, volta Walfredo ao Brasil. Pisa o solo caicoense, a terra de origem, em 14 de agosto de 1932, sendo recebido dentro da mais alta e carinhosa manifestação por seu povo, regozijado pela volta à terra mãe. No dia seguinte, celebrou sua primeira missa no Brasil.

Caicó em festa ouviria a celebração da missa cantada por seu filho que, há vários anos, encontrava-se em Roma. Seria o primeiro sacerdote caicoense Doutor em Direito Canônico. Além das festas religiosas programadas, o povo caicoense, na sua expressão social, congregou-se e ofereceu-lhe suntuoso banquete, no então prédio da Intendência, hoje Prefeitura Municipal de Caicó.

Dentre essas figuras presentes ao *ágape*, os Srs. Eulampio Monteiro, José Benevolo, Clementino Farias, Professor Coutinho e muitas outras personalidades ilustres.

Ao centro, encontrava-se Walfredo, ladeado dos dois sacerdotes da então freguesia de Nossa Senhora Santana.

As damas da sociedade compareceram em peso, sem, porém, se servirem de qualquer coisa, como era comum nesse tempo.

Podemos ver, na foto que se segue, aspecto do banquete, onde, atrás do então Pe. Walfredo, vê-se sua mãe, a bondosa "Mãe Quininha".

Banquete em Caicó quando do seu regresso de Roma, onde ordenara-se padre

Retorna a Natal, sede de sua Diocese. Reencontra-se com os ex-colegas. Por designação do Bispo da época, D. Marcolino, volta ao Seminário de São Pedro. De aluno passara a Reitor, com responsabilidade de, ainda como Professor, ministrar algumas disciplinas, entre essas, conforme lembra D. Adelino, Teologia. Acumulava essas funções com as de Capelão do Hospital Miguel Couto (hoje Hospital das Clínicas) e o abrigo dos velhos.

A carência de padres no interior encontrava-se bem acentuada e necessário se tornava que, para ali, fossem enviados novos sacerdotes.

Walfredo, por determinação episcopal, foi designado para suceder o Pe. Pedro Paulino, vigário do Acari. Dir-se-ia acertada a escolha, pois Walfredo serviria à sua região e Pedro Paulino voltava à sua querida cidade de São José do Mipibu, onde, depois, viria a falecer.

Walfredo e seu colega de turma, Pe. Monte, ao regressar de Roma. Foto apanhada no Seminário de São Pedro, onde exercia o cargo de Reitor

LIDERANÇA E CORAGEM

Nos primeiros dias de março de 1935, chegava ao Acari um novo Vigário. Era o Pe. Walfredo Gurgel, egresso do Seminário de São Pedro, onde exercera o cargo de Reitor. O Acari sempre foi uma cidade pacata e de um povo manso e obreiro. Têm seus filhos uma veneração imensurável à sua padroeira N. S. da Guia. Walfredo, em 1935, oficiava o primeiro sacramento do Batismo a um dos seus filhos.

Ao iniciar o seu pastoreio, tratou de unir a comunidade, um pouco combalida pelos efeitos políticos de então, fazendo-o com êxito. Para isso, desenvolveu grandes atividades no setor religioso e ao mesmo tempo unia a juventude pela prática do esporte. Organizou um time, e às tardes, reuniam-se num campo improvisado, sob o seu comando, a fim de disputarem partidas de futebol. Disse-me um acariense desse tempo que, quando faltava um jogador, ele entrava em campo, de batina arregaçada e preenchia o lugar do faltoso. Jogava bem o futebol. Aprendera no Seminário Pio Americano de Roma.

Nessa época, porém, havia séria conturbação no País.

O partido comunista ameaçava. Ele, então, sentiu necessidade de motivar seus paroquianos ao combate do movimento que crescia. Tocou no coração da grande maioria, apegando-se a uma organização que tinha por lema defender DEUS, a Pátria e a Família. Fundou na cidade do Acari e nas então vilas de Carnaúba dos Dantas e Cruzeta, pertencentes ao município e à Paróquia, a Ação Integralista Brasileira. Ao seu lado, congregaram-se grandes personalidades, entre estas Manoel.Lúcio, Manoel José Fernandes, Manoel Torres, Pedro Lúcio, José Pio, o Maestro Felinto Lúcio e muitos outros.

Fazia conferências e reuniões. Passeatas pelas ruas eram presenciadas em fins de semana, e a legião do Sigma crescia.

Ali estiveram como conferencistas o Mestre Cascudo, Dr. Antídio Guerra, Everton Cortez e muitos outros homens ilustres do Estado.

Estoura o movimento COMUNISTA. A região do Seridó, face às notícias, apavora-se. Era uma região desarmada. Anunciava-se a invasão do interior pela estrada que ainda hoje liga Natal ao Seridó.

O povo começa a abandonar a cidade. O Acari perdia já metade de sua população, quando, num domingo, chegam à cidade Manoel Torres e outros amigos, vindo de Carnaúba dos Dantas.

Encontra-se com Walfredo na pracinha.

Pergunta-lhe: É verdade, Padre, que os homens vêm arrasando tudo em nossa direção?

— É sim, Manoel, e temos que lutar.

— Consegui algumas dinamites e algumas armas em Carnaúba e em Picuí; estamos dispostos a impedir a invasão, disse Manoel.

O Tiro de Guerra de Parelhas, disse Walfredo, já passou por aqui. O plano é obstruir a passagem deles na Serra do Doutor. "Trincheiras já estão sendo cavadas e uma cerca de pedras vai ser feita na subida da serra, em uma curva". Ali os aguardaremos. Temos, já, um caminhão para nos levar. Convoque o pessoal.

E horas depois, já reunidas mais de trinta pessoas, rumavam para a Serra do Doutor. Walfredo e seus comandados, levando como armas para defesa, alguns rifles e algumas bombas feitas por Manoel Torres, em Carnaúba dos Dantas. Essas bombas, segundo me disse o inventor, que à época era ferreiro, foram feitas em sua casa e foram utilizados, em volta de cada dinamite, cacos de vidro, pedaços de ferro, arame farpado, pregos, parafusos, etc.

Walfredo, porém, antes de embarcar com os seus comandados, foi à Igreja. Abriu o Sacrário e todos em conjunto pediram a proteção de Deus e da excelsa Padroeira.

Seguiram. Aquartelaram-se no Barracão de João Victor, na entrada de Campo Redondo.

Ali estava o Estado-Maior do Seridó. Os soldados do Tiro e alguns voluntários já se encontravam entrincheirados. Hora fatal.

Tiroteio. Morte de dois invasores. O caminhão que os trazia não pôde transpor a barreira de pedras que havia sido feita. Pânico. Um dos soldados, apavorado, corre ao Barracão e diz:

— A bala está chovendo e os homens vêm aí. . .

Os graduados que se aquartelavam no Barracão de João Victor, face à notícia, sem qualquer arma e meio de defesa abandonaram o posto. Entre estes, estava o Pe. Walfredo.

O soldado, porém, apavorara-se. Os invasores não lograram êxito. A cerca de pedra tinha sido o grande obstáculo, pois eles não esperavam, jamais, que alguém idealizasse tal armadilha.

Fim da intentona. Volta à paz. Todo o Seridó se tranqüiliza. Debandada geral.

Em 4 de fevereiro de 1936 passava Walfredo a Paróquia ao Pe. Antonio Chacon, deixando o Acari com saudade pelo muito que fizera por Deus, pela Pátria e pela família acariense.

Alto comando do movimento Integralista Brasileiro reunido em Acari, neste Estado. Vêem-se sentados: Everton Dantas Cortez, Manoel Genesio Gomes, Manoel Lúcio Filho. De pé: o Mestre Câmara Cascudo, Luiz Veiga, Walfredo Gurgel, Manoel José Fernandes (Bilé), Antonio Pio, (garoto não identificado) e Carlos Gondim

A VOLTA À TERRA NATAL

Da freguesia de N. Senhora da Guia, do Acari, saía o jovem sacerdote para sua terra, onde, como vigário, regeria os destinos da freguesia de Sant'Ana. Ali chegando, iniciou suas atividades de pároco. Já em dias de dezembro, fundava a Congregação Mariana. Às 18 horas desse dia, após haver Zé Ezelino — fotógrafo e músico — apanhado a foto comemorativa dos congregados, tendo ao centro o novo padre-vigário, ouviu-se do mesmo um sermão em que encorajava os neo-marianos e concitava-os a nunca se envergonharem da fita azul.

E começou o serviço de pastoreio. A Diocese de Caicó era um sonho de D. José Pereira Alves, o mesmo que fizera surgir em Walfredo o desejo de tornar-se padre. Em 1925 já era anunciada a notícia de sua criação. Não vingou, porém, a idéia e desejo do ilustre antístite.

Somente em 1939, entretanto, foi a bula assinada. E por feliz coincidência chegava a Caicó a notícia, quando o Pe. Walfredo voltava à sua terra.

Ele, realmente, desde sua posse na nova freguesia, assumiu o compromisso sagrado de trabalhar pela futura Diocese.

E foi, justamente, durante sua gestão que o sonho e as esperanças do povo seridoense se concretizaram.

Cheio de entusiasmo e satisfação, anunciou ao povo a boa nova e promoveu atos religiosos de ação de graças, pois, a esse tempo, era o Vigário da Paróquia.

O Autor do Livro — Caicó — subsídios para a história completa do município — editado em 1945, diz:

> "Por fim muitos outros homens ilustres do Seridó trabalharam pelo Bispado caicoense. Mas eu quero, aqui, pôr em relevo destacando o nome do Mons. Walfredo Gurgel, atual Vigário-Geral da Diocese, que se esforçou ao lado do Sr Bispo tanto quanto pôde."

O Bispo aludido pelo autor é D. Marcolino Esmeralda de Souza Dantas e o autor é a figura inteligente e boa do Mons. Eymard L'Eraistre Monteiro.

Fundada a Diocese, como conseqüência, vem o 1º Bispo de Caicó. Várias frentes são abertas nos setores educacional, patrimonial, social, tudo em ritmo acelerado e com vistas, tão-somente, ao bem-estar dos diocesanos.

Sua instalação teve caráter soleníssimo e de um brilhantismo incomparável. Deu-se em plena festa de Santa'Ana, num domingo, às 9 horas, antes da Missa da Padroeira. Era o administrador apostólico da nova Diocese o Mons. Paulo Heróncio de Melo, Vigário de Currais Novos, que representava D. Marcolino Dantas.

À mesa da sessão solene, tomavam assento o Mons. Paulo Heróncio, o Representante do Interventor Federal, o Prefeito da Cidade, Inácio de Medeiros Dias, o Côn. Amâncio Ramalho, Vig. de Parelhas, Pe. Ambrósio Silva, Vig. do Acari, Pe. Expedito Medeiros, Vig. de Jardim do Seridó e Pe. Walfredo Gurgel, Vigário da Catedral.

A leitura da Bula Pontifícia, em latim, foi feita pelo Pe. Walfredo Gurgel que, em seguida, usou da palavra, para dizer do contentamento e satisfação do povo do Seridó e, principalmente, de sua terra, pelo acontecimento; pessoas que assistiram ao ato dizem que jamais viram Walfredo tão inspirado, tão emocionado e tão feliz.

Encerrando a sessão, o Mons. Paulo agradeceu aos presentes, às autoridades e, na pessoa de Walfredo, agradeceu ao clero.

Restava, assim, aguardar a vinda do primeiro Bispo. No dia 29 de junho de 1941, era sagrado D. José de Medeiros Delgado, cuja posse se concretizou em 27 de julho. Walfredo, logo em seguida, pelos relevantes serviços prestados à igreja e à nova Diocese, foi nomeado Cônego e, logo depois, com as honras de Monsenhor, tornou-se o Vigário-Geral da Diocese. (Pe. Eymard L'Eraistre Monteiro.)

O DESPORTISTA

Chega, para ficar, à sua Caicó querida, que, nessa época, liderava o esporte das multidões. Existiam ali, times de futebol de adultos. O ITANS, O GUARANI e O SÃO CRISTÓVÃO. O time principal tinha a escalação seguinte: João Pereira, Elias e Carneiro; Derossy, Floro e Velhinho; Titico, Duda, Manoel Paulo, Pé de Graxa e Evoide. Era esse, O ITANS FUTEBOL CLUBE.

O Padre não se conteve; educador como o era, fundou um time de futebol infantil: O Caicó Infantil Clube. Erildo L'Eraistre Monteiro era um dos seus mais afamados craques.

E é, justamente, esse amigo quem fala desse passado, dessa fase, já bem distante, mas, de tão belas recordações, numa autobiografia, ainda inédita, que pretende brevemente publicar:

> "Por último (e propositadamente eu deixei), tínhamos o mais famoso time de futebol de toda a zona seridoense: O Caicó Infantil Clube, fundado e dirigido, pessoalmente, por um padre que era o Vigário da cidade; WALFREDO DANTAS GURGEL. Nunca esqueci a formação da equipe:
>
> João Barros, Chiquinho e Adailton; Catolé, Felix e Bôli-Bôli; Damásio, Nino, Chicanga e seu criado Erildo e Cornélio. Em qualquer cidade da zona do Seridó, onde pisava "o tenebroso time de futebol dos endiabrados meninos de WALFREDO", como dizia o falecido PADRE AMBROSIO, Vigário de Acarí, a vitória era líquida e certa. "Esta também uma das páginas felizes de minha vida."

Aí estão palavras da autobriografia do amigo Erildo.

Pára, Walfredo, mais tarde no Ginásio. Após construir as primeiras salas de aula e a Diretoria, tratou de preparar o terreno para um campo de futebol. Fê-lo em curto espaço de tempo. Queria que os alunos praticassem esportes, em horas determinadas, apesar do trabalho incessante do magistério nos colégios e de Sacerdócio, na Diocese. O Ginásio, com o passar dos meses, tinha

um respeitável quadro. Walfredo sempre o levava a Patos, na Paraíba, a Mossoró e às cidades vizinhas.

Aqui mesmo em Natal, derrotamos um quadro dirigido pelo filho do então Interventor Fernandes Dantas — O Flamengo — por 5x1, e, no dia seguinte, tivemos de nos deparar com a Seleção do Rio Grande do Norte (estudantil) quando perdemos por 1x0.

O quadro dirigido por Monsenhor tinha a seguinte formação:

Dida, Benedito e Eloi; Damasio, Pereira e Silvino; Cornélio, Araújo, Chicanga, Bianor e Levi.

A Seleção do Rio Grande do Norte:

Cabral, Tong Ramos e Zé Lins; Nazareno, J. Ubarana e Armando, Xavier; Viana e Canuto.

O time de Walfredo hospedou-se no Hotel Bela Vista, da Junqueira Aires.

Era torcedor do Vasco da Gama. Ao transferir-se para Natal, preferiu as cores do Alecrim.

Havia em Caicó um Coletor Estadual, Luiz Gonzaga de Medeiros, que torcia ardorosamente pelo Flamengo. Quando os dois quadros se defrontavam, o perdedor tinha que aceitar a gozação do vencedor.

Depois de certo tempo, Luiz foi removido para Mossoró e, quando do primeiro encontro entre os dois quadros, recebeu de Walfredo um telegrama pelo qual lastimava a derrota do seu quadro.

Daí por diante o telégrafo passou a faturar mais um pouco, pois, sempre que jogavam Vasco e Flamengo, havia uma mensagem de ida e outra de volta. Em Natal era Alecrinense, como dissemos. E seu sócio benemérito pelo muito que fez pelos periquitos. A sede esmeraldina foi por ele doada.

Como desportista autêntico, não deixava que a falta de um jogador prejudicasse um treinamento. Era sempre o Juiz e Técnico, mas nem sempre deixava de passar à frente o apito para também jogar.

Melhor do que alguns pernas-de-pau do time que organizara.

Atuava de batina mesmo. Nem sequer a arregaçava, como faziam os velhos Vigários, quando tinham de viajar a cavalo, no mister do sacerdócio, visitando as mais distantes capelas ou em visitas a doentes, a fim de levar-lhes o sacramento da extrema-unção.

Era, assim, um homem que, enquanto se dedicava ao sacerdócio e ao ensino, não desprezava o esporte, a música e tudo aquilo que *contribuísse* para uma perfeita formação.

Seguia, é certo, o "Mens sana in corpore sano..."

Jogo amistoso, em Natal: Vasco x Alecrim.
Walfredo, torcedor dos dois quadros cumprimenta os jogadores
(Foto de Paulo Saulo)

PRIMEIROS DIAS DO GINÁSIO

Chegando a Caicó, D. Delgado arregaçou as mangas, após bater o pó. Não pisava em terra desconhecida. Vinha de Campina Grande, de um povo tão católico como o nosso, com os mesmos costumes, hábitos, virtudes e anseios. Como se fincava em terra firme e segura, iniciou uma fase de denodado trabalho, não só espiritual, como, principalmente, assistencial e educacional. Atacou, assim, todos os setores indispensáveis à novel Diocese. Ao seu lado, o operoso Côn. Walfredo. Sentiram a necessidade inadiável de dar à juventude de Caicó e do Seridó o encaminhamento devido e indispensável.

Surge o Ginásio Diocesano Seridoense, com o assentamento da primeira pedra, no então distante bairro da Paraíba. Plantava-se a semente pioneira no Seridó.

A Ordem, jornal da Diocese de Natal, fazia alusão ao fato, no dia 6 de fevereiro de 1945, com as seguintes palavras: "já nos anos 30, como Vigário de Campina Grande, D. Delgado tornara-se conhecido por seu trabalho em favor dos pobres daquela cidade. Como primeiro Bispo de Caicó e contando, na parte assistencial, com a cooperação da LBA e do SERAS, D. Delgado, nos primeiros três anos de Governo (1941-1943), dotou a Diocese com 1 Ginásio (inaugurado em 1942).

Mal se concluiam o pavilhão da administração, duas salas de aula, um salão de estudos, um dormitório e parte sanitária de emergência, abrem-se as matrículas para o exame de admissão. Até então, apesar do crescimento da cidade e do desenvolvimento do Município, seus filhos não tinham outra alternativa, ao terminar o primário, senão ir em busca de outras cidades, ou melhor, capitais, se desejavam ingressar no curso Ginasial.

Concluídos os exames de admissão. Férias de fim de ano nos demais estabelecimentos escolares. Espaço de tempo necessário para andamento da obra física.

Surgem, então, os primeiros internos. Os cinco primeiros a ali chegarem hospedaram-se na Casa do Diretor, Côn. Walfredo e faziam refeições na casa de mãe Quininha...

Era o começo da vida de Mestre, do grande educador Walfredo...

Lecionava já no Colégio Santa Therezinha, das Irmãs Dorotéas, e passava a dedicar-se, de corpo e alma, ao Ginásio.

Era tudo: Diretor, Professor de várias matérias, contador, administrador da obra em andamento e, ainda, sobrava-lhe tempo para treinar os times de futebol, de vôlei e assistir aos ensaios da banda de música, que organizara e que tinha, como regente, o querido e estimado Mestre Bedé.

Escreveu, então, a letra do hino oficial do Ginásio, cuja música, teve a inspiração do Pe. Aderbal Vilar.

= HINO =

A ciência é a luz que nos guia
Para as lides podermos vencer
O Ginásio nossa alma alumia
E nos mostra os clarões do dever.

Estribilho

Companheiros, unidos, cantemos
Nossos hinos de glória e da fé
Estudando na vida seremos
Brasileiros altivos de pé.

Nossos livros nos falam de glória
Que na vida nos pode servir
Nossos nomes gravados na história
Ficarão imortais no porvir

Nós queremos erguer nossa terra
Às alturas sublimes dos céus
Brasileiros na paz e na guerra
Pela Pátria querida e por Deus.

O DRAMATURGO

Procurava Walfredo, à frente do Ginásio, desenvolver a cultura da juventude caicoense, sob todos os aspectos.

Não só as aulas pontualmente ministradas, o programa rigorosamente cumprido satisfaziam seu desejo.

O esporte, a música, o jornalismo eram sua paixão. Caicó, na época da instalação do Ginásio, quando para lá se dirigiam jovens de todos os pontos do Estado, era uma cidade sem diversão. Não dispunha, sequer, de um clube recreativo. Os bailes da sociedade realizavam-se no Salão nobre da Prefeitura Municipal.

Havia, apenas, o velho e tradicional cinema PAX, localizado numa das esquinas da Praça da Liberdade. Ainda me lembro de quando, aos sábados e domingos (dias em que os internos podiam freqüentá-lo), a sirena alarmava, por três vezes, em espaços de quinze minutos, anunciando o início do filme.

A estudantada aglomerada na pracinha para ver a "fita". O internato vivia em dificuldade. A alimentação era, às vezes, precária. Na segunda época, eram as refeições feitas na casa de Dª Quininha. Economia era o lema.

Walfredo necessitava de fundos, não só para continuar as obras físicas do Ginásio, como também manter o internato. Tornou-se, então, dramaturgo. Inspirando-se em fatos da última guerra mundial, compôs: AMOR NAS TRINCHEIRAS, drama em 3 atos. Os personagens eram alunos do Ginásio e do Colégio de Santa Therezinha, os quais, no velho Cinema Pax, surgiram, na época, como artistas de teatro e contribuiram, com as rendas dos "festivais", para que os caicoenses vissem as paredes do Ginásio se erguer...

Era, assim, um verdadeiro abnegado. Tudo fazia para que o sonho da juventude fosse concretizado. Sua cidade e seu povo hão

de agradecer tudo o que ele fez em prol do desenvolvimento da cultura em todo o Estado.

Sentia-se feliz ao transmitir o que aprendera. Nesse drama ensina religião, geografia, história, civismo. Enaltece o amor à Pátria e à religião. Fala da fé, do amor, de Deus.

UM REGIONALISTA AUTÊNTICO

Bom sertanejo era Walfredo. E, como tal, orgulhava-se de ser seridoense. Amaro Cavalcanti, Cons. Brito Guerra, Pe. João Maria, José Augusto Bezerra de Medeiros, Juvenal Lamartine, Eugênio Sales, D. Adelino e tantos outros seridoenses ilustres cantaram ou ainda cantam os amores pela terra abençoada.

O seridoense é realmente o mais sentimental dos potiguares. Ninguém esquece o canto do galo, o mugido do boi, a água do riacho, a sangria do açude, o luar, o vento frio e penetrante, a brisa da tarde, o som do chocalho, cheiro do curral, rede armada no alpendre, as selas, cangalhas e cilhões pendurados, os arreios e tudo mais que retrata um sítio de saudosa lembrança.

A cidade, a missa dominical, as novenas, a padroeira.

A escola primária, a palmatória, o **b** cum **a** ba=ba...

Tudo isso, todas essas lembranças vão conosco ao túmulo.

Walfredo amava sua Caicó. Não esquecia o seu Seridó.

Nas horas vagas, extravasava esse amor incontido, em versos. Era glosador e como tal deixa-nos uma boa contribuição, atestadora de sua paixão pela terra-mãe.

Vejamos a sua exaltação ao algodão de friba longa, aos peixes de água doce, ao milho verde e às noites de S. João. Lembra o terreiro da fazenda, as agruras da seca e as bonanças do inverno, os joazeiros frondosos e as oiticicas acolhedoras, o ronco das cachoeiras e realização da vaquejada.

E conclui revelando o seu último desejo:

"Nesta terra onde nasci
Aqui desejo morrer..."

A morte, porém, não o arrebatou da cidade de Caicó. Seu corpo, entretanto, ali repousa, na sua catedral e a poucos metros da casa onde passou a maior parte de sua edificante vida.

Satisfeita, portanto, sua vontade...

1 — Nesta terra onde nasci,
Aqui desejo morrer.

Gente melhor nunca vi,
Nem povo mais camarada,
Nunca me faltou nada
Nesta terra onde nasci.
Sempre feliz eu vivi
Não quero outra sorte ter,
Pois não sei o que é sofrer,
Posso vagar lá por fora,
Mas quando chegar a hora,
Aqui desejo morrer.

2 — Coitado do papagaio
Trepado num "pau-de-arara".

Isso foi no mês de maio
Do ano que se findou.
A seca tudo assolou;
Coitado do papagaio!
Olhava, assim de soslaio,
Naquela manhã tão clara,
Lamentando a sorte avara.
O seu peito arfava tanto,
Os olhos cheios de pranto,
Trepado num "pau-de-arara".

3 — Contemplei Nossa Senhora
Cercada de branca luz.

Não estou lembrando agora
Se dormindo ou acordado,
Mas num céu todo estrelado
Contemplei Nossa Senhora.
Trazia cores da aurora
A mãe do meigo Jesus
Que por nós morreu na cruz.
Como era bela, formosa,
Cercada de branca luz!

4 — Algodão de fibra longa
É de todos o melhor.

Por onde a vista se alonga
Quando contempla um roçado,
Vê somente ali plantado
Algodão de fibra longa.
Mesmo o grito da araponga
No joazeiro maior,
Ecoando em derredor
Parece dizer mais forte:
Entre os algodões do Norte
É de todos o melhor.

5 — No terreiro da fazenda
Berra o bode e o galo canta.

Depois de seca tremenda,
Quando chega a invernada,
A vida é mais animada
No terreiro da fazenda,
Espera-se boa renda
Depois de miséria tanta;
Há gorgeio na garganta
Da passarinhada em festa,
E, pra completar a orquestra,
Berra o bode e o galo canta.

6 — Não troco curimatã
Pelos pescados do mar.

Quando acordo de manhã
E me dirijo ao mercado,
Pela carne do cevado
Não troco curimatã,
Vejo xaréu, curimã,
Cioba boa pra assar,
Mas, não desejo comprar,
Não troco os peixes de açude,
A não ser que o gosto mude,
Pelos pescados do mar.

7 — Minha terra tem cardeiros,
Tem xique-xique e pinhão.

Tem juremas, tem pereiros,
Angico — madeira amiga,
Mofumbo, pau d'arco, urtiga
Minha terra tem cardeiros.
Tem frondosos joazeiros
Que não secam no sertão
E viçosos sempre estão.
Oiticicas, catingueiras,
Imburanas, aroeiras,
Tem xique-xique e pinhão.

8 — Peguei no rabo do touro
Na porteira do curral.

Com minhas vestes de couro
Assisti à vaquejada.
No início da derrubada
Peguei no rabo do touro.
Ouviu-se logo um estouro
No aceiro do matagal
Nunca se viu queda igual.
Meu alazão disparava,
Sempre que um bicho espirrava
Na porteira do curral.

9 — O ronco das cachoeiras
Enche de festa o sertão.

Há chuvas nas cabeceiras,
Quando a noite é invernosa.
Ruge na manhã cheirosa
O ronco das cachoeiras.
Passam céleres, faceiras,
As aves que em bando vão
Voando pela amplidão.
A chuva é bênção divina,
Alegra, fecunda anima,
Enche de festa o sertão.

10 — Como é bela a nossa vida,
Quando chove no sertão.

Quando a terra renascida
Se reveste de esperança
E tudo cheira a bonança,
Como é bela a nossa vida!
A natureza florida
Tranqüiliza o coração;
Há uma transformação
Em tudo que nos rodeia
E o homem não se aperreia
Quando chove no sertão.

11 — Não maltrate o passarinho
Deixe o canário cantar.

Menino, pense no ninho,
Abandone a baladeira,
Procure outra brincadeira,
Não maltrate o passarinho,
Que vem assim de mansinho,
A comida procurar,
Para os filhos sustentar.
Quebre depressa a gaiola,
Seja bom que isso consola
Deixe o canário cantar.

12 — Assei milho na fogueira
Da noite de São João.

Houve festa a noite inteira,
Cangica, queijo, pamonha,
E na algazarra medonha
Assei milho na fogueira.
Prolongou-se a brincadeira
Dos fogos sob o clarão,
Pistolas, traques, balão.
No fim de tudo uma prece
E a gente nunca se esquece
Da noite de São João.

13 — Passei a noite sonhando
Com milho verde e feijão.

Às vezes, de quando em quando
Tenho sonhos de fartura.
Assim, ó grande ventura,
Passei a noite sonhando.
Eu via na mesa um bando
De pratos em profusão.
Talvez fosse indigestão,
Talvez pesadelo fosse,
Mas era um sonho tão doce,
Com milho verde e feijão.

14 — Inácio Vale Sobrinho
Tem medo de muriçoca.

Andando devagarinho
De casa para o trabalho
Sem chapéu, sem agasalho
Inácio Vale Sobrinho.
Atravessa o seu caminho
Com chuva ou quando sufoca
O sol que a pele pipoca,
Nada na vida o esmorece
Mas mentira até parece
Tem medo de muriçoca.

15 — É medonha a carestia,
Pobre aperta o cinturão.

Tudo sobe cada dia:
Carne, roupa, rapadura,
Queijo, farinha e verdura;
É medonha a carestia.
Ninguém tem mais alegria.
Vai-se na feira o tostão
Pois é grande a exploração
Vive o pobre aperreado.
Rico gasta o seu cruzado
Pobre aperta o cinturão.

O INGRESSO NA POLÍTICA

Convidado por próceres do Partido Social Democrático, começa a surgir o político Walfredo. Ingressou em suas fileiras e passou a integrar o Diretório Regional, comandando-o em todo o Seridó. Ambos os partidos existentes acolhiam em suas fileiras homens de liderança, a fim de ver sua facção sair majoritária no pleito que se aproximava.

No Seridó surgiam adeptos de Juvenal Lamartine, José Augusto Bezerra de Medeiros, Florêncio Luciano, Vivaldo Pereira, José Evaristo de Araújo, Cel. João Medeiros, Da. Santa Laurentino, Aproniano Pereira e muitos outros.

José Augusto liderava os Udenistas. O PSD recorreu a Walfredo. Era o coordenador do partido em todo o Seridó, tendo, como quartel-general, a cidade de Caicó.

Seu valor intelectual e comunicativo, e por ser homem de estremado amor à terra e ao seu povo, transformaram-no em espantalho para os opositores. Agradecera o convite que lhe houvera sido feito pela UDN, mas, a habilidade de Georgino Avelino fez despontar um valoroso soldado do Partido. Já dera prova de liderança em Serra do Doutor.

Os opositores temiam sua candidatura a Deputado Federal. Em plena campanha recebe uma carta de um conterrâneo e, após lê-la, ouvindo a família, respondeu-a seis dias após.

Transcrevemo-la, a seguir. Ao leitor cabe responder à pergunta:

Alguém mudou?

Natal, 27 de agosto de 1945.

Meu caro Walfredo

Cordiais saudações.

As minhas atividades profissionais e políticas têm me tomado todo tempo sem me permitirem ao menos acompanhar os acontecimentos mais próximos. É assim que somente agora acabo de ler

uma "MENSAGEM AO POVO DO SERTÃO", distribuída há dias em nosso Caicó e, segundo informações que foram dadas por próceres do PSD, é de sua autoria. Sempre fui contra entendimentos por correspondência com pessoas de minhas relações de amizade, mormente em se tratando de casos que exigem explicações que pessoalmente melhor se esclarecem. Só tenho motivos para vê-lo entre os que me têm honrado com atenções e amizade. Não veja, portanto, nestas linhas, outra cousa senão a necessidade que tenho de documentar o assunto nesta tratado, para em linguagem clara e honesta poder me dirigir aos caicoenses e analisar os fatos e as suas origens. Não tivesse eu lido entre outros termos bombásticos da supracitada "MENSAGEM" o trecho seguinte: "O Partido Social Democrático que congrega em suas fileiras a totalidade dos brasileiros honrados e dignos não poderia deixar de ser a expressão verdadeira de nossas tradições cristãs"; talvez não acorresse com tanta pressa a sua presença para pedir o seu pronunciamento sobre a responsabilidade da autoria a você atribuída. Sou católico, portanto, cristão. Não me considero indigno nem desonrado e graças a Deus não pertenço às fileiras do PSD, partido que congrega a totalidade dos remanescentes do totalitarismo brasileiro. Não quis acreditar que fosse de sua autoria o referido boletim, porquanto me parece incompatível a sua admiração de sacerdote católico por um governo que proibiu a divulgação da Pastoral do Arcebispo de São Paulo contra o grande câncer social que é o jogo. Não censuro e nada tenho a ver com as suas atividades políticas. Acho mesmo que você continua coerente com as suas convicções totalitárias, ainda há pouco dias reafirmadas a mim pessoalmente em minha residência quando do meu regresso do Rio de Janeiro. Sei que você era e continuou a ser integralista antes e depois do golpe fascista de 38, quando um grupo integralista armado atacou a Guanabara para tentar contra a vida de Getúlio Vargas, hoje grande Presidente. Sei também que você foi chamado à polícia no Governo do Sr. Getúlio Vargas como suspeito de atividades quinta-colunistas. Reconheço que você é um espírito evoluído mesmo dentro dos rígidos princípios que norteiam a Igreja. Tenho por hábito a lealdade e como norma de vida assumir a responsabilidade daquilo que a minha consciência me indica como cumprimento do dever.

Daí ter distribuído com minha assinatura uma explicação aos caicoenses sobre a atitude política que assumi desde a primeira hora, certo de que traduzi fielmente o pensamento dos que dese-

jam nossa terra próspera e feliz. Sei que D. José proibiu terminantemente atividades político-partidárias dos vigários de sua diocese. Isto não impediu que você desrespeitasse essa recomendação e tomasse parte ativamente na campanha política em curso. Apesar disto venho me abstendo de comentários sobre sua atividade e até de combatê-las como é do meu dever partidário. Quis lhe escrever logo que regressei do Rio e tomei conhecimento da propaganda política que você vem fazendo no nosso "Ginásio Seridoense", construído pelo idealismo de D. José, ao que não faltou a patriótica colaboração de todos os bons caicoenses. Talvez porque venha testemunhando o imenso sacrifício com que tem sido construído aquele modelar estabelecimento de ensino e compreenda bem a sua grande finalidade na formação de uma mentalidade nova que melhor possa servir a nossa terra nos dias indecisos do futuro, é que acho condenável esse seu modo de proceder, até hoje "sui generis" na história educacional de países democráticos. Somente na Alemanha de Hitler, ou na Itália de Mussolini, era admissível, ou melhor, obrigatório, esse processo fascista. Agora mesmo o Diretor do Departamento de Educação deste Estado, numa louvável iniciativa, recomendou a todos os estabelecimentos oficiais de ensino inteiro alheamento de assuntos políticos, chegando mesmo a proibir rigorosamente. Fica, pois, aqui com o respeito as suas idéias, o meu protesto de um colaborador leal e dedicado que só deseja ver o nosso Ginásio integrado na sua finalidade de educar a juventude dentro dos princípios sãos e das tradições históricas de nossa Pátria. Você poderá dizer até que eu nada tenho com a direção do Ginásio, entretanto eu me antecipo em lhe afirmar que me interesso por tudo que de perto esteja ligado ao nosso Caicó, a quem, tenho certeza, venho servindo com dedicação e lealdade e a quem jamais me cansarei de servir. Poderão lhe parecer estranhos os meus comentários de você ter sido integralista, Partido que atentou contra a vida do Sr. Getúlio Vargas; ter sido chamado à polícia por esse mesmo governo como suspeito de atividades quinta-colunistas e hoje chamá-lo de Grande Presidente; mais ainda ter me declarado que não tinha tendências democráticas e hoje aparecer pedindo votos e falando em democracia. Todas estas apreciações foram feitas sem nenhum intuito de magoá-lo, apenas encerram a advertência de um amigo que, como já lhe disse, não fugirá à análise, por mais dura que seja, de atitudes, fatos e pessoas.

Quanto a sua mentalidade evoluída, como sacerdote, perdoe-me a franqueza, na qualidade de católico que também sou, me

cabe apreciá-la. Sempre desejei para o nosso Caicó um ambiente de paz e de harmonia completa e acho que ninguém melhor que você poderá testemunhar.

Aguardando a sua resposta, ficarei muito agradecido se ela me chegar com a brevidade desejada.

Cordialmente, seu amigo.

Dinarte

Caicó, 2 de setembro de 1954

Caro amigo Dinarte

Saudações Cordiais.

Não me causaram surpresa os dizeres de sua carta de 27 de agosto. O que você agora me diz, já o dissera antes, em palestra a amigos nossos. Para mim não foi novidade alguma. Com satisfação passo a responder a vários tópicos de sua carta. Sobre a "MENSAGEM AO POVO DO SERTÃO", você deve ter visto tratar-se duma publicação de propaganda do diretório do PSD, de Caicó. O diretório, que assinou a Mensagem, sem dúvida não fugirá à responsabilidade por tudo que nela se contém. Sobre convicções totalitárias que você me atribui, penso que há equívoco de sua parte, pois não quero atribuir-lhe má-fé. Como sacerdote e como simples cidadão, sempre condenei a absorsão da pessoa humana pelo Estado, o que constitui a essência nos regimes totalitários. Sobre pretensas atividades quinta-colunistas, pelas quais fui chamado a comparecer perante a polícia do Dr. Getúlio Vargas, você está enganado. A Polícia era do Dr. Rafael Fernandes, seu correligionário, e o motivo não era quinta-colunista, como você bem sabe. Você fala, ainda, sobre recomendações do Exmº Sr. Bispo aos vigários, por mim desrespeitadas. Neste particular, só ao Sr. Bispo tenho de prestar contas das atitudes que assumir, e não a leigos que se dizem católicos e não praticam a Religião. Diz você, que tenho feito campanha política no Ginásio Seridoense. Você, mais uma vez, está mal informado. Um dia reconhecerá ser falsa e injusta esta acusação leviana contra minha humilde e desinteressada colaboração à obra educacional da mocidade da nossa terra.

Espero, Dinarte, que você não repetirá mais os conceitos falsos que vem constantemente emitindo sobre minha pessoa e minhas atitudes, baseado em informações tendenciosas e sem escrúpulo. Em campos opostos, mantenhamos os nossos pontos de vista den-

tro das normas da ética política, sem ataques pessoais, sem explorações pequeninas. Sei que, como eu, você está animado pelo desejo de ser útil à nossa terra. Se julga estar certo, deixe que os outros tenham o direito de pensar por si mesmos, julgando justas as atitudes assumidas.

Esperando uma melhor compreensão de sua parte,

Subscrevo-me, conterrâneo e amigo

Mons. *Walfredo Gurgel*

A REDEMOCRATIZAÇÃO

Preparava-se o País para eleger a Constituinte. Haveria eleições no ano seguinte. UDN e PSD organizados, procuravam compor suas representações na Câmara Federal. Após a convenção, líderes do Partido Social Democrático, capitaneados por Georgino Avelino, dirigiram-se a Caicó, a fim de manterem entendimentos com um dos membros do Diretório Regional. Desejavam que disputasse uma das Cadeiras da Baixa Câmara. O procurado era Walfredo.

De Georgino Avelino, disse ele em entrevista concedida a um dos jornais desta Capital:

> "Foi quem me levou para a vida pública. Era grande articulador, bom papo, grande orador e de uma sensibilidade política impressionante."

Reuniram-se os líderes em Caicó. Feito o convite, Walfredo fez algumas ponderações e ao concluí-las disse não poder aceitar a candidatura por estar ao lado de D. Delgado, dedicando-se à implantação da Diocese recém-criada e do Ginásio Diocesano Seridoense, já em pleno funcionamento. Ocupava o Cargo de Vigário Geral da Diocese, era Diretor do Ginásio, seu professor de Português, Latim, Francês e Matemática, além de ensinar no Colégio Santa Therezinha, do qual era, também Capelão. Não dispunha, sequer, de meios financeiros para pleitear a eleição. Entendia impossível o atendimento, mas, deixaria a decisão final a critério do seu Bispo Diocesano, D. Delgado.

Outra alternativa não teve o velho Senador, senão a de procurar um entendimento com o Sr. Bispo. Antes, estivera com o Sr. Arcebispo de Natal, D. Marcolino Esmeralda de Souza Dantas, de quem não recebera um "não" taxativo.

Houve o encontro com D. Delgado. Ante a situação em que se encontrava a Diocese, com serviços atacados por todos os lados e setores, D. Delgado, sem dispor de um substituto para Walfredo, decidiu solicitar de D. Marcolino um sacerdote que preenchesse sua vaga, pois, caso contrário, não lhe concederia o liberatório. Era ele, o seu braço direito.

O Velho Marcolino, disse então: — Delgado: precisamos de sacerdotes na Câmara, pois, sabemos que aí vem a campanha em favor do divórcio e a Igreja necessita de defensores para combatê-la.

Devemos concordar com a indicação de Walfredo. Sei que você não poderá ficar sozinho no ingente trabalho que desenvolve na sua Diocese mas, para compensar a ausência de Walfredo eu lhe cedo o Pe. Expedito, homem de raras virtudes e grande capacidade de trabalho.

Dom Delgado, sabedor do valor de Expedito, aceitou a indicação. Walfredo, então, recebeu o beneplácito episcopal e concorreu à eleição. Terminada a apuração era a bancada do PSD formada pelos seguintes representantes:

Diolécio Duarte, José Varela, Mota Neto e ele.

Consagrado nas urnas, veio a posse. Volta ao Estado já diplomado Deputado Federal. Dom Marcolino, porém, não pusera à disposição da Diocese de Caicó o Pe. Expedito. Preparava-se D. Delgado para cobrar o compromisso.

Faz, Walfredo, a primeira visita ao Sr. Bispo. Nessa ocasião disse-lhe o Prelado:

— Walfredo, continuo sozinho; Marcolino não mais quer ceder o Expedito porque o mesmo está desenvolvendo um trabalho tão importante que impossível se torna determinar seu afastamento do setor onde atua. Você está eleito, diplomado e empossado. Não há de ser nada. Tentarei levar a Cruz sozinho.

O Deputado, de pronto, respondeu:

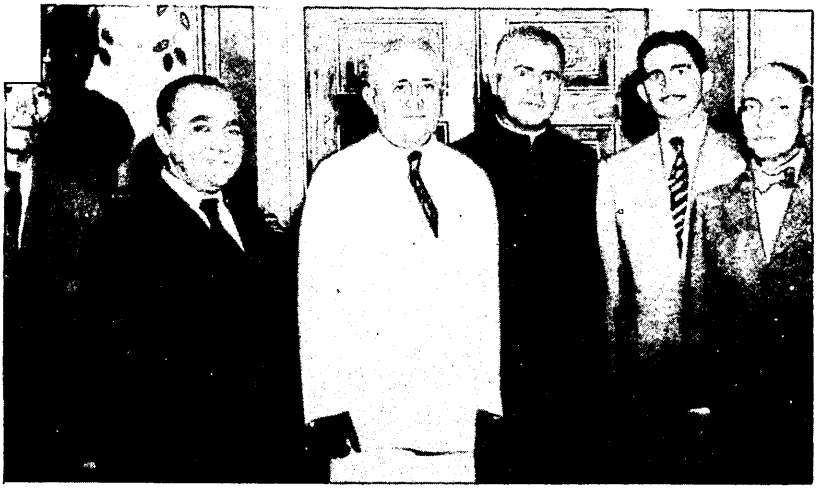
— Sr. Bispo, sempre desejei ajudá-lo nesta missão. Antes de tornar-me político militante já era Sacerdote; antes de ser representante do povo já era servo de Deus. Devo-lhe obediência. E, assim, decido: renunciarei ao mandato de Deputado Federal.

D. Delgado, então, retrucou: Não. Você comprova o valor e dignidade que sempre lhe atribuímos. Volte à Câmara.

Era esse o Walfredo, figura de decisão, de humildade, obediência e desprendimento.

Aonde fosse, deixava à vista de todos essas virtudes que enaltecem, embelezam e perenizam qualquer ser humano...

Momento em que Walfredo assinava a Constituição de 1946. À mesma apresentou duas emendas: a primeira referente a benefícios especiais aos ex-combatentes e a segunda declarando gratuito o ensino primário no Brasil.



Primeira visita da Bancada do PSD ao Presidente da República. Vêem-se: Dr. José Varela, Dioclécio Duarte, Pres. Dutra, Walfredo Gurgel, Mota Neto e o Sen. Georgino Avelino.

O SERIDÓ — OS SENADORES DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA

O Seridó sempre se sobressaiu na representação da política estadual. Sem apontarmos os civis que honrosamente se destacaram nesse setor, onde Caicó e Acari surgem com maior número de filhos, desejamos dar relevo a dois sacerdotes que nos representaram em duas épocas: o Império e a República.

Ambos filhos de Caicó e com identidade bem acentuada de vida. No Império tivemos Brito Guerra, sobre quem já escreveu José Melquíades — **Brito Guerra, um Senador do Império** — além de inúmeros trabalhos de escritores conterrâneos.

Uma coincidência feliz. Quando Presidente da Fundação José Augusto, Walfredo autorizou a publicação do Livro de Melquíades. Fui a Caicó, em companhia do autor, a fim de, ali, fazer o lançamento da obra. Representava, na solenidade, por deferência especial, o Governador Walfredo Gurgel.

Otto de Brito Guerra, em **História do Rio Grande do Norte,** de João Alves de Melo diz:

> "Único norte-rio-grandense que no Império chegou ao Senado. Presidira a Assembléia Legislativa provincial, reunida em 2 de fevereiro de 1835. Trinta anos ensinou Latim. Deixou mais de uma quinzena de padres educados por ele. Civilizou, doutrinou, dominou a região do Seridó. Quando voltou da Câmara trouxe charutos que eram sobremesa da Corte"... "Não posso afirmar que o Padre tenha escrito alguma coisa no "Natalense", mas se o fez, foi em tom de calma profunda. Era homem raciocinador, pensado e seguro, incapaz de um pulo em falso, de uma palavra injustificada. Não aprendeu coisa alguma com Feijó, seu íntimo, tirante e já existente obstinação da honestidade e a teima em acompanhar o amigo, quando os liberais na ascensão de Araujo Lima. Sua alta e veneranda

figura merece o carinho pela confiança que possuia na terra pequenina e na criação da imprensa em época injustificada. Só esta face, se outras não existissem para justificar-lhe incessante atividade, consagra-o."

Este, o retrato de Brito Guerra, revelado por seu sobrinho bisneto: Otto de Brito Guerra.

Vejamos o de Walfredo:

Único norte-rio-grandense que chegou à Câmara e ao Senado da República. Presidira a Assembléia Legislativa Estadual a partir de 31 de março de 1961, como Vice-Governador.

Vários anos ensinou Latim, Francês, Inglês, Matemática e Português. Deixou mais de uma centena de padres e profissionais liberais educados por ele. Deixou o Senado para dirigir seu Estado e escreveu no **Democrata** e na **"Folha"**, de Caicó. Era, também, raciocinador, pensador e seguro. Sua retidão, seu amor à paz, sua devoção no trato da coisa pública, suas obras e vida, deram-lhe a condição de ser consagrado pelo seu povo, que, a partir de quando passou à eternidade, venera sua insigne figura.

No Congresso Nacional, ou melhor, no Senado da República, para onde fora mandado com expressiva votação, após cumprir parte do mandato de Vice-Governador, na época, Presidente da Assembléia Legislativa Estadual, Walfredo sempre foi levado à tribuna para refutar acusações aos seus correligionários, em casos regionais e políticos do Estado. E o fazia, face ao combate sistemático do Udenismo contra um seu ex-filiado que, discordando da cúpula partidária e de alguns correligionários, lançara-se à luta, como dissidente, com o apoio das demais facções políticas, para, afinal, eleger-se Governador do Estado.

NO SENADO DA REPÚBLICA

Grande era o constrangimento, nota-se, quando a todos respondia, sempre, contudo, com elegância e altivez.

Colhemos, do **Diário do Congresso,** alguns tópicos dos seus pronunciamentos, retratadores de sua conduta ilibada, amor à terra, e, poderíamos dizer, um santo civismo.

Vejamos alguns desses pronunciamentos:

> "Não é meu propósito estabelecer polêmica dentro do Senado: temos tanta coisa a realizar, tantos projetos que aguardam nosso estudo e dependem do nosso patriotismo que as questões estaduais não devem tomar a atenção e o tempo dos senhores Senadores. Sr. Presidente, meu desejo é que todos nós, filhos de Estado tão pequeno, tão pobre, cooperemos para o mesmo objetivo, para o engrandecimento do Estado que em nós confiou, fazendo-nos seu representante nesta ou na outra Casa do Congresso. O meu apelo é de união — não da união política porque cada um deve conservar as suas convicções partidárias — mais de união em torno dos problemas de nossa terra, para que então possamos dizer que cumprimos o nosso dever." **DCN** de 2-4-63.

E, mais adiante, fechando seu pronunciamento, emitia conceito condenatório às tricas e futricas dos ferrenhos adversários que, para ali, levavam seus recalques e decepções ante o resultado das urnas. Teria, porventura, o Senado, culpa de o povo, consciente e decididamente, repudiá-los?

> "A política é qualquer coisa de transitório em nossa vida. O que vale é o desejo de sempre fazer o bem. Não tenho inimizades com qualquer adversário político. Trato bem a todos porque entendo que as divergências políticas

são fenômenos passageiros e as amizades devem ser duradouras.

Com estas palavras, Sr. Presidente, encerro o meu discurso, fazendo, mais uma vez, votos no sentido de que todos nós, do Rio Grande do Norte, só tenhamos em mira um objetivo — a felicidade do nosso povo e a grandeza de nossa terra." (Muito bem, muito bem!) (Sem revisão do orador.)

A tônica de suas intervenções trazia sempre o condão da paz, da tranqüilidade, do bom senso, de amor ao Estado e ao seu povo. A cada resposta que dava, a qualquer esclarecimento que prestava, a cada aparte que recebia, sempre se erguia como verdadeiro estadista, diplomata, sereno e seguro. Finalizou, de outra feita, outra oração, com os dizeres:

"Com estas palavras, Sr. Presidente e Srs. Senadores, encerro este meu breve discurso. Lamento, mais uma vez, ser compelido a ocupar a tribuna do Senado para tratar de assuntos regionais, mas às vezes, somos levados a isso — quando há tantos problemas de ordem nacional que exigem a nossa palavra, que exigem o nosso esforço e a nossa inteligência. Peço, pois, aos ilustres Srs. Senadores desculpas, e quero demonstrar que, em minhas palavras, não vai nenhum ressentimento e ódio aos meus colegas. A todos estimo, porque, mesmo sendo adversários políticos, são meus amigos pessoais, meus companheiros nesta Casa, onde defendemos os interesses do povo e devemos trabalhar, incessantemente, pela felicidade e grandeza de nossa Pátria."

Com esses pronunciamentos, percebe-se que os opositores de Walfredo levavam, para o Senado, infelizmente, probleminhas da política regional. Também, pudera, depois de tantos reveses...

DESPEDINDO-SE DO SENADO

Ao deixar o Senado, antes de concluir o Mandato, por ter sido eleito Governador, inscreveu-se, conforme preceitua o regimento interno, para despedir-se dos seus pares. Desse documento, histórico e sério, pode-se medir o valor de Walfredo perante seus colegas que, em apartes, enalteceram sua pessoa, seu trabalho, sua dignidade, assiduidade e patriotismo. Lastimou-se o afastamento mas, ao mesmo tempo, parabenizou-se o Estado pela preferência eleitoral a ele dada.

Figuras do Senado como Pedro Ludovico, Mem de Sá, Guido Mondin, Cattete Pinheiro, Nogueira da Gama, Vivaldo Lima, Wilson Gonçalves, Daniel Krieger, Vitorino Freire, Edmundo Levi, Lino de Mattos, Ruy Carneiro, Aurélio Viana, Arthur Virgílio, Barros de Carvalho, João Abrahão, todos estes, em apartes, dizem do afeto dispensado a Walfredo e da confiança nos destinos do Estado do Rio Grande do Norte, sob o seu Governo.

Entendemos, por isso, fazer a transcrição desse pronunciamento para que se tenha uma idéia do que foi Walfredo na mais Alta Câmara da República, pois, por ele, humilde e simples como sempre o foi, jamais se teria uma dimensão do seu valor entre os seus não conterrâneos.

Os depoimentos se seguem, como também surgem as apreciações dos seus colegas. De vários ângulos é analisada a figura humana detentora de tantas virtudes. São qualidades dignificantes que são apontadas.

E ele, humildemente, compromete-se a cumprir o que prometera na Campanha: "Justiça para todos, honestidade e trabalho".

Vejamos, então:

O SR. PRESIDENTE (Moura Andrade) — Há oradores inscritos.

Tem a palavra o Sr. Senador Walfredo Gurgel.

O SR. WALFREDO GURGEL — (Sem revisão do orador). — Senhor Presidente, Srs. Senadores, antes de encerrar-se a presente sessão

legislativa do Congresso Nacional, sinto-me no dever de dirigir a V. Exª e aos nobres colegas do Senado a minha palavra de despedida. Eleito no dia 3 de outubro para dirigir os destinos do meu Estado, não terei mais oportunidade de conviver, nesta Casa, ao lado de colegas tão gentis.

Em breve seguirei para o Rio Grande do Norte e no dia 31 de janeiro, deverei assumir o Governo do meu Estado.

Sr. Presidente, sei que não é fácil a tarefa que me aguarda. Governar um Estado na região pobre do Nordeste é um sacrifício, uma doação, pois os problemas do Rio Grande do Norte são os mesmos dos demais Estados da região Nordestina. Mas, honrado com a preferência do eleitorado, pretendo dedicar-me inteiramente ao bem-estar do meu povo, ao progresso de minha terra.

No programa que apresentei como candidato apontei alguns dos problemas que constituirão minha preocupação constante à frente daquele Estado.

O Sr. Pedro Ludovico — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Pois não.

O Sr. Pedro Ludovico — Vossa Excelência deixa um vácuo Profundo nesta Casa, onde é considerado Senador criterioso, honrado e patriota, participando com dignidade, galhardia e independência moral, acima das conveniências dos momentos difíceis da vida do Senado. Por seu passado nesta Casa, o Rio Grande do Norte — estou certo — terá governo à altura dos seus destinos. Estou absolutamente convicto de que o povo rio-grandense-do-norte andou acertadamente elegendo Vossa Excelência para seu governador. Seu Estado, pobre, como V. Exª disse, precisa de ter um homem honesto na sua direção, um homem que veja somente o interesse público. V. Exª é "the right man in the right place".

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Pedro Ludovico, pela generosidade de suas palavras.

Sr. Presidente, entre os problemas que deverei encarar com coragem, e patriotismo, sobressai pela sua grandiosidade, aquele que diz respeito ao desenvolvimento do meu Estado. Com os recursos para ali levados, através da SUDENE, aos poucos o Nordeste vai-se libertando da situação de extrema pobreza. Todo governador daquela região tem missão árdua, missão difícil — implantar a indústria. Meu Estado, privilegiado na produção do sal, do tungstênio e do algodão de fibra longa, oferece oportunidade de emprego de capital para o desenvolvimento da região, proporcionando aos seus filhos mão-de-obra, trabalho, a fim de que possam também concorrer para o bem-estar da coletividade.

Problemas de educação, de saúde, de estradas e tantos outros me aguardam. Estou certo de que, com a graça de Deus e a cooperação de todos, saberei desempenhar meu mandato, corresponder às esperanças do povo, não poupando um momento sequer de minha vida no trabalho constante para que o Rio Grande do Norte seja um Estado, não enteado deste País rico, mas um Estado que, ao lado dos outros, possa concorrer para a felicidade comum de nossa Pátria.

O Sr. Mem de Sá — Permite Vossa Excelência um aparte? (Assentimento do orador) — Desejo dizer a Vossa Excelência que é para nós profundamente triste e melancólico verificarmos que V. Exª vai afastar-se de nosso convívio. Durante o período em que o tivemos entre nós, V. Exª conquistou a nossa estima mas, sobretudo o nosso apreço e admiração...

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado.

O Sr. Mem de Sá — ... pelas suas altas qualidades e virtudes não apenas de sacerdote mas de homem público, dotado de acendrado espírito público, dedicação ao trabalho, assiduidade, em suma, todos os predicados que se exigem de um bom parlamentar. De outra parte, porém, é com prazer e satisfação que vimos V. Exª ter conquistado as preferências do eleitorado de seu Estado e ser agora convocado para governá-lo. Nossos votos são no sentido de que o seu Governo seja o mais fecundo, o mais feliz e o mais próspero. Sabemos das dificuldades que um Estado pequeno, de reduzida arrecadação, enfrenta para atender às imensas necessidades de uma população como a do Rio Grande do Norte. Mas, com o esforço e a dedicação de V. Exª e com as bênçãos de Deus, estou certo de que o seu Governo dará o melhor possível à gente do Rio Grande do Norte.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Mem de Sá, pelas suas palavras e pelo estímulo que elas significam para mim, quando se aproxima o momento de assumir os destinos do meu Estado.

O Sr. Guido Mondin — V. Exª me permite? (Assentimento do orador.) Nobre Senador, não podia ser outra a manifestação dos seus colegas senão esta que se expressa nas palavras do Senador Mem de Sá. V. Exª deixa esta Casa, onde honrava a Representação do seu Estado, para ocupar outro alto posto de grande importância. Todos nós, os que já administramos, particularmente quando se trata de um Estado como o que V. Exª vai dirigir, sabemos das dificuldades que advirão. Conhecemos, porém, o colega que agora deixa esta Casa, e temos absoluta confiança de que a sua nova missão será coroada de êxito. Sua tranqüila maneira de agir, sua capacidade de observar, em panorama, os problemas que tem pela frente nos dão, assim, essa segurança de que tudo, realmente, sairá bem. Desejaria, porém, acrescentar que aquilo que o nobre colega conquistou nesta Casa, nem todos o conseguem — uma simpatia profunda...

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado.

O Sr. Guido Mondin — ... e solidariedade total. V. Exª passará os cinco anos do seu Governo, como disse V. Exª, e disse o Senador Mem de Sá, sob as bênções de Deus. Elas são absolutamente necessárias. Nós também ficaremos orando, homens de fé que somos, para que V. Exª não sofra muito na sua administração, e possa chegar-lhe ao término com um grande acervo de serviços prestados ao seu Estado.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado. Pelas palavras de V. Exª, eu já prevejo que não me aguardam dias róseos, dias de grandes alegrias. Aguardam-me dias de dificuldades e de sofrimento. Meu espírito, porém, está preparado. Não me abate a perspectiva de sofrimento, porque ele, será, como imolação minha, pela felicidade de minha terra e de meu povo.

O Sr. Cattete Pinheiro — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com muito prazer.

O Sr. Cattete Pinheiro — Senador Walfredo Gurgel, leva V. Exª para o governo do Rio Grande do Norte a mais alta admiração e apreço desta Casa.

No Senado Federal, estaremos sempre atentos para dar tudo aquilo de nós que puder representar colaboração à obra ingente a que V. Exª é chamado. Nesta Casa, estaremos sempre atentos aos justos reclamos de seu Estado e de seu grande povo.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Cattete Pinheiro, pela promessa que faz, também em nome dos meus colegas do Senado — de que acompanhará o meu Governo, fazendo o possível para que eu obtenha êxito na missão que me aguarda, de gerir os destinos do meu Estado. Sei que o Senado Federal não esquecerá o companheiro que, nesta Casa fez tão boas relações de amizades, sempre procurando manter com todos os senadores este nível, aliás característico no Senado, de cordialidade, de compreensão e de mútua simpatia, não tenho dúvidas de que quando o meu Estado precisar de uma palavra do Senado da República para o bem da sua gente, esta palavra não lhe será negada, esta cooperação estará sempre presente.

O Sr. Nogueira da Gama — Permite V. Exª um aparte? (Assentimento do orador.) — Quando V. Exª formula suas despedidas perante o Senado para governar o seu Estado, após um pleito muito disputado, quero ter o prazer e a honra de consignar, no seu discurso, as minhas sinceras homenagens de grande admiração e respeito pela sua brilhante inteligência...

O SR. WALFREDO GURGEL — Obrigado a V. Exª

O Sr. Nogueira da Gama — ...e, sobretudo pelas virtudes morais que V. Exª sempre revelou no exercício das suas atividades de Senador. Todos nós sabemos que V. Exª é um brilhante sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana. E, por isso, não seria demais que nos desse sempre demonstrações inequívocas desse aspecto da sua personalidade, revelando as virtudes do seu espírito. Na verdade, hoje temos sacerdotes muito reverentes, mas temos também muitos outros irreverentes. V. Exª demonstrou sempre, no Senado Federal, no exercício do seu mandato, uma bondade e magnitude de procedimento que nos encantou. Assim, quando Vossa Excelência se despede para o exercício da atividade

administrativa no seu Estado, deixando, por certo, fundadas saudades e grandes recordações no nosso meio, é justo que seus colegas cerquem o seu discurso com os apartes que está recebendo, neste momento, registrem os Anais do Senado as homenagens a que V. Exª faz inteiro jus. Falo em meu nome, e acredito falar também em nome dos meus colegas do extinto Partido Trabalhista Brasileiro, que sempre contou nesta Casa, em muitas oportunidades, com o valoroso apoio de V. Exª

O SR. WALFREDO GURGEL — Agradeço o aparte do nobre Senador Nogueira da Gama, que foi generoso em elogios à minha pessoa. Esses elogios eu os recebo como prova de sua bondade extrema, do cavalheirismo com que, seja na Presidência, seja no Plenário, tem tratado os seus colegas nesta alta Casa do Congresso Nacional.

O Sr. Vivaldo Lima — Permite Vossa Excelência um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Pois não.

O Sr. Vivaldo Lima — Creio que fora do estrito âmbito do partidarismo local, até hoje, no próprio Estado de V. Exª e nos demais quadrantes de Nação, não houve quem não tivesse aplaudido a eleição do Senador Walfredo Gurgel. É a impressão que se colhe em toda a parte. V. Exª não vai experimentar uma função da relevância da governança de um Estado. V. Exª já tem um passado que autoriza a acreditar na sua capacidade e eficiência agora no Governo. Deputado Federal que foi, Vice-Governador e Senador da República, apenas terá, no Executivo, o lugar em que os homens públicos sentem a tarefa, às vezes até sobre-humana, nos dias que correm na nossa nacionalidade.

Lugar espinhoso, muito árduo e que requer de uma personalidade como a de V. Exª todo cuidado, prudência e patriotismo. O momento presente por que passa politicamente a Nação exige, realmente, grandes qualidades dos seus homens públicos, e que essas qualidades sejam provadas em toda a sua plenitude. Assim, apelo para que V. Exª mostre a sua vocação, revelando suas qualidades próprias, inatas de administrador. V. Exª têm-nas em abundância. Nesta Casa todos reconhecemos que com seu equilíbrio e maturidade pública e política, saberá conduzir o Rio Grande do Norte aos seus destinos, como Estado nordestino de primeiro plano. Não leva V. Exª saudades. Saudade é para quem se ausenta de todos nós para todo sempre, e V. Exª apenas se ausenta temporariamente para exercer função de relevância no Executivo, logo nos cabe acompanhar os rumos da nau estadual sob a sua firme governança. Toda felicidade nessa árdua tarefa, Sr. Senador Walfredo Gurgel.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Vivaldo Lima, caro Presidente da Comissão de Legislação Social, a cujo lado durante três anos tive a ventura de trabalhar, juntamente com os dedicados companheiros que integram a Comissão.

O Sr. Vivaldo Lima — Por isso mesmo, fixei a personalidade de V. Exª com as devidas palavras, as adequadas expressões que ela merecia, ditas perante este Plenário.

O Sr. Wilson Gonçalves — Permite o nobre orador um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com satisfação.

O Sr. Wilson Gonçalves — Meu caro Senador Walfredo Gurgel, poderá V. Exª aquilatar muito bem da estima e do aplauso de todo o Senado Federal, nesta tarde. A dimensão desse aplauso e dessa estima eu a meço através da dificuldade em conseguir esta oportunidade para, através de um aparte, manifestar também os nossos sentimentos. Desde que V. Exª começou sua oração de despedida, tentei, da minha humilde e habitual posição de retaguarda, uma oportunidade, que me fala muito profundamente aos meus sentimentos, para externar a V. Exª, não só em meu nome mas no de todos os que constituíram, nesta Casa, a Bancada do PSD a saudade, a tristeza que sentimos em perder sua valiosa e leal colaboração exatamente neste instante em que mais precisamos de retemperar nossas forças e reavivar os nossos espíritos, para as urgentes e portentosas tarefas que teremos de cumprir, nesta Casa, no exercício legítimo de representantes do povo brasileiro. V. Exª — é desnecessário que acrescente, porque já tirou a conclusão através dos apartes anteriores — granjeou nesta Casa com muita justiça, e com grande merecimento, a estima sincera e o apreço permanente de todos nós, não por sentimentalismo nosso, mas pela sua atuação serena, probo, capaz e eficiente, demonstrando, num conjunto de qualidades superiores àquelas que devem, realmente, exornar a figura de um representante do povo. V. Exª é chamado, agora, para uma das mais árduas missões, e eu, que sou do Nordeste também, sei das dificuldades que serão grandes, que terá de enfrentar. Mas confio, baseado na sua capacidade de trabalho, no seu espírito público e na vontade imperecível de servir ao povo do Rio Grande do Norte, em que V. Exª haverá de vencer todos os obstáculos, realizando administração profícua e fecunda, dando àquele nobre povo o desenvolvimento material, cultural e moral que merece. É o que sua capacidade de administrar vai proporcionar-lhe. Quero, portanto, em nome dos seus antigos companheiros que o tiveram, muitas vezes, na liderança, com a sempre mantida lealdade e o nunca desmentido espírito público, trazer-lhe nossa solidariedade e, ao mesmo tempo formular votos, os mais sinceros, para que a administração de V. Exª se converta em fase de prosperidade e de felicidade para o povo potiguar.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado Senador Wilson Gonçalves.

O Sr. Daniel Krieger — Permite V. Exª um aparte? *(Assentimento do orador.)* Na oportunidade em que V. Exª se despede do Senado para assumir o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, quero testemunhar nosso apreço e formular votos para que possa fazer magnífica administração, revelando as excepcionais qualidades que o exornam.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Daniel Krieger.

O Sr. Victorino Freire — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com prazer.

O Sr. Victorino Freire — Nossas relações de amizade tiveram início na Constituinte de 46, onde aprendi a acompanhar a ação de V. Exª sempre com equilíbrio, com firmeza de caráter e com bondade. Na hora em que se despede desta Casa, as saudades que com seus colegas deixa correm parelha com os votos que ora formulamos pela felicidade de V. Exª, na árdua missão que o destino lhe pôs nos ombros. Assim quero que receba os votos de felicidade, com admiração ao amigo e o apreço ao Governador.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito grato a V. Exª.

O Sr. Edmundo Levi — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com satisfação.

O Sr. Edmundo Levi — Nobre Senador Walfredo Gurgel, tenho observado, constantemente, a conduta de V. Exª no alto cargo que desempenha nesta Casa como representante do Rio Grande do Norte. Em todas as situações V. Exª tem sempre aquela humildade tão própria do homem verdadeiramente imbuído da filosofia cristã. V. Exª como Senador, não tem deixado de ser o Sacerdote admirável, conservando, sempre a humildade. Daí por que estou certo de que, no Governo do Rio Grande do Norte, seu Estado, será uma garantia à ordem, ao respeito, à probidade da Administração. V. Exª constituirá, por certo, exemplo para os seus concidadãos, em virtude da sua humildade e sinceridade cristã. V. Exª, certamente, imprirá às suas atitudes, naquele Estado, tais sentimentos. Como amazonense, quero prestar esta homenagem a V. Exª, pelo muito que o seu Estado tem dado de colaboração ao meu Estado mandando homens para o seu desbravamento, para fortalecimento das suas rendas e para fomentar o seu próprio progresso. Assim, quero, ao se despedir V. Exª da Casa, prestar-lhe esta homenagem; fique certo V. Exª de que, para mim constitui exemplo de humildade, sinceridade e de conduta quando no desempenho dos mais altos cargos.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Sr. Presidente, depois das palavras tão generosas dos meus colegas no Senado, sinto, em minha alma, uma disposição cada vez maior para o trabalho, para o bem-estar do povo do Rio Grande do Norte, na direção do meu Estado.

O Sr. Lino de Mattos — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com satisfação.

O Sr. Lino de Mattos — Não quero nobre colega, fazer uma manifestação que possa ser considerada despedida protocolar de um colega a outro que deixa esta Casa. Creia V. Exª na sinceridade das pala-

vras que vou pronunciar, em nome do eleitorado do Estado de São Paulo, que me mandou para esta Casa, onde me encontro há dez anos. Realmente para mim, e para todos os meus colegas o instante é mesclado de alegria e de tristeza: V. Exª foi às urnas e consagrou-se vitorioso. Aí, alegria tomou conta dos nossos espíritos, porque, prestigiado o regime democrático, ficou demonstrado que, realmente, a nossa gente quer mandatários com base na vontade popular; mas ao lado dessa alegria sentimos também, muito de tristeza. Estávamos habituados à convivência com o eminente colega, companheiro lhano no trato, amigo de todos, trabalhador constante, eficiente e dedicado. A presença de V. Exª era para todos nós e, em particular, para mim, homem de São Paulo, acostumado ao trabalho, o motivo constante do estímulo para o prosseguimento desta luta. Com estas palavras o representante de São Paulo se despede de V. Exª na separação dos trabalhos nesta Casa; mas esteja certo de que estaremos com os olhos voltados para a sua terra, desejando uma administração eficiente e coroada do êxito que V. Exª bem merece.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado a V. Exª

Sr. Presidente, durante a campanha que fiz no Rio Grande do Norte, resumi em três palavras o que seria o Governo, se eu lá tivesse a honra de chegar: justiça para todos, honestidade e trabalho. É com esse espírito que eu vou governar o Rio Grande do Norte, governar todos os meus conterrâneos. Durante o meu Governo não haverá perseguição a ninguém. Foi promessa que fiz diante do povo e seria contra minha formação moral, depois de uma vitória, desejar humilhar aqueles que foram vencidos. E o povo do Rio Grande do Norte sabe disto, porque o povo me conhece. Vou governar sem distinção de pessoas, sem olhar para as correntes políticas, vou governar para todos os norte-rio-grandenses. Se puder fazer o bem, não pouparei esforço e, com a graça de Deus, não farei mal a ninguém. Será um governo de justiça, um governo de honestidade, porque não quero envergonhar a minha condição de sacerdote, minha condição de brasileiro, recebendo, porventura, qualquer acusação por desrespeito à causa pública, por falta de defesa daquilo que pertence ao povo. Vou governar com trabalho. Não pouparei nenhum dia de minha vida à frente do Rio Grande do Norte, procurando sempre acompanhar os problemas, consultar os técnicos para resolvê-los satisfatoriamente. O Senado fique certo de que o companheiro, à frente do Rio Grande do Norte, saberá honrar este convívio, saberá honrar esta Casa.

O Sr. Ruy Carneiro — V. Exª permite um aparte? *(Assentimento do orador.)* Nobre Senador Walfredo Gurgel, ouço com grande emoção seu brilhante discurso de despedida do Senado da República. V. Exª indiscutivelmente, foi um ótimo representante do Rio Grande do Norte. A conduta de V. Exª na vida pública e, sobretudo, no Senado, certamente inspirou aos homens do seu Estado natal a levá-lo, como candidato, ao Governo do Estado. Fique certo V. Exª de que, no meu pronunciamento, como no dos colegas que acabaram de aplaudi-lo, não há exagero, não há demasia, nem sentimentalismo, como acaba de salientar o representante de São Paulo. Nossos depoimentos são sinceros, porque

V. Exª se conduziu admiravelmente nesta Casa. Eu particularmente privei da companhia de V. Exª, que me honrou, sentando-se na bancada ao meu lado, aliás, a convite meu. Fui eu quem o chamou a sentar-se na cadeira que foi ocupada por um nobre Senador de Santa Catarina, o saudoso Francisco Gallotti, que honrou esta Casa, honrou o mandato e honrou a terra em que nasceu. "Sente-se aqui nesta cadeira", disse-lhe eu: oucpou-a um homem de bem, forte, seguro, coração generoso, amigo dos seus amigos. V. Exª ali se sentou, foi líder do Partido Social Democrático, como acaba de ressaltar o nosso Líder Senador Wilson Gonçalves, homem do Ceará, da nossa região, quente e sofredora. Ele, como eu, e os outros daquela região, sentimos quã árdua será a tarefa de V. Exª. Mas V. Exª tem qualidades para executá-la. V. Exª governará o seu Estado com justiça, altruísmo e honradez dentro de um ambiente de traballho e de realizações, estou certo. Não precisava V. Exª declará-lo, porque sua presença, o seu nome é, para o povo daquela terra, vizinha do meu Estado, uma garantia. Vossa Excelência deixa saudade nesta Casa, deixa amigos. Aqui ficamos, todos nós, seus colegas, seus admiradores, seus companheiros do partido que se extingiu, o PSD e os dos demais partidos, todos ficamos aqui para ajudá-lo. V. Exª tem em cada um de nós um amigo, um representante para ajudá-lo no desempenho brilhante de sua tarefa. Seja muito feliz, Senador Walfredo Gurgel. V. Exª o merece e igualmente a sua nobre terra, a terra potiguar.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Ruy Carneiro. Sei que vou levar muitas saudades do Senado. Aqui passei esses três anos no ambiente mais amigo. Em cada um dos Srs. Senadores encontrrei um coração aberto, uma alma preparada para a amizade, e por isso, ao deixar o Senado da República, quero dizer aos meus nobres colegas que levarei a mais grata recordação destes anos aqui vividos ao lado de tão bons companheiros, ao lado de brasileiros tão ilustres, que sempre me deram o estímulo do seu exemplo no trato dos problemas nacionais.

O Sr. Aurélio Viana — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com muita satisfação.

O Sr. Aurélio Viana — Tenho certeza de que o Senado da República, por inteiro, lamenta a perda de V. Exª como todos nós estamos esperançosos de que V. Exª fará um governo de paz, de tranqüilidade, de ordem e de desenvolvimento da sua grande terra. Lamentamos a partida de V. Exª, mas estamos certos de que o povo do Rio Grande do Norte vai receber um governante à altura das suas tradições e que representará uma garantia para todos, indistintamente.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado, Senador Aurélio Viana.

Sr. Presidente, fazendo as minhas despedidas aos Srs. Senadores, quero também fazer as minhas despedidas ao funcionalismo da Casa, desde os da Portaria até os da Diretoria do Senado, das Comissões, da Taquigrafia, dos Motoristas, porque encontrei no Senado da República

uma verdadeira família. Os funcionários mais humildes sempre procederam com respeito para com os Srs. Senadores, demonstrando sua boa educação. Jamais houve de minha parte o menor motivo de ressentimento com relação ao mais humilde funcionário desta Casa. Por isso, ao despedir-me dos Srs. Senadores, quero despedir-me de todos aqueles que constituem esta oficina de trabalho, que são os funcionários do mais humilde ao mais categorizado.

O Sr. Arthur Virgílio — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com satisfação.

O Sr. Arthur Virgílio — No momento em que V. Exª se despede do Senado desejo também lhe prestar a minha homenagem de admiração e de apreço e formular os votos mais sinceros para que V. Exª, que mereceu a confiança do povo do Rio Grande do Norte, realize um governo à altura das aspirações daqueles bravos nordestinos, que entregaram certamente uma árdua missão nas suas mãos. E embora nosso convívio não tenha sido dos mais estreitos, conheci V. Exª como um homem de formação digna, um homem de vocação pública que se dedicou ao mandato com elevação, com assiduidade, embora não participasse dos debates agitados do plenário que se muitas vezes têm se agitado, nem sempre têm de produtividade. Esta a homenagem que queria prestar a V. Exª Formulo esses votos sinceros para que V. Exª realize um grande governo e concorra para que se finquem, em definitivo, neste País, as normas e preceitos da democracia, que todos aspiramos. Que V. Exª seja lá representante do Rio Grande do Norte na execução dos anseios daquele povo, mas também baluarte da democracia, como sempre foi ao longo de sua vida pública.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito grato às palavras de V. Exª

O Sr. Sebastião Archer — Permite o nobre orador um aparte? *(Assentimento.)* Estou certo de que o Rio Grande do Norte vai ser governado por um homem de bem, homem trabalhador, que tudo fará pela felicidade do seu povo.

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado.

Para concluir, minhas palavras, Sr. Presidente, quero dizer ao Senado da República que, com a graça de Deus, não decepcionarei as palavras que aqui foram proferidas pela generosidade de meus colegas. Espero corresponder às esperanças do povo e tudo fazer para ser digno desta Casa do Congresso Nacional, para ser digno da confiança do eleitorado do Rio Grande do Norte.

O Sr. Barros de Carvalho — Permite V. Exª um aparte? *(Assentimento do orador.)* Estou ouvindo com atenção o discurso de V. Exª se despedindo do Senado. V. Exª, Monsenhor Walfredo Gurgel, transitou por esta Casa deixando uma lição de conduta irreprochável como legislador e como cidadão. O seu exemplo há de servir sempre para todos os que pal-

milharem os caminhos do Legislativo. V. Exª foi sempre um elemento de união, de junção, de compreensão, e estou certo de que levará para o seu Estado, com a sua vida tão tumultuada como anda por dissenções políticas, esse tom, esse toque que presidiu sempre a sua vida de homem, de sacerdote, desde quando seminarista. Tenho o dever de pronunciar algumas palavras sobre V. Exª porque o conheço desde seminarista, companheiro de seminário do meu falecido irmão, o Padre Nelson Barros de Carvalho. De sorte que, cumprindo este dever, pois o de trabalhista já foi cumprido, através do nosso extinto Partido, pela voz de dois outros ilustres companheiros, Senadores Nogueira da Gama e Arthur Virgílio, e restando apenas estas poucas e pálidas expressões de um velho e querido amigo, formulo votos para que V. Exª leve para o Rio Grande do Norte a mensagem de sua bênção, para que aquele povo se reerga dentro do espírito de cooperação, de entendimento e de crescimento que ele bem merece. Seja V. Exª feliz e consiga este milagre, que não considero tão difícil para um homem da alta envergadura moral de V. Exª

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito obrigado pela palavra de V. Exª e também pela recordação que fez, neste momento, do seu irmão, meu colega de estudos, o Padre Nelson, que foi um dos maiores amigos que tive quando juntos cursamos o mesmo seminário. Senador Barros de Carvalho, as suas palavras me comoveram pela bondade, pela generosidade e também pela evocação daquele grande amigo que hoje já descansa na paz do Senhor.

O Sr. João Abrahão — Permite V. Exª um aparte?

O SR. WALFREDO GURGEL — Com muito prazer.

O Sr. João Abrahão — Senador Walfredo Gurgel desejo, nesta oportunidade, como o mais jovem Senador desta Casa, associar-me às palavras dos ilustres colegas e dizer que lamento não ter tido ensejo de conviver com V. Exª por mais tempo nesta Casa. De Goiás, sempre acompanhamos as atitudes firmes de V. Exª em benefício do nosso povo. Que Deus o oriente para que possa, no Rio Grande do Norte, continuar prestando colaboração àquele Estado da Federação. E como Sacerdote, desejo que continue V. Exª fazendo do seu corpo um templo, do seu coração um altar e do seu espírito, um apóstolo do amor, da verdade e da justiça. Que Deus o guie, que Deus o oriente!

O SR. WALFREDO GURGEL — Muito grato a V. Exª

Sr. Presidente, encerro as minhas palavras, dizendo ao Senado que parto cheio de saudade, mas levo esperanças nos destinos da Pátria, na certeza de que os que aqui ficam continuarão a trabalhar pelo bem do povo brasileiro e, no Rio Grande do Norte, estarei sempre com o coração voltado para esta Casa e o pensamento nos companheiros que aqui estarão lutando pelo Brasil. No meu pequeno Estado não pouparei esforços na batalha pela felicidade do nosso povo e grandeza de nossa Pátria. *(Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é muito cumprimentado.)*

Quando, em 1964, foi o Estado vítima de uma das mais terríveis inundações, estava ele, único representante do Estado a apelar para as autoridades competentes, no sentido de serem tomadas providências e, ao mesmo tempo, solidarizando-se com os norte-rio-grandenses, face ao sofrimento que experimentavam. Estava o Estado em verdadeiro estado de calamidade, em virtude do enfurecimento e volume das águas que, impiedosamente, tudo devastavam.

E, no dia 7 de maio de 1964, pronunciava as seguintes palavras:

> *(Não foi revisto pelo orador.)* Sr. Presidente, os jornais de hoje noticiam que uma grande inundação está havendo no Rio Grande do Norte, com graves prejuízos para as populações e para a agricultura do Vale do Ceará-Mirim.
>
> O Nordeste é uma região cheia de paradoxos: ou há seca, ou há muita chuva. De qualquer maneira, as populações que ali vivem estão sujeitas a esses dois fenômenos, que grandes prejuízos causam à economia local.
>
> Há poucos dias, noticiavam os jornais que no Baixo-Açu cinco municípios, cinco cidades estavam inundadas pelas águas daquele rio. Hoje, lemos com pesar que uma outra inundação se verifica no Vale do Ceará-Mirim, com grandes prejuízos para as estradas, pois uma ponte que ligava a Capital ao interior do Estado, da única ferrovia que penetra o sertão, havia ruído e talvez antes de seis meses não seja possível restabelecer o tráfego naquela estrada.
>
> Desta tribuna, quero solidarizar-me com meus conterrâneos, diante dessa catástrofe, e fazer um apelo ao Sr. Presidente da República, no sentido de que mande verificar *in loco* os estragos ocorridos e as providências que o Governo Federal poderá tomar em favor das populações atingidas pela calamidade.
>
> Confiamos em que o Senhor Presidente da República que tem atendido vários Estados do Norte e do Nordeste, atingidos por enchentes não ficará indiferente ao clamor do povo do Rio Grande do Norte, diante de mais essa calamidade que — como disse — trará grandes prejuízos à economia do Estado e ao Vale do Ceará-Mirim, um dos mais ricos do Brasil, onde está localizada toda a indústria do açúcar do Rio Grande do Norte e com essas enchentes, sem dúvidas, as usinas ficarão paralisadas. as próprias terras cultivadas de cereais e de legumes não produzirão por um determinado espaço de tempo, e a própria Capital, isolada do interior, por ter ruído a ponte, a maior da Ferrovia Sampaio-Correia, sofrerá também graves conseqüências.
>
> Por isso, meu apelo ao Senhor Presidente da República para que, através de seus representantes no Nordeste brasileiro, verifique a extensão do fenômeno e tome as devidas providências.
>
> Com estas palavras, quero solidarizar-me com os meus conterrâneos pelo sofrimento por que estão passando, na esperança de que dias melhores virão para diminuir os sofrimentos e as agruras daquela gente. *(Muito bem!)*

O SENADOR E O SERIDÓ

O Governo Sílvio Pedroza chegava ao fim. As forças políticas indicavam seus candidatos para sucedê-lo. A UDN escolhera Dinarte Mariz, então Senador da República, no exercício do primeiro mandato. O PSD escolheria, posteriormente, o Deputado Estadual Jocelin Vilar de Melo. O Senador, por ser conterrâneo de Walfredo, pleiteou seu apoio, como fizera a outros amigos no Estado. Encontrava-se o Mons. em Caicó, na Direção do Ginásio Diocesano Seridoense, sem mandato eletivo, porém à frente do PSD em todo o Seridó. Recebe, certo dia, a comunicação do Senador e, sem hesitar, responde-lhe com o telegrama seguinte:

> "Senador DINARTE MARIZ
> Senado Federal
>
> Recebi e agradeço comunicação escolha seu nome candidato governo Estado pt Acho cedo qualquer definição minha parte aguardando pronunciamento meu partido pt Lamento entretanto ficar nosso Seridó sem qualquer representante Congresso Nacional após esforços conjugados sua eleição pt Cordiais saudações — Mons. Walfredo."

Nestas poucas palavras podemos analisar o político seridoense. Foi gentil no agradecimento da comunicação. Foi leal ao partido que o acolhia. A beleza, porém, está contida no final. Revela, claramente, seu amor à região, quando lamenta ficar o Seridó sem um representante no Congresso, quando todas as forças políticas do Estado se irmanaram, a fim de que fosse a mesma representada. Sua conduta fê-lo crescer na admiração do povo e, com votação brilhante, chegou ao Senado, anos depois.

De lá voltou ao Estado para governá-lo, tal como fizera Dinarte. Havia, entretanto, naquela Casa dois representantes do

Seridó: ambos caicoenses. Saindo um, o outro assumiria o comando geral. Walfredo sai candidato. Dizia-se que somente um homem poderia derrotá-lo: o velho senador.

Deflagra-se a campanha. Aluísio se desdobra. Passeatas, comícios, ramos e bandeiras verdes de um lado e, do outro, bandeiras vermelhas...

E o povo pelas ruas, nas estradas, de dia e de noite, a cantar, em vibração estonteante, as músicas de suas facções.

Se uns gritavam: É O PADRE... outros respondiam: É o velho...

O Padre, com a apuração das urnas, ganhou na Capital e o Velho perdeu no interior...

O Seridó não ficou sem senador...

O CANDIDATO A GOVERNO

Proclamação feita pela Imprensa ao ser escolhido.

PALAVRAS DE UM HOMEM DE PALAVRA

A todo cidadão, a oportunidade de trabalhar e progredir.

A toda criança, o amparo necessário para que cresça com saúde e se eduque com proveito.

A toda esposa e mãe, o reconhecimento do caráter sagrado de sua missão, assistindo-a com desvelo e carinho.

A toda família, o estímulo decorrente da tranqüilidade social e harmoniosa propriedade.

A todo trabalhador, a preservação dos seus direitos e prerrogativas, mediante justa remuneração e devida assistência.

A todo funcionário público, a retribuição equânime por seus esforços, num ambiente de trabalho construtivo.

A todo profissional liberal, um campo propício à expansão de sua capacidade.

A todo inativo, um pronto e eficaz sistema assistencial com o objetivo de devolvê-lo ao convívio útil da sociedade.

A todos os Poderes, o indispensável respeito mútuo, para que de tudo resultem benefícios à coletividade.

Eis a minha palavra de fé e confiança, certo de que com a ajuda de Deus possa fazer um Governo de paz e progresso. Para isto, encerro minha campanha política, sem mágoas e sem rancor, mas pleno de esperanças, reunindo todas as minhas forças no sentido de dar ao Rio Grande do Norte o lugar que merece na nova etapa de desenvolvimento do Nordeste e do Brasil.

Natal, 30 de setembro de 1965. — Mons. *Walfredo Gurgel.*

José Ozildo dos Santos
Téc. em Agropecuária
CPF 393.833.774-54

DISCURSO DE POSSE

Excelentíssimo Senhor Desembargador-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral.
Excelentíssimos Senhores Juízes

É com a mais viva comoção que acabamos de receber das mãos de Vossa Excelência, Senhor Presidente, os diplomas de Governador e de Vice-Governador do Rio Grande do Norte, eleitos no pleito de 3 de outubro.

Nesta hora, mais do que em qualquer outra, sentimos repousar sobre nossos ombros todas as esperanças do eleitorado potiguar que, por maioria absoluta, fez de nós os preferidos de sua opção.

Esta cerimônia tem para nós uma significação toda especial. Durante os dias da campanha falamos ao povo norte-rio-grandense palavras sinceras, nascidas das nossas almas, que levaram a todos os quadrantes do Estado a mensagem de fé na democracia, de amor aos pequenos e humildes, de justiça, honestidade e de trabalho.

Resta-nos, de agora por diante, cumprir o nosso dever com redobrado espírito público.

A confiança em nós depositada, na Capital e no Interior, não poderá deixar de ser correspondida pela dedicação total ao serviço da coletividade.

Empregaremos todos os esforços para melhorar as condições de vida de nossos concidadãos, combatendo a estagnação e a miséria, abrindo novos caminhos ao progresso e ao desenvolvimento.

Lutaremos contra o analfabetismo, construindo mais escolas, proporcionando a todos maiores possibilidades de formação profissional e técnica.

Defenderemos a saúde de nossos irmãos, principalmente daqueles que mourejam longe das cidades, consumindo-se, dia e noite, nas suas dores e enfermidades.

Olharemos com o máximo interesse para os homens do campo, levando-lhes os auxílios de recursos técnicos e financeiros a fim de que sejam compensadas as canseiras de sua luta e as gotas de seu suor generoso.

Sabemos não ser fácil a tarefa que nos aguarda à frente dos destinos do Rio Grande do Norte. Estado pobre, encravado na região mais desprotegida do Brasil, faz-se indispensável a colaboração de todos para alcançar o objetivo comum que é o bem-estar dos seus filhos, na luta constante por melhores dias.

Não nos deixaremos dominar pelo desânimo, pois estamos certos de que ninguém poupará esforços, desde os operários mais humildes aos representantes das classes conservadoras, dos estudantes aos professores, das empregadas domésticas às donas de casa, para o êxito da missão que nos é entregue.

Haveremos de contar com a colaboração dos Poderes Públicos Federais, tendo à frente Sua Excelência o Senhor Presidente Castello Branco, sempre solícito em levar a todos os Estados da Federação, principalmente aos do Nordeste, à presença de sua ajuda.

Governaremos fiéis aos princípios constitucionais, observando, dentro da independência de atribuições específicas, a harmonia dos Três Poderes.

Antes de concluirmos nossas breves palavras, queremos elevar a Deus o pensamento numa prece para que nos ilumine sempre com as luzes de Sua Graça e nos conduza os passos, todos os dias, para só fazermos o bem.

Ao povo do Rio Grande do Norte, externamos a nossa gratidão e tudo faremos para não decepcionar as suas esperanças.

A este Colendo Tribunal, a homenagem do nosso respeito.

Sintetizando o sentido de nossas palavras nesta hora da diplomação, fazemos a profissão de fé democrática na grandeza do Brasil e na felicidade do Rio Grande do Norte.

Confiamos na clarividência de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, no patriotismo das Forças Armadas do País, no Poder Judiciário, na Assembléia Legislativa e no amor à ordem e ao trabalho do bravo Povo do Rio Grande do Norte.

DIRETRIZES DE GOVERNO

Assumindo o Governo no dia 1º, já no dia 12 estava reunindo seus auxiliares para o primeiro pronunciamento, quando fixou a ética e a filosofia do seu Governo, as regras de conduta que pretendia imprimir à coisa pública, os princípios de ordem política e administrativa que presidiram as suas decisões e de seus auxiliares.

E iniciou: "Devo dizer que os critérios que vou anunciar serão inflexivelmente mantidos. Deles não me desviarei, nem por palavras, nem por atos. E não permitirei, também, os desvios que possam ocorrer da parte daqueles que comigo participam da missão e da responsabilidade do meu Governo. Sou homem que pretende governar com a simplicidade da minha formação e do meu temperamento. Desejo e espero o convívio cordial de todos os que me cercam e a todos darei o exemplo de tolerância e de compreensão. Mas, devo repetir, serei inflexível no cumprimento dos critérios que, a seguir, formularei:"

E prossegue, anunciando, em primeiro lugar, os critérios políticos:

> "Não procurarei adversários. Não buscarei adesões. Não transacionarei apoio. Mas não recusarei ajuda nobre e espontânea à administração que estou iniciando porque não tenho o direito de repelir aqueles que se disponham a trabalhar pelo Rio Grande do Norte. Não perseguirei adversários. Não procurarei ferir ninguém. Numa palavra: desejo que haja respeito ao Governo e o Governo respeitará a todos, aliados políticos ou adversários. "O meu Governo não objetiva apenas angariar aplausos e elogios, seja dos amigos, seja dos adversários. O Governo precisa da crítica de todos. Do exame dos seus atos."

E adiante: "O meu Governo será de respeito à Lei; à Constituição; aos demais poderes; com os quais procurarei manter o melhor clima de harmonia e aproximação, em benefício do povo.

Serei fiel cumpridor das leis emanadas do Poder Legislativo e das decisões proferidas pelo Poder Judiciário.

Quanto aos critérios administrativos o meu Governo será de austeridade, de contenção de despesas supérfluas. Será de gastos programados de acordo com as disponibilidades do Tesouro. As medidas de economia não implicarão, porém, em fechamento de qualquer serviço ou paralisação de obras."

Traçou, no primeiro contato com sua equipe, o caminho a seguir. Até o último dia de Governo cumpriu-o fielmente. Jamais afastou-se da linha de conduta proclamada e deixou para os seus conterrâneos um exemplo de retidão. Era um homem de palavra, herdeiro legítimo da austeridade característica dos varões do Seridó.

A PERDA DA MÃE

Em 3-2-1966, faleceu Joaquina, conhecida em sua cidade por Da. Quininha; para a grande maioria Mãe Quininha. Isto porque, no sertão, até bem pouco tempo, eram chamadas Mãe as pessoas que se dedicavam ao ofício de parteira. Ela o foi. Por muito tempo assistiu as parturientes residentes na cidade e sítios vizinhos e, por esta razão, todos os meninos "pegados" por ela (era o termo empregado) tinham-lhe uma afeição especial, chamavam-na de mãe e pediam-lhe a bênção. Morreu, enfim, depois de um triste padecimento. Walfredo, já Governador, para lá se dirigiu. Oficiou os atos litúrgicos, celebrando a missa de corpo presente. Levou-a, então, com a multidão que comparecera ao ato religioso, ao Cemitério da Paraíba, bairro de Caicó. Dar-lhe-ia a última morada, o repouso eterno. O povo, em verdadeira romaria, a pé, conduzia, em revezamento, o ataúde. Sol a pino, calor sufocante. Grande distância a ser percorrida. Todos, porém, de semblantes graves e compungidos pelo passamento. Walfredo à frente do cortejo. Preces ao céu. Deveria ele, tal qual Santo Agostinho, ao pedir por Mônica, no regresso da caminhada, dizer ao Senhor: "A morte de minha mãe não foi infeliz nem total: sabíamo-lo pelo testemunho dos seus costumes, pela sinceridade de sua fé e por muitas outras razões inequívocas. Foi conduzido o cadáver à sepultura. Fui e voltei, sem derramar lágrimas, nem mesmo chorei durante as orações que vos dirigimos, ao ser oferecido o Sacrifício da nossa redenção pela defunta. Nem chorei durante as preces. Mas todo o dia, senti, no meu íntimo, uma tristeza oprimente. Depois, pouco a pouco, voltava aos anteriores sentimentos a respeito de Vossa serva. Recordava-me da sua convivência, piedosa para Convosco e santamente afável e sofredora para comigo, mas que, de repente me fora arrebatada. Sentia consolação em chorar ante a vossa presença por causa dela e por ela, e também por causa de mim e por mim." (Confissões, Livro IX)

Encerram-se os atos funerários. Volta Walfredo para a capital um pouco desolado, mas muito conformado e confortado. Sua mãe aceitara o convite da eternidade e o povo caicoense prestara-lhe a mais comovente das homenagens.

Está, dias depois, em Palácio. Entra um dos seus auxiliares para comunicar-lhe a elaboração de um empenho que cobriria as despesas do funeral. Disse, então, após ouvi-lo:

— Mande cancelar esse empenho. Por que esse dinheiro? Quem faleceu foi a mãe do Governador. O Estado não a teve e nem terá. Recusou, portanto, a ajuda, dando, ao iniciar o Governo, um exemplo de zelo pelo erário público.

O tempo dirá se seu exemplo surtiu algum efeito...

A SIMPLICIDADE

Quem se atrever a escrever sobre o Governo Walfredo Gurgel tem que afirmar: foi um governo tranqüilo, quanto o seu titular.

Um Governo modesto, austero, realizador, humano e moderado. A soma de suas principais virtudes. Jamais houve tanta paz no Estado, apesar de instalado após uma das mais árduas campanhas, quando proliferavam o ódio, os insultos, as paixões políticas. Essa paz, porém, tantas vezes por ele pregada, instalou-se durante sua administração.

Jamais perseguiu os adversários e soterrou no esquecimento os episódios da campanha.

Levou para o Governo o mesmo hábito de homem simples. Sempre usou seu Volkswagen 1968, para fazer visita aos seus amigos mais diletos, aos sábados e domingos, sozinho. Certa feita, lembro-me bem, saía ele, cedinho, para a Catedral, em um domingo, a fim de celebrar a missa, coisa que ele jamais deixou de fazer, apesar de dispensado pela Igreja. Ia sozinho.

José Daniel, seu sobrinho e auxiliar, quando de sua volta, fez-lhe a seguinte admoestação:

— Padre, o Sr. não deve sair sozinho nesse carro.

— Por que, Zé Daniel?

— O Sr. é o Governador do Estado.

— Há algum mal nisso? Eu não tenho inimigos...

— Não, Padre, não é isso. Já pensou se esse carro der o prego ou furar um pneu?

— Ora, Zé, aqui há muitos postos de gasolina com borracheiros...

Guardou, porém, o diálogo e passou a sair acompanhado do cabo da Guarda que, por ser católico, levava sempre o seu livrinho de orações.

Jamais deixou de ministrar os sacramentos do matrimônio ou batismo a quem dele solicitasse o ato. Fazia-o sempre, com a maior naturalidade, completamente despido das honras governamentais.

WALFREDO E O JUDICIÁRIO

"Entro no templo da Justiça, como Governador, com a mesma humildade e respeito que sempre transpus a porta do templo de Deus, como seu Ministro."

Com estas palavras iniciais, agradecia o Governador Walfredo, à saudação que lhe fizera o então Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Zacarias Cunha, quando da visita de cortesia ao Poder Judiciário, após assumir a Governança do Estado.

Ali estava para dizer à mais Alta Corte de Justiça estadual que, realmente, cria na harmonia entre os Três Poderes.

E, na verdade, ninguém mais do que ele, soube deixar esse Poder em seu verdadeiro lugar.

Não houve, durante o seu período de mando, comprova-se, um minuto de retardamento para que cumpridas fossem as decisões proferidas pelo Colegiado. Sempre respeitou. Não entendia o Juiz político. Achava a Justiça intocável. Tinha, sempre demonstrou, grande senso jurídico e interpretava as Leis com sabedoria.

Com efeito, a interpretação das Leis já não é privilégio dos bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais. É, como já dizia Paula Batista, "obra de raciocínio e de lógica, mas, também, de discernimento e bom-senso, de sabedoria e experiência."

Entendia as decisões e não se tem notícia de que qualquer comentário, mesmo reservado, tenha por ele sido enunciado.

Sempre dizia que a Assembléia Legislativa não lhe punha medo, vez que para ali jamais tentaria enviar uma imoralidade para aprovação e, por outro lado, entendia que o Judiciário somente corrigia o que estava errado. Nada, portanto, temia.

Era humilde até à renúncia. Jamais nomeou um novo Juiz, se seu nome, na lista trinome, viesse em segundo ou terceiro lugares, embora tivesse o direito de fazê-lo. Respeitava a escolha feita pelos

desembargadores, já que o novo Julgador passaria a ser membro integrante desse Poder.

Essa conduta de sempre respeitar, deu-lhe alteamento e, não se tem notícia, tenha sofrido qualquer irreverência de componentes do Poder Judiciário de sua terra.

Seu Governo fez despontar, no Estado, uma nova era, a fase da dignidade e do respeito mútuos...

Visita ao Egrégio Tribunal de Justiça. Saudação do Presidente, Des. Zacarias Cunha.

1º ANIVERSÁRIO DE GOVERNO

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

(Oração proferida no Salão Nobre do Palácio da Esperança, na tarde do dia 2 de dezembro de 1966, pelo então Chefe da Casa Civil, Dr. Jurandyr Navarro da Costa.)

Excelentíssimo Senhor Governador,
Minhas Senhoras, meus Senhores:
Senhor Governador,

Quiseram os funcionários do seu Gabinete, ao qual tenho a honra de pertencer, que fosse, como Chefe da Casa Civil do seu Governo, o intérprete de seus sentimentos cardinais, ao parabenizá-lo no dia radioso do seu aniversário, nesta singela homenagem que prestamos, todos nós, funcionários e Secretários de Estado, a Vossa Excelência. Homenagem simples, mas eloqüente, que toca a alma e enternece o coração.

Senhor Governador,

É com alegria que saúdo a Vossa Excelência, no dia de hoje. Já o havia feito, embora palidamente, no decurso da sua memorável campanha eleitoral em busca da primeira magistratura do Estado.

Havia saudado o Candidato e hoje saúdo o Governador. E o faço com alegria. Faço-o com alegria porque o Governador não desmereceu o Candidato. Todas as promessas do Candidato estão sendo cumpridas com fidelidade pelo Governador.

Prometeu Justiça, Probidade e Trabalho. E tem sido esta a constante imutável do seu Governo.

Senhor Governador Walfredo Gurgel,

É escusado dizer que Vossa Excelência inaugurou no Rio Grande do Norte um estilo novo de Governo.

Um Governo sério, de poupança, dirigido, exclusivamente, para o bem da coletividade. Governo isento de vícios e de vaidades. Governo sem a tarja infamante da corrupção, sem devaneios e sem vôos de Ícaro.

Mas, Governo com os pés em terra e de cerviz erguida, lembrando o canto de Ovídio, o grande lírico latino: "com a cabeça erguida tocarei os astros".

É desnecessário salientar que Vossa Excelência recebeu uma herança pesada, encontrando o Estado em típico regime falimentar. E todos sabem que não é fácil administrar uma massa falida. Por ter muito realizado, o Governo passado teve de contrair dívidas.

Mas, sem tibieza e com serenidade Vossa Excelência, pouco a pouco, vai vencendo as vicissitudes e equilibrando a balança financeira.

Todos são testemunhas que V. Excelência transformou o recesso deste Palácio em Casa de Trabalho.

Com a clarividência do Educador, a visão do Político e a fé do Sacerdote V. Excelência tem realizado um Governo que orgulha todos os norte-rio-grandenses.

Logo no primeiro dia de administração V. Exª conseguiu silenciar uma Oposição tenaz e obstinada, que durante a sua campanha eleitoral vociferou um elenco interminável de vitupérios e de insultos. E isto nenhum governante havia conseguido no Rio Grande do Norte, sem utilizar-se do decesso da autoridade — humilhação moral, em negociar o apoio político na base das compensações, de entrega dos cargos públicos, das transações comerciais e dos conchavos espúrios.

É porque nenhum outro governante possuia, no Poder, a força moral que V. Exª ostenta.

Em pouco tempo a sua proba administração criou condições favoráveis para a unificação das correntes partidárias que se digladiavam em escaramuças estéreis, que nenhum proveito de ordem moral, científica ou econômica trazia para o pequeno e sofrido Rio Grande do Norte.

Da mesma forma, estabeleceu a harmonia dos Poderes constituídos, que se encontravam distanciados, acarretando, com tal fra-

cionamento, conseqüências desastrosas para a própria vida do Estado.

Fazendo o congraçamento dos políticos sem quebra de dignidade e a unificação dos poderes constituídos, V. Exª repetiu Júlio César, quando disse:

"Não tenho mais inimigos. Eu venci a todos!"

Senhor Governador,

Todos os seus Auxiliares conhecem de perto a situação calamitosa em que se acha o exaurido erário público, tantas vezes assaltado pelos compadres das administrações anteriores. Sabedores disto é que envidarão todos os esforços no sentido de ajudá-lo no seu Governo de Honestidade e Trabalho.

Sabemos que outras dificuldades surgirão com o perpassar dos dias na trajetória da sua grandiosa gestão. Por isto é que pedimos a V. Exª para não desfalecer o ânimo e lembrar-se sempre do otimismo e da força de vontade expressada por Napoleão Bonaparte, quando se defrontou com os Alpes — obstáculo temível, que seus comandados, veteranos de tantas batalhas, achavam impossível transpô-los, em virtude do cansaço da tropa, o que fez o grande general exclamar:

"Os Alpes? Os Alpes não existem."

Rogamos a Deus proteger o seu Governo de Paz, de Justiça e Trabalho, ao mesmo tempo que desejamos toda felicidade pessoal para Vossa Excelência.

WALFREDO E O TRABALHADOR

Nos dias 1º de maio, de todos os anos, sempre dirigiu mensagem aos trabalhadores do Estado. Reproduzimos apenas uma. Por esta, tem-se a dimensão do seu amor ao trabalho e seu devotamento aos que constroem. Forte dosagem de esperança e confiança são esboçadas, e a fé constante e firme, no progredir, é o objetivo.

Com toda a pureza de sua alma concita a todos, aos mais humildes a, unidos, tornarem-se, também fortes.

"Todas as correntes do pensamento humano de nossa época, convergem a crescente valorização e dignificação do trabalho, seja de que natureza for, desde o mais humilde até o de mais elevada qualificação técnica e científica.

A história ensina-nos, todavia que a experiência dos povos está marcada por períodos em que o trabalho foi símbolo de inferioridade social ou mesmo de aviltamento da condição humana, como na fase da escravatura ou da servidão. O mundo moderno redimiu a grandeza do esforço produtivo em todas as suas diversas manifestações e criou um complexo sistema de proteção dos direitos e prerrogativas da classe operária. Hoje, no dia comemorativo do Trabalhador, minha saudação está impregnada pelos ideais de fraternidade humana, que tem inspirado os mais nobres postulados de filósofos, estadistas e líderes de prestígio e acatamento internacional. Minha mensagem ao trabalhador é de confiança no seu amor à pátria, no seu devotamento às instituições democráticas, na sua capacidade de construir para o Brasil, juntamente com as outras classes sociais, o futuro, de permanente independência e de pleno desenvolvimento econômico e cultural, que todos nós desejamos para que se transforme, o mais rapidamente possível, na grande realidade de nossa História."

AMOR AOS POBRES E AOS JOVENS

Nasceu e continuou pobre, sempre na mais simples condição de vida. Era tudo atenção. O homem que chegou a dirigir o Estado, se identificou, de pronto, com o povo simples. A influência da humildade na sua formação é evidente em sua crença, freqüentemente manifestada na nobreza e dignidade do trabalho. Tinha verdadeira predileção pelos que enfrentavam todas as lutas, no estudo e no trabalho; profundo interesse em que todos aqueles que se esforçavam tivessem justa recompensa e amplas oportunidades de melhorar de situação. Daí haver encaminhado tantos jovens, como educador. Sentia-se feliz quando sabia, com o passar dos anos, que um seu ex-aluno estava bem. Sofria, ao saber do contrário. A todos, com simplicidade, ouvia e interessava-se em saber de sua vida, o que fazia ou pretendia fazer. Esses encontros causavam-lhe entusiasmo. Era, assim, um entusiasta. Tinha dentro de si "'o sal da alma," no dizer de Santo Agostinho. E, em verdade, "nada de grandioso se realizou, jamais, sem entusiasmo," no dizer de Emerson.

Seu entusiasmo no educar a juventude, em querer-lhe bem, inspirava-se talvez nas palavras de Voltaire: "Os moços são mais afortunados porque verão grandes coisas."

E Walfredo, em conversas, sempre dizia ser mais sacerdote que político. Sentia-se, porém, realizado por ter sido professor.

De fato, por achar a juventude uma coisa bela e encantadora, todos aqueles que têm algo de superior a comunicar ao mundo gostam de a ela se dirigir, cheios de emoção, desejosos de lhe conquistar o coração e cativar-lhe o espírito. Não está na História essa preferência?

Sócrates gostava de falar aos jovens, já na Grécia antiga. Jesus não doutrinava as criancinhas?

Tudo isso levou-o a ser um grande educador. Guardava recordações dos momentos mais simples de sua vida como Diretor, ou

como Professor, do Ginásio de Caicó. Tanta era sua afeição por seus ex-alunos, que dos mesmos tinha gravados até **os apelidos.**

Se houvesse uma referência a Estevinho, Jaburu, Lezeira, Da boia, Cegonha, Pretinho, Bode Velho, Papagaio, Espirro, Briba (víbora) ou Lacraia, ele, de pronto, dava o prenome e nome completos... E sempre contava um caso que se passara nos dias de Ginásio.

Jaburu chamava-se José Laerte. Era filho de Santa Cruz. Não concluiu o curso em Caicó, por ter de servir à Aeronáutica. De Natal transfere-se para o Rio de Janeiro. Walfredo, eleito Deputado Federal (Constituinte), deixa a Dire-ção do Ginásio e passa a residir na Cidade Maravilhosa. Não deixou, porém, e como sempre o fez, de cumprir suas obrigações sacerdotais. Está certa noite, véspera da Páscoa dos Militares, em um confessionário, a fim de ouvir, pelo Sacramento da Confissão, uma fila de Cabos e Soldados.

Ajoelha-se, em dado momento, à sua frente, um militar feioso: Walfredo, ao fitá-lo, com a espontaneidade de sempre, bateu em seu ombro e disse:

— Jaburu, você por aqui? por que não volta para o Ginásio?

Não sei se José Laerte teve condição de contar ao Confessor as besteiras que fizera no tempo de estudante, interno, do Ginásio Diocesano Seridoense.

PAZ E DEVOÇÃO PELA COISA PÚBLICA

Homem absolutamente tranqüilo. Em casa, ao regressar do expediente normal ou de qualquer solenidade, ficava à vontade, em mangas de camisa, de chinelos e quase sempre com as pernas sobre outra cadeira, ou em sua rede branca de varandas, a balançar-se, de pernas cruzadas, abraçado a um livro, quando não o Breviário, ou a um processo, em cujo bojo se encontrava um assunto administrativo a decidir. Não se furtava, porém, ao diálogo, quando chegava um dos seus amigos mais íntimos e, com perspicácia, ia aos poucos, entrando num gostoso papo que, geralmente, girava em torno do que ocorria no Governo.

Preocupava-se em saber o que dizia a opinião pública acerca do mesmo. Ria, gostosamente, quando se dizia que chamavam-no de Não Senhor. Sentia-se, porém, feliz. Tal mudança era reflexo do seu zelo pela coisa pública.

Confessou-me, certa feita, que o Governo do Estado deu-lhe oportunidade de conhecer a outra face de algumas pessoas. Como pedem! E arrematou: poucos são os que vêem o Estado, seus bens, como coisas intocáveis. Muitos querem retalhá-lo. Desconhecem, parece-me, as palavras de Kennedy, em seu discurso de posse:

> "Não pergunteis o que o vosso país pode fazer por vós e sim o que podeis fazer pelo vosso país."

Walfredo, em verdade, jamais utilizou a coisa pública em favor de qualquer pessoa. Um simples auxílio que um pobre lhe solicitasse, ou mesmo uma pequena esmola implorada por um pedinte, ele de pronto atendia, declarando baixinho: "o auxílio é pequeno porque sai do meu bolso. Não sou rico"...

De fato, era comum, às sextas-feiras, entregar ao seu ajudante de ordens algumas cédulas de cem cruzeiros a fim de que o mesmo trocasse-as em miúdos, para que pudesse cumprir essa obrigação.

Os pedintes que o procurassem em casa ou no Palácio dele recebia uma esmola. Recebia-os, até, em seu próprio gabinete e o seu gesto jamais foi feito publicamente. Era um espírito caridoso, na mais pura acepção cristã da palavra.

Poucos, talvez, tenham sentido nele essa virtude tão bela e dignificante.

Mas afirmo: quanto mais dele se disser, mais ainda restará o que dizer.

NÃO À OSTENTAÇÃO

Sempre foi um homem avesso à propaganda. Não a entendia, quando dirigida e individualizada. Dizia sempre que o Governo não era o homem e sim o conjunto que o formava.

Por esta razão não concebia que as placas e letreiros apostos em obras públicas reproduzissem o nome de qualquer autoridade.

Via, em tudo isso, dosagem de exibicionismo. Assim deveriam proceder os admiradores da sentença: "L' etat cest moi".

Ao refrão popular "triste do Governo que não pode" jamais esposou, pois, abraçando-o, estaria ferindo princípios de Justiça, de humanidade e de igualdade.

Era, portanto, o implantador de um Governo sem ostentações, distante dos devaneios, dos elogios falsos e fáceis.

O Governo para ele não era o seu nome, mas a obra que surgia para o bem da coletividade que, ao vê-la concluída, cedo ou tarde, recebendo dela, direta ou indiretamente, algum benefício, reconheceria que um punhado de homens, servindo ao Estado, sob o comando de um escolhido pelo povo, ali deixava fincado o marco do esforço comum.

Por assim pensar, vigora, ainda, a seguinte Lei, que *in verbis,* diz:

"Lei nº 3.796, de 17 de dezembro de 1969.

Disciplina os dizeres das Placas ou Letreiros colocados em Obras Públicas a cargo da Administração estadual.

O Governador do Estado do Rio Grande do Norte:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º— Nas placas ou letreiros colocados em obras públicas a cargo da administração estadual, direta ou indireta, somente serão feitas referências ao Governo do Estado, Secretaria de Estado ou órgão responsável pela execução, e ao Governo Federal ou outros organismos

se forem partes convenentes permitidas as especificações de caráter técnico, mas defesa menção ao nome de qualquer autoridade.

Parágrafo único — Deverá o Governador do Estado expedir as determinações necessárias ao cumprimento do disposto neste artigo.

Art. 2º— Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio da Esperança, em Natal, 17 de dezembro de 1969, 81º da República.

Mons. WALFREDO GURGEL
Jurandyr Navarro da Costa

HOMENAGEM AO LEÃO WALFREDO

Há poucos meses, numa das reuniões do Lion's Club Natal—Centro, o CL Zacarias Gurgel da Cunha, ao invocar a Deus, pronunciou as seguintes palavras:

> "Agora, Lion's Club de Natal—Centro, destaca um fato ligado à atividade própria, relativo ao tradicional pedido da presença de Deus em nossas reuniões, numa demonstração de fé coletiva.
> E, irmanados nesta mesa, damos ênfase especial à oportunidade, em particular, transmitindo aos Leões um magnífico trabalho que revigora o nosso propósito de servir desinteressadamente.
> Há 6 anos, éramos presidente do Clube, e, com os companheiros do Conselho Diretor, com imensa honra, acompanhamos a escolha de uma oração invocando a Deus, a qual, por votação unânime, passou a ser a nossa, oficialmente, para ser lida sempre em nossas assembléias."

Trata-se da invocação a Deus, escrita pelo saudoso companheiro Monsenhor Walfredo Gurgel.

Ei-la:

> SENHOR:
>
> Reunidos em assembléia, sentimos a Vossa presença, pois fazemo-lo em Vosso nome, iluminados pela Vossa bênção.
>
> Cada dia e cada hora, não podemos prescindir da Vossa proteção paternal.
>
> Reconhecemos, humildemente, as nossas limitações e com as luzes da Vossa graça desejamos acertar, aprimorando a nossa vida.
>
> Dai-nos o calor da caridade, para levarmos a todos a solidariedade da presença e o conforto da palavra amiga e desinteressada.
>
> Ajudai-nos a corrigir o que estiver errado em nós e aproveitar o que de bom houver em benefício dos outros.
>
> Aos que sofrem, socorrei com o bálsamo da paciência; aos que choram, com o sudário de Vossas consolações; aos que vencem em suas

atividades quotidianas, concedei maiores estímulos para a perseverança no trabalho.

Dai-nos a paz interior, a cada um, a fim de que se concretize a mensagem de paz entre todos os homens de boa vontade, entre todos os povos.

Fazei-nos cada vez mais dóceis a Vossa vontade, para melhor cumprirmos os deveres de leões, dignificando a Pátria e a Família, servindo ao próximo com desinteresse e amor.

É a nossa oração como a dos discípulos de Emaús:

Senhor, permanecei conosco, pois, sob o calor da Vossa presença, nos sentiremos irmãos uns dos outros e seremos um dentro da Caridade, que é a Síntese dos Vossos ensinamentos."

O Lion's Clube de Caicó, também, uma homenagem lhe prestou. No dia 2 de dezembro de 1972, dia do seu aniversário natalício, perpetuou-o em solenidade, quando o Deputado José Josias pronunciou as seguintes palavras, ao encerrar sua oração.

"Por tudo isso é que estamos novamente aqui Mons. Walfredo Gurgel, manifestando ainda o sentimento de nossa gente, pelo infausto acontecimento que privou a vida pública do Rio Grande do Norte do convívio de um dos seus mais eminentes filhos. Deus o tenha no lugar que o senhor muito bem merece; o senhor que morou na Praça da Catedral de Santana em vida e mora dentro da Catedral de Santana, após a morte. E, por último, está perpetuado no bronze também na praça de Santana."

O LEÃO ADMIRADO PELOS ROTARIANOS

Na vida social, nas relações de estima, na convivência e na recreação em horas de lazer, tão necessárias à higiene mental e à saúde, sempre soube se portar com sobriedade e decência e, cautelosamente, separava o joio do trigo. Era, às vezes, brincalhão, mas nunca perdeu a compostura, outra qualidade que se traduz em discrição e reserva, em vida pública e privada. Sempre foi calmo e soube desarmar as agressões insólitas e quebrar ímpetos irrefletidos. Impunha respeito. À beleza viril do físico privilegiado aliava-se a invejável formação moral. Era bom por natureza. Sua serenidade, por outro lado, manifestava-se, sobretudo, na ausência de exageros. Jamais cortejou a popularidade ou fez declarações para serem publicadas.

Era Leão. Comparecia às reuniões do Lion's Club Natal—Centro. E, quando da auto-apresentação, levantava-se, com seu porte espartano e, pausadamente, pronunciava:

"Mons. Walfredo, Governador do Estado."

Ao deixar a Chefia do Executivo, sem as honras governamentais, como simples cidadão, comparece a jantar festivo.

Chega esse momento. Risonho, tranqüilo, sereno, levanta-se e diz:

"Mons. Walfredo, sem domadora..."

Os companheiros não se contiveram. Era uma brincadeira que fazia, já que era defensor do celibato.

Como Governador sempre era convidado para essas reuniões, leonistas ou rotárias. Raramente desatendia ao convite. O Rotary Club de Natal, quando se aproximava o término do seu mandato governamental, prestou-lhe uma homenagem. Fácil aferir o valor desse gesto; estava o Mons. prestes a voltar à condição de simples cidadão e humilde sacerdote. Os rotarianos, pessoas da classe

empresarial, industriais, comerciantes, profissionais liberais, escolheram uma das figuras mais valorosas de suas fileiras para saudá-lo. Em suas palavras sente-se a análise pura e simples do Governador. O Rotary nada tinha a agradecer, pois nada lhe pedira. Reconhecia, porém, o quanto Walfredo "dera de si antes de pensar em si". Tinha ele, na verdade, "o ideal de servir".

E o rotariano acima referido — Dr. Heriberto Bezerra — assim se expressou:

> "Quando o R. C. de Natal me concedeu a honra de saudar ao Mons. Walfredo Gurgel, ao fazê-lo experimento três fontes de prazer: 1º a figura do homenageado; 2º a justiça da homenagem e 3º a oportunidade da mesma homenagem.
>
> Quanto ao primeiro item, se nos afigura o Mons. Walfredo como um homem sério, um coerente com os seus princípios.
>
> Tudo fez para que esta homenagem que lhe prestamos tivesse raízes profundas no seio da justiça. É que o seu trabalho nos faz lembrar o acontecimento bíblico da multiplicação dos pães; é que ele realizou tanto e com tão poucos recursos a ponto de merecer, mesmo dos pósteros, a maior admiração e o maior respeito.
>
> Sinto-me mais à vontade para saudá-lo, Mons. Waldredo, por que é a hora do reconhecimento da sua obra, e, principalmente, porque o seu mandato está prestes a findar, carecendo de interesses outros, toda esta descrição do pensamento daqueles que fazem R. C. Natal e o homenageam nesta hora.
>
> À frente do Governo do Estado do Rio Grande do Norte multiplicou escolas de modo impressionante, fazendo com que o monstro do analfabetismo sofresse no âmago um grande impacto; a eletrificação com energia de Paulo Afonso, em inúmeras cidades do interior do Estado, fez com que muitas luzes brilhassem iluminando os olhos e confortando os corações daqueles que lá habitam; as estradas que se derramam nas mais diversas direções e as pontes construídas, inclusive a de Igapó, foram pontos marcantes de uma administração bem orientada; as comunicações constituíram outro marco relevante, fazendo com que a gente potiguar pudesse falar com outras gentes sobre os mais variados problemas. Mas, se o Mons. Walfredo nada tivesse feito, não poderia ficar esquecido ante a maior de todas as suas conquistas e tão do agrado do Rotary: a pacificação política do Estado. Aqueles homens que se odiavam passaram a estender as mãos para o aperto fraternal, aqueles homens que se degladiavam encontraram na compreensão o melhor caminho para servir ao Rio Grande do Norte. A paz conquistada tornou a família unida e por isso mais forte. O Mons. Walfredo tudo que fazia era munido pelo estudo meticuloso dos atos; era cuidadoso na seleção das atitudes que assumia; chamava a atenção a retidão dos seus propósitos e o senso da responsabilidade morava em cada iniciativa tomada. E a título de curiosidade, vale ressaltar que muitos governantes foram censurados pelos seus excessos de publicidade, enquanto que o Mons. Walfredo o foi pela parcimônia de publicidade. E, assim, procedeu para evitar maiores gastos

com o dinheiro do povo, e, principalmente, pela alta dosagem de humildade que tão bem o caracteriza. Há pouco tive oportunidade de ler o seguinte raciocínio: "Se queres ser amado, sê modesto; se queres ser admirado, sê orgulhoso; se queres as duas coisas, usa externamente a modéstia e internamente o orgulho. Mas o próprio orgulho pode ser modesto, raramente se deixando ver e nunca se deixando ouvir".

Mons. Walfredo, na sua modéstia comovedora, cabe muito bem o direito de guardar o orgulho que não se deixa ouvir, levando-se em conta as enormes e numerosas realizações à frente dos destinos do Rio Grande do Norte. Realmente o Senhor deve se orgulhar ante o exato cumprimento do dever que nos mostrou.

Não esquecemos outra grande qualidade do nosso homenageado: quando censurado, ele sempre se defendia com o silêncio, e quando elogiado sempre se escudava na humildade. Jamais sofreu o mal das alturas. Ex-Vice-Governador do Estado, ex-Deputado Federal, ex-Senador da República e, agora, encerrando o seu mandato de Governador, invariavelmente os seus pés estiveram rentes ao solo, permitindo-lhe passos firmes em caminhos seguros.

Outro mérito: desejando beneficiar o funcionário, ele aumentou os seus vencimentos de modo modesto, mas coerente com as possibilidades econômico-financeiras do Estado. A sua preocupação foi unicamente a de poupar ao Estado o constrangimento de não poder pagar um aumento mais substancial; preocupava-o a certeza de não legar ao seu sucessor qualquer herança maldita. As suas aflições ao governar eram muito bem disfarçadas. Realmente, o Rio Grande do Norte de tão pobre é muito rico de analfabetos; nele as crianças continuam a adoecer e a morrer por força do binômio miséria-ignorância; a estiagem que tanto maltrata sempre nos tem visitado. E contra tudo isso Mons. Walfredo lutou e, agora, pela sua luta a nossa admiração.

Mons. Walfredo Gurgel:

Receba como homem a homenagem dos que fazem o Rotary Club de Natal, e como sacerdote receberá as bênçãos de Deus.

PAZ E BONDADE

Walfredo nunca foi um especulador, um político de ocasião, vazio de idéias. Desde cedo, ainda bem moço, isso demonstrara. Era um homem de crenças, tinha desígnios a realizar. Realizou-os, em parte, com honradez, desinteresse e dignidade. Foi o que se poderia chamar de condutor de homens e para isso abraçara o sacerdócio, o magistério e a política.

Era político autêntico; jamais fez politicalha ou politiquice, como diria Rui. Foi um nacionalista convicto. Homem calmo, mas vivo, ardente. Resoluto até a temeridade, teimoso até quando convicto, rápido nas determinações; desinteressado até à abnegação, infatigável, austero e impassível ao clamor dos descontentes.

Assomou o Executivo na hora precisa, de necessidade.

Era o homem para a situação em que se encontrava o Estado: dividido, combalido, agitado após uma disputa eleitoral das mais renhidas, das mais festivas que, terminada, quase impossibilitava o diálogo entre vencedores e vencidos.

Mas, como vencedor, deslindou-se dos louros da vitória por saber que todos, sem exceção no Estado, eram seus governados. Ao assumir o Governo, cuidou de levantar as energias econômicas e financeiras do Estado. A contenção de despesa foi sua primeira preocupação. Espírito prático e positivo até a insensibilidade, gênio essencialmente organizador e previdente, estava talhado para esse tempo e recebia o respeito dos seus amigos e adversários conterrâneos.

Se, como homem público, foi o legítimo padrão de dignidade e de honradez, como amigo, ninguém o excedeu em dedicação e lealdade.

Era forte, bravo, mas nunca cometeu ou permitiu uma violência, nem a mais leve injustiça contra os seus mais rancorosos adversários; com estes sempre foi de uma exemplar generosidade, quando os via em situação difícil.

Aprendera, é certo, com o estadista-mor brasileiro, o Barão do Rio Branco, que dizia:

> "Sempre esposei os princípios de paz, de ordem e de liberdade bem entendida. Nunca segui os princípios da resistência armada."

Tinha fácil raciocínio e palavra franca a par de um físico simpático e um bem constante que fazia dele um conquistador de amigos. Irradiava bondade.

O GRANDE BRASILEIRO

Foi um espírito de notável cultura, um orador vigoroso, de linguagem simples, um homem de Estado, enfim.

Vulto contra o qual jamais se articulou uma acusação que pudesse ferir-lhe a honra pessoal; era respeitado por todos, inclusive por seus adversários políticos.

Impôs-se à admiração de todos pelas nobres e elevadas qualidades de seu caráter inflexível. Quer no jornalismo, quer na tribuna do parlamento ou na do povo, como diria Castro Alves, primou, sempre, pela elegância de atitudes, pela maneira cavalheiresca com que defendia seus pontos de vista, desarmando o contendor ou os contendores, sem descer à agressão da injúria pessoal.

Na cátedra seguia o ensinamento de Quintiliano, o verdadeiro fundador da pedagogia, que dizia, com toda a sua profundidade, "que para ser bom educador não bastava ter boa doutrina. O exemplo, a vida do educador, sua conduta, eram essenciais e primordiais, superando até o valor da doutrina exposta".

Essa a escola que forjou seu temperamento de homem público, servindo de luminoso exemplo.

Sua vida é uma das mais belas e edificantes em nosso Estado, onde sua atuação, muitas vezes, foi digna de ser louvada, como Plutarco, entre seus varões.

Era alguém que procurava a unidade e não a separação. Alguém que, como político, mestre e sacerdote, sempre se ateve ao que unia, relegando o que dividia.

Seguia o ensinamento do Mestre: Amai-vos uns aos outros. E porque amava, era livre. Vivia aquele liame orgânico entre a caridade, expelidora do temor, e a liberdade dos filhos de Deus que Santo Agostinho, luminosamente, frisou.

Sempre esteve em comunidade. Nos seminários, nas paróquias do Acari e Caicó, no Ginásio Diocesano, nos colégios onde le-

cionou, nas Baixa e Alta Câmara do País, na Presidência da Assembléia Legislativa e na Chefia do Governo.

Confundia-se com os demais, era pessoa comum. A todos ouvia e a muitos aconselhava. Nele morava a paz interior comum aos justos, puros e bons. Em seu redor, tudo era tranqüilidade e sua casa sempre acolheu os amigos que, quase por devoção, costumavam visitá-lo.

Era simples. Não se isolava. Tinha realmente espírito comunitário.

Lembro, com saudade, a figura insigne do Cel. João Medeiros que, às terças-feiras, religiosamente e cedinho, chegava à casa do Governador para a visita semanal. O assunto sempre foi o mesmo: inverno, sertão, Seridó, preço do algodão, notícia da família (dos meninos, como carinhosamente tratava seus filhos, o patriarca) e política.

Chamava-o de "Grande Brasileiro".

Walfredo correspondia, dando-lhe a patente de General do Seridó.

Certo dia houve o diálogo:

— O Grande Brasileiro está fazendo um grande Governo. Todo o mundo diz.

— É bondade sua, General. Estou tranqüilo, porque sinto que há paz, união e trabalho em nosso Estado. Sem estas três coisas, o que podemos fazer?

— E o General: É verdade, Grande Brasileiro...

FATOS

1. Várias vezes teve de viajar ao Rio de Janeiro e a Brasília a trato de assuntos do Estado. E o fazia com a maior simplicidade, às vezes até sozinho. Quando do primeiro afastamento, prepararam a verba necessária para as despesas, como de praxe. Procura-o em seu gabinete, em Palácio, o Ajudante de Ordens. Trazia consigo as passagens aéreas e uma importância em dinheiro, correspondente à ajuda de custo. Faz-lhe entrega. Walfredo, ao receber, lançou um olhar profundo e de admiração na importância em dinheiro e virando-se para o portador disse:

— Diga ao Secretário da Fazenda que não vou precisar de tanto dinheiro, pois espero resolver os problemas em poucos dias.

— Mas, Governador, esse dinheiro servirá para cobrir todas as suas despesas, tais como hospedagem, transporte, restaurantes, etc. Ademais, não houve qualquer aumento, embora tudo esteja mais caro.

— Olha, respondeu incontinenti: vou hospedar-me no Convento dos beneditinos e, se me convidarem, lá mesmo farei as refeições.

Outra alternativa não teve o emissário, senão a de voltar à Secretaria da Fazenda e transmitir a ordem do Governador. Houve a redução determinada...

2. Dias após haver deixado o Governo, recebeu a visita do amigo, Dr. José Varela. Conversaram bastante. Como ex-Governadores que eram, devem ter relembrado fatos ocorridos durante os respectivos mandatos. José Varela, despede-se. Mons. o acompanha até o portão. Divisa algumas pessoas na casa ao lado, residência do novo Governador, e rindo, diz:

— Olha, José, as pessoas que vinham aqui estão-se mudando para o outro lado da rua...

Mas, não houve mudança total; seus verdadeiros amigos continuaram a visitá-lo e o capim em frente à sua casa não cresceu,

como diria aquele velho desembargador, que resistia, quando lhe falavam em ingressar na inatividade...

3. Gostava de, ao fim do dia, quando encerrava o expediente, saber do que se passara nas repartições. Em face disso, tornou-se hábito para os seus auxiliares irem até seu gabinete. Certo dia, ele já se despedira quando entra um Deputado que sempre teve um linguajar muito complicado; era "falante" demais.

Alguma novidade na Assembléia? — Não, Governador. As mensagens receberam o beneplácito unânime da Casa.

— Muito bem. Deseja tratar de algum assunto? Não Senhor.

Então, peço licença para retirar-me, porque estou com hora marcada com o Dr. José Geraldo, meu dentista. Vou extrair um dente.

— Ora, Governador. Não se preocupe. É o senhor odinófobo? — Quem não o é? Respondeu. E continuou o parlamentar: — A ciência tem fantasticamente evoluído. Não temos mais odontólogos improficientes que usem métodos excruciantes para procederem a uma exodontia, seja em incisivos, caninos e em molares.

— Isso dito assim, Deputado, é bonito demais; o ruim mesmo é sentar-se na cadeira do dentista. Até logo. E, enquanto ele descia a escada privativa, eu saía em busca de um dicionário, para saber o que diabo era essa tal de odinofobia...

4. Certa vez, durante a campanha, machucou o polegar. O intumescimento veio rapidamente. A caravana chegava a uma cidade do interior onde sua maioria em votos era enorme. O povo nas ruas com os símbolos da Cruzada da Esperança. Verdadeira festa. Em determinada ocasião, uma senhora procura saudá-lo, apertando-lhe a mão. Ao fazê-lo, tocou fortemente no dedo avariado. Ele, com aquela espontaneidade sertaneja, soltou um bruto aaaiii... e disse: — Minha senhora, quero o seu voto, mas não desejo que quebre o meu dedo... Um amigo que estava ao seu lado disse-lhe baixinho: — Mons., será que o Sr. não vai perder esse voto? Ele respondeu:

— Voto com dor, fulano, eu não quero não...

5. Certo auxiliar, ocupante de Cargo em Comissão, para onde fora em atenção a um pedido político, teve uma pretensão tolhida. Aborreceu-se e quis, para talvez ter um contato com o Governador, fazer uma mediazinha. Não conhecia o Mons., é certo, pois, se com o mesmo privasse, não faria tal coisa.

Preparou, então, um pedido de exoneração, solicitando, em seguida, a um dos Oficiais de Gabinete que colocasse no **bureau** do Governador, para, quando de sua volta para o segundo expediente, fosse por ele apreciado. Julgava que, ao lê-lo, procurasse ouvi-lo e removida fosse a situação que o desgostara. Desejava uma compensação, talvez.

O Monsenhor, logo ao sentar-se, notou o documento. Colocou os óculos e, olhando por baixo das lentes e com a boca semiaberta, como de costume, puxou do bolso a caneta e escreveu:

— Como pede. Lavre-se o ato.

Datou e assinou.

O requerente, ao saber do deferimento, impacientou-se. Era a única coisa que ele não desejava. Que "fora" dera... O tiro saíra pela culatra. Entretanto, foi à procura de um dos auxiliares mais íntimos do Governador e contou-lhe o que acontecera. Pediu que interferisse, no sentido de tornar sem efeito o despacho.

O amigo dirigiu-se ao Gabinete do Governador, sabendo de antemão, quão difícil era sua missão.

Com habilidade foi chegando ao assunto. Fez ver ao Governador que o fulano estava arrependido e não era esse o seu desejo. Teria agido impensadamente...

O Mons. ouvia serenamente. Após a exposição, pausada e calmamente declarou:

— Eu o convidei para servir ao meu Governo e ele aceitou o encargo. Como posso negar o seu pedido? Já o deferi.

Mas, Governador, disse o diplomata, o pedido não é em caráter irrevogável... e, em sendo assim, pode V. Exª dar novo despacho.

— Não, respondeu: quando formulou-o, fê-lo *sponte-sua*. Não havia, portanto, necessidade de colocar a palavra irrevogável; nos meus despachos não uso esse termo. Ele está subentendido... Nada tenho a reformular ...

Era assim o Monsenhor. Nada de recuos...

6. Estava certa vez em sua casa, no papo matinal, quando entra o Gen. Ulisses Cavalcanti, seu Secretário de Segurança. Era pessoa a quem o Mons. dedicava grande afeição.

Ulisses começou a historiar um episódio, ocorrido em uma das cidades do interior e lá pras tantas, revoltado com a conduta de um delegado, começou a proferir palavrões de todos os tamanhos, pois estava, realmente, decepcionado com o militar que descumprira suas ordens.

Os palavrões foram saindo. Aquele cara é um safado, irresponsável, sem vergonha, desmoralizado, filho da . . . etc.

E o Mons., com muita calma e atenção ao que dizia Ulisses, esboçou um sorriso e com voz bem baixa disse:

— Ulisses, se você não quer respeitar o Governador, respeite, ao menos, o sacerdote. . .

Não houve, sequer, pedido de desculpas, vez que tratava-se de uma simples e carinhosa brincadeira.

7. Era simples. . . modesto.

De outra feita, quando uma das mais sérias crises de gasolina afligiu nossa capital, foi informado de que somente uma bomba existente na Av. Circular dispunha do combustível. Não titubeou.

Apanhou seu carrinho e para lá dirigiu-se. A fila era quase interminável. Colocou-se no último lugar.

Quando já havia levado mais de uma hora para chegar mais próximo ao ponto final, aproxima-se o dono do Posto e diz:

Governador, tenha a bondade de deixar a fila e dirigir-se ao primeiro lugar. Ela, então, respondeu:

— Desejo gasolina para meu carrinho particular e aqui, agora, sou um simples consumidor. Desculpe-me, estou bem na fila.

Era, assim, de uma simplicidade e modéstia inimitáveis.

Foi, porém, apesar de conservar hábitos de homem simples, um Governo de realizações.

WALFREDO, O LHANO

Quando reunia seus auxiliares, sempre dizia que ali estava uma família. Era ele o mais velho, o orientador. Pedia, porém, a opinião de todos. Jamais falou áspero ou teceu críticas à conduta de qualquer auxiliar, em conjunto. Terminada a reunião, a todos agradecia, desculpava-se por tê-los convocado para o ato. Dali voltava ao seu Gabinete de trabalho, sempre aberto a todos. Mantinha ao seu lado um pequeno bloco, em papel timbrado. Utilizava-o para dirigir-se aos que compunham o seu Governo, dando ordens. Raramente, ou quase nunca, usava o telefone. Era seguidor da sentença: **verba volant, scripta manent.** Tornaram-se famosos seus bilhetes, feitos à mão, com clareza e grafia simples e bonita. A assinatura legível e completa, parecendo ser gravada com carimbo. E, diferentemente de muitos que têm o poder de mando, com a simplicidade de quem pede, manifestava-se.

Jamais disse: faça isso, examine aquilo ou providencie aquiloutro.

Há, realmente, pessoas que mandam solicitando, sem arroubos, ostentação, tom ditatorial. Dele não se ouvia: cumpra-se, faça-se, providencie-se.

Alguém disse: manda quem pode, obedece quem tem juízo. Esta sentença nunca seria prolatada por ele.

Era, verdadeiramente, bondoso, humilde, sóbrio e de bom senso. Cultuava o pensamento de Guisot nas palavras: o bom senso é o gênio da humanidade.

Temos alguns dos seus bilhetes e os chamamos de ordens por solicitação. Publico-os para que se faça uma análise da figura que homenageamos.

3.7.68

Rio Grande do Norte

GABINETE DO GOVERNADOR

Am.º Barros:

Peço atender ao pedido da portadora, Naide Maria Sousa, em favor de um rapaz, Eliacim Camilo de Gouveia, que procura trabalho. Talvez possa ser aproveitado em "Serviços Avulsos", como você me falou.

Atenciosamente

Monsenhor Walfredo Gurgel

1.7.69

Rio Grande do Norte

GABINETE DO GOVERNADOR

Dr. Braun

Se você tiver de admitir alguém no IPE, pode atender à filha do Sr. Severino Claudino, Maria Cristina do Carmo Neto.

Atenciosamente,

Moura Walfredo

25.9.69

Rio Grande do Norte
GABINETE DO GOVERNADOR

Dr. Braior

Examine o caso do filho de Geraldo gnto Barbalho e veja o que pode fazer o IPE.

Monteiro Lopes

28.11.69

Rio Grande do Norte
GABINETE DO GOVERNADOR

Dr. Bianor

A portadora, Zelda de Souza, deseja pequeno empréstimo no IPE.
Veja como e quando poderá atendê-la.
Cordialmente,

Moura Holanda Filho

28.11.69

Rio Grande do Norte
GABINETE DO GOVERNADOR

Dr. Brainer

Veja a possibilidade de atender à portadora, Luiza Eleutério de Souza, com um empréstimo para pagar atrasados de sua casa.

Agradeço a atenção.

Monsenhor Walfredo Gurgel

17.6.70

Rio Grande do Norte
GABINETE DO GOVERNADOR

Meu caro Bianor

Veja a possibilidade de credenciar Gentil Homem Filho para o IPE, como dentista em Caicó.

Agradeço a atenção

Monsenhor Walfredo Gurgel

Era essa a maneira de ordenar do Governador que, com humildade e cortesia nivelava-se aos seus auxiliares.

Em face desse procedimento, reconheciam todos estarem diante de autêntico chefe e líder.

A MORDOMIA GOVERNAMENTAL

"Costume de casa vai à praça", diz a sabedoria popular sertaneja. De fato. Se Walfredo foi um dos Governos que mais defendeu a coisa pública, senão o maior defensor, ora evitando gastos excessivos, a opulência, ora restringindo, em todos os setores, quaisquer despesas dispensáveis, dizia que isso nada mais era do que uma obrigação. Deve tal comportamento ter tido suas raízes em sua própria casa. Em nada mudou, apesar de levado às mais altas funções de Mandatário Estadual. Nada de novo na residência oficial. Os móveis, o dormotório, a sala de jantar e a cozinha foram sempre os mesmos. Nada de decoração ou enfeite. Era a residência oficial uma casa comum... de um bom sertanejo que nunca desprezou a coalhada e a tapioca, o cuscuz e jerimum com leite. Carne assada, paçoca. Mesa frugal... uma cadeira de balanço e uma rede do Ceará.

Em sua casa viviam sempre quase 10 pessoas. Ele, Cina, 2 empregadas e a guarda policial. Às vezes aparecia um amigo do interior ou um dos auxiliares. Não se alterava, se era chegada a hora do café, do almoço ou do jantar. Fazia questão de que o visitante participasse da mesa.

Uma das suas primeiras providências, como Governador, foi determinar que a alimentação dos soldados da guarda fosse a mesma que lhe era servida. Isso porque, quando da primeira feira semanal, notou diferença em determinados tipos de alimentos.

Mandou, então, que Cina fizesse o rol das compras. Entregava-o ao mordomo Antônio Clemente da Costa após o supervisor de setor, funcionário da Subchefia da Casa Civil, redigir um memorando, e visá-lo; efetuavam-se as compras e em sua casa eram entregues. Disse-me esse funcionário que, de quando em vez, ia Walfredo à cozinha conferi-las.

Consegui cópia de dois desses memorandos.

Publico-os para que os rio-grandenses-do-norte saibam o quanto era parcimonioso o seu ex-Governador.

GABINETE DO GOVERNADOR
CASA CIVIL
SUBCHEFIA DE ADMINISTRAÇÃO

Em 25 de julho de 1967.

Senhor Gerente do Açougue Grande Ponto,

Solicitamos fornecer para a Residência Oficial do Excelentíssimo Senhor Governador, destinado à manutenção da semana que se inicia, a seguinte mercadoria:

01 — 02 quilos de carne de sol;
02 — 02 quilos de lombo paulista;
03 — 03 quilos de chã de dentro;
04 — 02 quilos de costela; e
05 — 02 quilos de fígado.

Esclarecemos que os preços deverão continuar sem alteração e de acordo com a licitação para o trimestre corrente.

Atenciosamente,

Antonio Clemente da Costa
Mordomo, Padrão "U"

VISTO
João Djalma Fernandes
Supervisor de Setor

GABINETE DO GOVERNADOR
CASA CIVIL
SUBCHEFIA DE ADMINISTRAÇÃO

Em 25 de julho de 1967.

Sra. Helena do Nascimento Cândido,

Solicitamos fornecer para a Residência Oficial do Excelentíssimo Senhor Governador, destinado à manutenção da semana que se inicia, a seguinte mercadoria:

01 — 40 laranjas bahia;
02 — 20 laranjas p/ refresco;
03 — 20 bananas prata;
04 — 30 bananas leite;
05 — 20 bananas anã;
06 — 03 litros de cajá;
07 — 02 litros de mangaba;
08 — 04 quilos de mamão;
09 — 03 quilos de batatinha;
10 — 04 quilos de macacheira;
11 — 02 quilos de cenoura;
12 — 01 quilo de cebola;
13 — 01 quilo de beterraba;
14 — 04 quilos de jerimum caboclo;
15 — 03 quilos de chuchu;
16 — 01 quilo de vagem;

17 —04 melões japoneses;
18 — 04 quilos de peixe;
19 — 02 quilos de maçã;
20 — 03 quilos de tomate;
21 —02 quilos de batata doce; e
22 — 02 jacas médias p/doce.

Esclarecemos que os preços deverão continuar sem alteração e de acordo com a licitação para o trimestre corrente.

Atenciosamente,

Antonio Clemente da Costa
Mordomo, Padrão "U"

VISTO
João Djalma Fernandes
Supervisor de Setor

WALFREDO E CASTELLO BRANCO

A posteridade dá a cada um a honra que ele merece — Cornélio Tácito, 54, 12 DC.

Tinha o Mons. grande admiração pelo primeiro Mandatário do País, pós-revolução. Eram, podemos dizer, amigos.

Castello não negava elogios à sua conduta, à frente dos destinos do Estado. Nele confiava e nele cria. Jamais desatendeu a uma sua reivindicação em favor do Estado.

Convidou-o para, ao término do mandato, ser novamente o representante do Rio Grande do Norte, no Senado da República. Este convite foi feito em Brasília. Walfredo a poucos deu ciência dessa deferência, quando de sua volta.

Vem o Presidente ao Estado. Recebe em audiência informal algumas pessoas que desejavam conhecê-lo e abraçá-lo.

Visitava o Governador em Palácio. Logo após visitaria o Gen. Comandante da ID/7. Estava presente, quando ouvi o seguinte diálogo entre ambos:

— Governador, tenho que fazer uma visita ao Comando da ID/7. Quero despedir-me.

Disse-lhe Walfredo:

— Presidente, estamos bem próximo do Quartel-General. Poderíamos ir a pé?

Castello, então, respondeu.

— Pois não. Sei que no seu Estado reina a paz e a tranqüilidade. O Sr. é, realmente, estimado pelos seus governados.

E, sem qualquer protocolo, desceram as escadarias do Palácio, em direção ao QG, enquanto o povo que ali estava seguia-os até o lugar de destino.

Nesse dia, pela segunda vez, o Presidente instou para que aceitasse o convite que lhe houvera sido feito anteriormente, em Brasília. Ele, pela segunda vez, demonstrou ao Marechal o desejo de recolher-se à vida privada, pois entendia já ter dado sua colaboração à Pátria e ao Rio Grande do Norte.

No dia 7 de março de 1967 o *Diário Oficial,* em Notas do Palácio, divulgava:

"Atendendo a convite do Presidente Castello Branco, o Mons. Walfredo viajou sábado último, pela manhã, a Paulo Afonso, para assistir à inauguração da sétima unidade geradora da CHESF. O Chefe do Executivo seguiu diretamente de Caicó, viajando em companhia de seu ajudante de ordens, Ten. Benedito Queiroz, tendo desembarcado ao meio-dia, participando de almoço oferecido pelo Dr. Apolônio Sales, no Clube Hidrelétrica. Às 14,40 h, o Mons. Walfredo foi instado pelo Marechal Castello Branco a ministrar a bênção litúrgica às novas instalações por ele inauguradas. Logo depois, juntamente com os demais governadores presentes, o Governador potiguar participou de reunião com o Chefe da Nação, na residência do Dr. Apolônio Sales, quando foram debatidos problemas gerais do Nordeste."

Castello, podemos afirmar, não só acreditava no valor do homem político, como reconhecia suas virtudes como sacerdote.

Passa-se o tempo. Morre trágica e inesperadamente o ex-Presidente.

Consternado, é Walfredo abordado pela imprensa local, e faz o seguinte pronunciamento, como manifestação pessoal:

"Foi com a mais viva emoção que recebemos a notícia do trágico desaparecimento do ex-Presidente, na manhã de hoje, no Ceará. Esta notícia, que surpreendeu não só pelo impacto emocional, como foi divulgada, enlúta a Nação brasileira e o Rio Grande do Norte, que, por duas vezes, teve a satisfação de receber sua visita."

E, em seguida, determinou a divulgação da seguinte Nota Oficial:

Presidente Castello Branco

"O Rio Grande do Norte, pelo seu Governo e pelo seu povo irmana-se aos cearenses e demais brasileiros na emoção que avassala todos os corações, desde a infausta manhã de ontem, quando se anunciou o trágico desaparecimento do Marechal Castello Branco.

Liderando o Movimento de Março, que deu ao País a tranqüilidade perdida e restaurou a confiança da opinião pública nos seus governantes, o ilustre desaparecido foi mais que um chefe revolucionário, mas o realizador do re-

gime pelo qual todos aspiravam: um Governo austero, inflexível na manutenção da integridade de nossas instituições, sensível, contudo, às esperanças de um Brasil que desejava sobreviver.

Dirigindo a Pátria com pulso firme, surdo às manifestações do radicalismo, enfrentou incompreensões e censuras, arrostou com a impopularidade, não se afastou, um centímetro, da meta a que se propusera no instante decisivo para a brasilidade: conduzir a Nação aos seus verdadeiros quadros de moralidade e de civismo, de trabalho e de desenvolvimento.

A história, evidentemente, lhe fará justiça. E as gerações de amanhã hão de ver o herói militar e no desprendido civil o verdadeiro espírito de um patriota."

Era a homenagem que prestava ao ilustre ex-Presidente.

Quem preveria que, em futuro tão próximo, viessem o Estado e o seu povo a lastimar e chorar a sua morte?

Visita do Ex-Presidente Castello Branco ao Estado. Vêem-se, ainda, o Ex-Governador Walfredo, o atual Presidente Geisel quando recebiam os cumprimentos de Da. Áurea Brito, grande amiga de ambos os Mandatários do País e do Estado.

WALFREDO E A CULTURA

Walfredo sempre foi amigo do Mestre Cascudo. Tinha por ele verdadeiro respeito e considerava-o um gênio. Reconhecia tanto seu valor que à Biblioteca do Estado, por ele construída e instalada, deu o seu nome. Designou-o membro do Conselho Estadual de Cultura.

Alegando motivo de saúde, o Comendador Luiz da Câmara Cascudo dirigiu-lhe pedido de exoneração do cargo para que fora designado, em carta enviada ao Chefe do Executivo, transcrita na íntegra: "Vossa Excelência muito me penhorará dignando-se conceder-me exoneração de membro do Conselho Estadual de Cultura, com que fui distinguido. A crescente surdez incurável, não permitindo audição grupal, incapacita-me para os trabalhos de conjunto, não percebendo a exposição, debate e solução dos assuntos, determinando humilhante e cômica situação pessoal, incompatível com a própria finalidade harmônica da entidade para a qual Vossa Excelência me honrou com a desvanecedora nomeação. Minha ausência não inclui desinteresse e reafirmo o desejo de colaboração nos limites das minhas possibilidades. Antecipadamente grato pelo deferimento e de Vossa Excelência, atento servidor."

Lamentando a medida, o Governador do Estado deferiu no dia seguinte o pedido do Mestre Cascudo, nos seguintes termos: "Lamentamos ter de conceder a exoneração, nos termos do pedido Mestre Luiz da Câmara Cascudo, erudito na acepção mais forte e veraz da palavra, cientista com extensa obra publicada, é uma das mais puras e bem realizadas vocações de homem de letras, de pensador, de pesquisador, de historiógrafo. Sua figura humana e o valor do seu trabalho intelectual honram o Rio Grande do Norte e nosso País. Transformamos a homenagem que o Conselho Estadual de Cultura decidiu lhe tributar em homenagem do Gover-

no do Estado, que reconhece na sensibilidade e na inteligência do mestre Cascudo, uma apurada combinação de elementos constitutivos, na expressão do genial poeta inglês — da autêntica personalidade de um homem."

A DIGNIDADE DE NEGAR

Conta-nos o historiador Raimundo Nonato da Silva, em "Figuras e Tradições do Nordeste" que Antônio dos Pintos Freire era um velho político do Apodi que vivia azucrinando o Governo com pedidos e mais pedidos.

De uma feita, nos tempos de Ferreira Chaves, numa daquelas noites em que visitava a "Vila Cincinato", fez vários pedidos e o Governo a todos dizia, secamente:

"Não. Não Freire, isto não é possível."

O velho, então, desenganado, despediu-se, planejando, talvez, no dia seguinte voltar à carga, debulhando os mesmos pedidos.

Ao sair, já no portão, encontrou o Dr. Antônio de Oliveira.

— Ó Freire! Sabe se o Governador está aí?

— O Governador, não sei bem. Mas aí dentro está um "Joaquim Não".

Muitas e muitas pessoas também desceram as escadarias do Palácio com o mesmo desengano do velho Freire.

Walfredo, zelando pelos interesses do Estado, teve de negar muita coisa. Certa vez me disse: — Como pedem! E o pior: pedem-me, geralmente, coisas do Estado, coisas impossíveis, coisas absurdas que contrariam os interesses da Administração. Esses pedidos são sempre contra o Estado. Contra suas finanças, contra a paz social, ora desejando favores dos cofres públicos, ora tentando perseguir funcionários, removendo-os.

E continuava. Se removo um funcionário, a não ser para atender aos interesses da administração e com o seu assentimento, cometo duas faltas: tiro-o da companhia da família, deixando-a privada de alguma coisa, onero os cofres do Estado com a ajuda de custo que lhe outorga a Legislação.

Assim, preferia Walfredo dizer NÃO. E tanto negou, em benefício do Estado, que o apelidaram.

Apelido, porém, dignificante que jamais o ferindo, enobrecia.

De MONSENHOR passou a NÃO SENHOR...

PALAVRAS A UM HOMEM INJUSTAMENTE OFENDIDO

Abrira-se vaga na Casa Civil. Para preenchê-la foi buscar um homem que, sem desmerecer os demais, tornou-se um dos seus melhores auxiliares e amigo. Aliás, nenhuma novidade ocorreu, pois, Natal o conhece bem. É, na verdade, homem de reputação ilibada. Franco, sério, trabalhador e, sobretudo, leal. Homem verdadeiramente talhado para servir a um Governo como o de Walfredo. Estava feliz ou amargurado, numa dependência da felicidade ou amargura por que passasse o Governador. Ao assumir o cargo, em certo trecho do seu discurso de posse, proferiu as seguintes palavras que, na verdade, espelham seu caráter, sua independência, seu amor à coisa pública, sua decência e dignidade, afirmando: "não é, pois, o político militante que recebe das mãos de V. Exª a Chefia da Casa Civil do seu Governo; é o modesto advogado, que não podendo furtar-se à convocação que lhe foi feita, aqui está para ajudá-lo a trabalhar pelo Rio Grande do Norte, neste último e difícil estágio de seu legítimo mandato, quando os interesses contrariados, dos que se marginalizam da decência e da dignidade, atiram sobre V. Exª as mais torpes infâmias. Há poucos dias, naturalmente amargurado com a injustiça das calúnias e a audácia dos caluniadores, lamentava V. Exª que eu tivesse sido convidado a participar do grupo de seus auxiliares, exatamente no instante em que as incompreensões, o ódio e o inconformismo investem inexplicavelmente impunes, contra a probidade de sua administração. Essas dificuldades, todavia, por maiores que fossem, não influiriam na decisão que tomei ao aceitar o seu convite. Não sou dos que desertam ante os primeiros obstáculos. O idealismo não se mede na euforia dos triunfos, mas na coragem e na obstinação com que enfrentamos as adversidades. Se antes admiti colaborar com o seu Governo, já agora pretendo fazê-lo com redobrado ânimo. Não me desanima a persistência solene das denúncias e nem me intimida a reiterada vileza dos que se aprazem em

denegrir a honra e a reputação alheias. A verdade, entretanto, já dizia um grande advogado brasileiro é como o diamante: desespera e desmoraliza aquele que pretende falseá-la. Precisamos incutir na mentalidade dos nossos líderes que, o verdadeiro prestígio político não é o que se exibe na obtenção de atos de poder, mas o que se conquista pela retidão do caráter e pela probidade na vida pública e privada". Estas as palavras do ilustre advogado, professor e homem público — José Ferreira de Souza Sobrinho — ao assumir a Chefia da Casa Civil do Governo Walfredo Gurgel.

AS REALIZAÇÕES

Uma obra somente — a ponte rodoferroviária de Igapó — consagrou o seu Governo. Era o seu sonho, desde os primeiros dias de Governo. Viu-o realizado e lá, em placa de bronze, estão suas palavras:

> "Por esta ponte, sonho de tanto amor, hoje uma realidade, passarão aqueles que, no trabalho de cada dia e na devoção de cada instante, constroem o progresso do Estado e a grandeza da Pátria."

Foi um dos Governos que mais pavimentou estradas. Quem se dirigir em qualquer direção do Estado — Seridó, Oeste, Agreste — verá, não só estradas pavimentadas, mas solucionados problemas que desafiaram Governos anteriores. Pontes e pontilhões resolveram situações difíceis e problemas para alguns insolúveis. Quão penoso era visitar Jardim do Seridó, em época de inverno!

Foi o Governo que mais iluminou cidades; construiu casas populares em diversos centros populacionais do Estado.

Abriu escolas nos lugares onde a escolaridade era carente.

Nesse setor da educação construiu vários grupos escolares, não só na Capital como no interior. Na Capital ergueu-se a majestosa Biblioteca Câmara Cascudo. Transformou a Fundação José Augusto em centro de estudos.

Na agricultura projetou sua administração. Construiu parques, armazéns e atacou o setor através da melhoria dos rebanhos e forragens.

Outro monumento que consagra qualquer administração: a construção do Hospital Pronto-Socorro que, hoje, merecidamente tem o seu nome.

Deu o primeiro passo para o desenvolvimento econômico, montando a estrutura necessária. A COFERN, hoje BDRN, aí está

para atestar, de modo compensador, o que idealizou com entusiasmo.

O Banco do Rio Grande do Norte expandiu-se. Por ele foram construídas e inauguradas as agências de Caicó, Lages, Patu, Ceará-Mirim, Mossoró, além das agências Centro e Alecrim, nesta Capital.

A criação da CAERN, antigo Saneamento de Natal, deu à cidade o que ela, há muito, sonhava.

Uma das últimas inaugurações do seu Governo foi o prédio da sede própria da TELERN. No setor das Finanças, presidiu com probidade e zelo o setor da arrecadação. Deu ao órgão fiscal e arrecadador um prédio condigno, ao lado do Palácio.

Podemos dizer, finalmente, sem cometer injustiça, ter sido um Governo que esteve presente em todos os setores.

Sua obra maior, porém, foi o exemplo que deixou...

OS DOIS WALFREDOS

Dissemos que o nome de Armando foi substituído por WALFREDO por sugestão do Côn. Emídio Cardoso, quando vigário de Caicó. Governava a Paraíba o Mons. Walfredo Leal por quem tinha o vigário grande admiração. Corria o ano de 1908. Poderia alguém da época prever que o nosso Walfredo seguisse, com tanta semelhança, os passos do inspirador do seu prenome?

Vejamos, assim, um pouco de Walfredo Leal para, após uma reflexão, compararmos as duas vidas.

A Paraíba, por um dos seus maiores filhos, José Américo de Almeida, falou de Walfredo Leal, quando da aposição de seu retrato no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, conforme se vê da Revista nº 18/70. Conhecia-o bem, pois houvera sido seu correligionário e adversário político. Humberto Lucena, Presidente do Órgão, ao anunciar o orador oficial, disse:

Para ouvir José Américo, todos se calam. As atenções se concentram para saborear-lhe a dialética, sempre versada em linguagem ática, sempre pontilhada de conceitos lapidares, muitos dos quais já hoje antológicos e clássicos em nosso vernáculo. Com a palavra, assoma à tribuna o convidado. Lá para tantas, diz o insigne paraibano: só em 1915 sucedeu o rompimento de Epitácio Pessoa com Mons. Walfredo, desencadeando-se uma das mais ásperas campanhas que abalaram a Paraíba.

No seu primeiro discurso, na praça pública, Epitácio Pessoa classificou as duas correntes: seus partidários eram CONDORES e os de Walfredo BACURAUS. Surgiu então a quadrinha, diz J. Américo:

"Levanto os olhos para o ar
Que diabo disso é aquilo
São três condores a voar
Massa, Agripino e Camilo."

E volta a falar de Walfredo: ordenou-se em Roma em 1882. Aos 29 anos, era nomeado vigário colado de Guarabira. Foi Deputado à Assembléia Constituinte do Estado de 1892 a 1895, sendo reeleito para a legislatura seguinte. Nessa segunda legislatura foi Presidente da Casa.

Foi eleito Deputado Federal em 1905, renunciando ao mandato para ser eleito Senador.

Assumiu o Governo de 28-10-1905 a 22-10-1908.

E continua:

Seu ponto alto, porém, foi a administração pública. Foi como administrador que Mons. Walfredo Leal se afirmou, principalmente por uma gestão financeira concreta e original.

Ativando a arrecadação, restringindo despesas e fiscalizando, implantou um regime de saldos na Paraíba. Tamanha e tão meticulosa era sua honestidade e seu amor à causa do Estado e o seu escrúpulo pela garantia dos dinheiros públicos, que impressionaram o malogrado Presidente Afonso Pena em viagem ao Norte, traduzindo a sua admiração nestas palavras:

> "O WALFREDO é a boa dona de casa que tem sempre as chaves da despensa à cintura; nada lhe escapa aos olhos; tudo aqui é fiscalizado, minuciosamente, por quem dirige o Estado."

Deixou uma pequena reserva e eu próprio, como sobrinho, herdei 7 contos, numa hora de precisão.

Sempre foi generoso, principalmente como arrimo de duas irmãs viúvas e educando sobrinhos.

Sua vida em palácio era mais sóbria. A mesa era frugal; o almoço não passava de um picadinho de carne, de ordinário sem outro prato. Morava só no casarão sombrio. Muito depois é que o ajudante de ordens passou a dormir num quarto do andar térreo.

Havia guarda, mas a entrada era franqueada durante o dia a todos os amigos. Um deles ia, nas horas vagas, jogar gamão, ou melhor, perder no gamão para o seu parceiro Presidencial.

Fixada a imagem do Walfredo de lá, vamos ao Walfredo de cá:

Estudou em Roma; foi vigário do Acari e de Caicó. Chegou a Monsenhor. Elegeu-se Deputado Federal e presidiu a Assembléia Legislativa. Assumiu o Governo após uma das mais ásperas campanhas, quando também surgiram duas correntes: a do FECHADOR e a que esses chamaram, de BACURAUS...

Com o resultado das eleições e uma vitória de 28.254 votos, surgiam versos e quadrinhas alusivas ao pleito. Encontramos uma, anônima, mas em literatura de cordel, com o título "A Bravura dos Bacuraus, na luta de 4x0", e, a certa altura, lemos:

"A turma da fechação
dizia que em Natal
Dinarte Mariz ganhava
e em toda parte afinal
porém perdeu a saliva
hoje está gritando viva
à turma do BACURAU."

E, finalizando:

"O que Aluísio quer
o seu pessoal combina
por isso os quatro ganharam
é Deus que assim destina
aqui faço encerração
5 anos a fechação
vai tomar chá de batina."

Mas, não fica aí. O ponto alto do cidadão Walfredo Gurgel foi, sem dúvida e também, a administração pública. Ativou a arrecadação, restringiu as despesas, fiscalizou.

Vendo o seu espólio (em outra parte), temos outra cópia do homônimo paraibano. Nada deixou... Era generoso. Morava com sua sobrinha e afilhada. A porta de sua casa sempre estava aberta e a guarda que ali existia, embora não sentasse à mesa, tinha a mesma refeição, que era a comum nas mesas sertanejas. Alguém se vangloriou de ter comido de suas tapiocas.

Houve, também, um parceiro do gamão. Seu grande amigo, o Sr. Murilo Melo, de saudosa memória.

Como explicar tanta coincidência? Não afirmo mas, acredito não se tenham sequer conhecido, os dois WALFREDOS...

Com suas virtudes, devem estar hoje no lugar destinado aos justos, aos humildes e aos bons...

CERTIDÃO DE RETIFICAÇÃO DO PRENOME

República Federativa do Brasil
Estado do Rio Grande do Norte
Município e Comarca de CAICÓ
PRIMEIRO CARTÓRIO JUDICIÁRIO

JOSÉ DIAS DE MEDEIROS FILHO
CPF 012297024
Tabelião, Escrivão e Oficial de Registro de Imóveis
MARIA SALETE LOPES
CPF 010899884
Substituta
1º. CARTÓRIO JUDICIÁRIO
CAICÓ - RIO GRANDE DO NORTE

JOSÉ DIAS DE MEDEIROS FILHO, Escrivão do Primeiro Cartório do Termo Judiciário Sede do Município e Comarca de Caicó, Estado do Rio Grande do Norte, na forma da lei etc.

C E R T I D Ã O

CERTIFICO a pedido verbal de pessoa interessada que às fls. 154ev do Livro A-8 (Assentos de Nascimentos), foi lavrado o assento no seguinte teor:" Nº de Ordem 337 Aos (Aos) dois dias do mez de Dezembro de mil novecentos e oito nesta Cidade de Caicó, em meo Cartorio compareceo Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira residente nesta Cidade, e por elle me foi dito que hoje as quatro horas da tarde, em sua caza nascera uma creança do sexo mascolino, a quem lhe dera o nome de ARMANDO, filho legitimo delle declarante e sua mulher Joaquina Dantas Gurgel, tendo por avós paterno Vicente Gurgel do Amaral e Oliveira Joanna Francisca d'Oliveira, materno José Calasancio Dantas e Enedina Maria de Sant'Anna; de que fiz este termo em que commigo assigna o declarante e as testimunhas abaixo assignadas. Eu José Maria Gonçalves Valle - Escrivão o escrevi. (aa) José Maria Gonçalves Valle - Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira - Custodio Conrado dos Santos - Daniel Gurgel do Amaral. Na coluna de averbação consta o seguinte:" Walfredo Gurgel - Armando - Em tempo declaro que esta creança fora baptisada com o nome de WALFREDO - JMGValle". Era o que se continha em dito assento de nascimento, que aqui bem e fielmente o trasladei, dou como certidão Verbo-ad-Verbum, a cujo original me reporto e dou fé. Eu, _____, Escrivão do Primeiro Cartório, a trasladei datilografando, conferi, consertei, subscrevo e assino. Vale a entrelinha: "dou".

Caicó(RN), 07 de junho de 1975

Escrivão Encarregado do Arquivo

José Dias de Medeiros Filho - Tabelião

WALFREDO, O AGRADECIDO

Dias antes de passar o Governo, procurou a imprensa. Não tinha, porém, intenção de dizer o que havia feito, o que pregara e em que condições transmitiria o cargo. Desejava, tão-somente, como homem reconhecido e justo, dirigir-se ao seu povo que, a partir do momento em que descesse as escadarias do Palácio, não mais teria sua voz de comando. Para os que o apoiaram não só na campanha como, principalmente, já em número bem maior, frente aos destinos do seu Estado, apresentava-se, a partir desse momento, como irmão fraternal e amigo, sem a condição do governante, bondoso e sério, justo e leal, amante do trabalho e da paz e executor da ordem e da justiça que fora durante o mandato que lhe outorgara os seus coestaduanos.

Pelo órgão de maior divulgação do Estado, de próprio punho, com letra firme e de coração aberto fez circular o seu agradecimento ao povo amado, que o elegera há cinco anos e que o ajudara durante o Governo.

Através do "Diário de Natal", brilhante órgão da imprensa potiguar, envio meus mais sinceros agradecimentos, no momento em que deixo as honrosas funções de Governador do Estado, a todos os conterrâneos pela amizade e apoio com que me distinguiram.

Natal, 15 de março de 1971

Mons. Walfredo Gurgel

Agradecido ao povo no final do Governo. A última mensagem foi divulgada no dia 15 de março último, no DIARIO.

DISCURSO DE TRANSMISSÃO DO PODER

Há cinco anos, precisamente no dia 31 de janeiro de 1966, assumíamos as altas funções de Governador do Rio Grande do Norte. Sabíamos das graves responsabilidades que sobre nós pesariam, de dirigir os destinos de um dos Estados menores e mais pobres do Brasil, encravado no Polígono das Secas, sujeito a condições climáticas adversas, com reflexos na sua combalida economia.

Confiantes, entretanto, enfrentamos as dificuldades e, com amor e disposição, procuramos superá-las, a fim de encontrar soluções para os problemas do Estado.

Recrutamos uma equipe jovem de auxiliares, idealistas e de admirável espírito público, a quem devemos chegar ao fim do mandato com a certeza de que foi feito tudo o que estava dentro das nossas possibilidades.

Cumprimos a missão que nos foi confiada pelo querido povo do Rio Grande do Norte e, nesta hora, passamos às mãos de Vossa Excelência Senhor Governador, a insigne honra de comandar os destinos da nossa terra. Temos a consciência do dever cumprido, da dedicação de todos os dias a serviço da coletividade.

Não nos abateram as incompreensões de poucos. Confortaram-nos o apoio, a ajuda e a solidariedade de muitos.

Fazemos um exame de consciência e não nos envergonhamos da administração que realizamos. Pelo contrário, sentimos, em torno de nós, a simpatia, o apreço e a gratidão dos norte-rio-grandenses. Deixamos o Governo feliz. Se motivo houvesse para alguma tristeza, seria o de não ter podido realizar ainda mais em benefício deste povo.

Exmº Sr. Governador Professor Cortês Pereira:

Na plataforma de seu Governo, enfatizou V. Exª o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Norte, como meta

principal da administração hoje iniciada. Quando assumimos o cargo de Governador do Estado, a nossa preocupação era a mesma. Dizíamos no dia da posse: "impõe-se a adoção de uma corajosa política de desenvolvimento econômico, que se traduza na implantação no Estado de grandes unidades industriais capazes não apenas de dinamizar os demais setores da economia, mas também de forçar uma reação no campo científico e cultural". Das palavras passamos à ação e já no primeiro ano era criada a Companhia de Fomento Econômico do Rio Grande do Norte — COFERN — como instrumento indispensável à arrancada do desenvolvimento econômico. O que representaram os frutos da COFERN nesse processo, podem atestar as estatísticas dos projetos aprovados para o Rio Grande do Norte, na SUDENE, com os incentivos dos arts. 34/18, de 1966 a 1970. Foram 43 projetos industriais, 21 projetos agropecuários, com investimentos totais no montante de Cr$ 310.255.000,00 quando no biênio anterior havia atingido apenas a importância de Cr$ 20.640.000,00.

Em face da Resolução nº 93 do Banco Central do Brasil, que regulou a constituição e funcionamento dos bancos estaduais de desenvolvimento, enviamos mensagem à Assembléia Legislativa propondo a transformação da COFERN em Banco de Desenvolvimento, que foi aprovado unanimemente, o que foi ratificado pela Assembléia Geral em 4 de agosto último. Assim foi implantado o novo órgão, com o Capital de Cr$ 5.500.000,00 totalmente integralizados.

Não foi, porém, a COFERN o único órgão responsável pelo desenvolvimento do Estado. Devemos ressaltar o relevante papel do único estabelecimento estadual de crédito — Banco do Rio Grande do Norte. Procuramos ampliar as suas atividades, instalando novas agências em Macau, Caicó, Parelhas, Patu, Lages e Ceará-Mirim, fazendo funcionar as carteiras industrial e agropecuária. Em resumo, o crescimento do Banco do Rio Grande do Norte se manifesta nos dados que se seguem: **depósitos** em 31 de dezembro de 1965 Cr$ 2.200.000,00, em 31 de dezembro de 1970 Cr$ 22.000.000,00; **Capital e Reservas,** em 1965 Cr$ 360.000,00, em 1970 Cr$ 4.154.000,00; **Total de empréstimos,** em 1965 Cr$ 2.301.000,00, em 1970 Cr$ 41.275.000,00.

Ainda no discurso de posse, dizíamos textualmente, referindo-nos ao setor primário, também uma das metas de V. Exª — "A agricultura há de merecer especial atenção de nossa parte, pois é

ponto pacífico que o setor primário tem papel saliente no processo de industrialização, seja fornecendo matérias-primas, seja fornecendo mão-de-obra, seja fornecendo divisas e capitais para o próprio setor industrial. A construção de açudes, a perfuração de poços, a melhoria dos rebanhos, melhores financiamentos, o desenvolvimento de campanhas de orientação tecnológica são medidas imprescindíveis para o soerguimento da agropecuária, que constitui ainda o sustentáculo da economia norte-rio-grandense".

Com efeito, homem do sertão, descendente de agricultores e criadores, testemunha, na infância e na juventude, da luta tenaz do nordestino, a enfrentar intempéries e surpresas, não poderíamos fugir às condições telúricas e omitir a melhor de nossas atenções ao trabalho árduo de 70% de nossos irmãos.

Não nos seria possível, nesta ocasião, relatar todos os empreendimentos da Secretaria de Agricultura. Em síntese, entretanto, podemos afirmar que dinamizamos esse órgão da administração. Construíram-se e/ou foram recuperados 16 açudes públicos com armazenamento de 63 milhões de metros cúbicos de água. Foram perfurados e/ou equipados 24 poços, em que o Estado dispendeu Cr$ 330.000,00. A melhoria genética dos rebanhos resultou de 15 exposições de animais, revenda financiada de reprodutores e matrizes de gado leiteiro, aquisição de 15 animais da raça "Canchim", experiência pioneira em todo Norte-Nordeste, pastagens artificiais, ampliação da capacidade de armazenamento de forragens com mais 600 silos-trincheira, construção e ampliação de parques de exposição. Representando o algodão a maior fonte de nossa produção agrícola, foram implantados 11 mil hectares de campos de multiplicação de sementes selecionadas de algodão arbóreo e herbáceo. Não podemos silenciar sobre a valiosa cooperação que recebemos da Diretoria do Ministério da Agricultura neste Estado e os trabalhos inestimáveis da competente e entusiasta equipe da ANCAR, à que durante estes cinco anos concedemos, através de convênios, recursos que representaram Cr$ 1.840.000,00. Ressaltamos, ainda, a rede de armazéns que a Secretaria construiu com recursos próprios, em número de 6, nas regiões de maior produção de cereais, com capacidade total de 12.600 toneladas, além de mais de 4 mil silos metálicos de uso caseiro. Entre as últimas providências no setor agropecuário foi criada pela Lei nº 3.782, de 21 de dezembro de 1969, a Companhia

de Fomento Agrícola Norte-Rio-Grandense (COFAN) com o capital social de Cr$ 2.000.000,00.

Ainda do nosso discurso de posse são as palavras que se seguem: "Os setores de educação e saúde serão, sem dúvida, aqueles que mais sentirão os efeitos da ação direta do Governo. Haveremos de multiplicar as nossas escolas... Também consideramos prioritária a preservação da saúde do povo... A ampliação dos serviços de saneamento básico, a disseminação de centros de reidratação infantil, a construção de um hospital de Pronto-Socorro nesta Capital..., são propósitos que haverão de ser executados".

Durante os cinco anos de nossa administração, foram entregues à população escolar 325 salas para o ensino primário e 51 para o secundário. Estão em fase de construção 3 Grupos Escolares (Potilândia, Neópolis e Nova Descoberta), com 6 salas cada um e duas Escolas Reunidas, com três salas cada uma, em Natal, e mais outras duas em Nova Cruz e Santo Antônio. A matrícula nas Escolas primárias da rede estadual, aumentou 50% e no curso secundário 100% durante os cinco anos de nosso Governo. Foi construída a Biblioteca Pública, que preencheu uma lacuna que havia na vida cultural de nossa terra.

Quanto ao setor de saúde, o principal marco da nossa administração foi a construção do edifício onde funcionará o Hospital Geral e Pronto-Socorro. Além disso, foi posto a funcionar o Sanatório de Natal, cujos serviços são prestados com tanta eficiência que o Serviço Nacional de Tuberculose tem enviado para nele fazerem estágio pessoas de outros Estados, o que constitui motivo de orgulho. Foram também reinstalados oito postos de saúde no interior do Estado, reequipados os postos da Cidade Alta e do Alecrim, bem como foi construído um Posto em Nova Descoberta, nesta Capital. Ademais, a Secretaria de Saúde promoveu inúmeras campanhas de medicina preventiva, através de vacinação em massa.

No que diz respeito a saneamento básico, a nossa principal preocupação foi dotar o Estado de um órgão capaz de bem executar a política de águas e esgotos. De fato, a estrutura do antigo Departamento de Saneamento do Estado era obsoleta e incapaz de cumprir com êxito as suas finalidades. Em razão disso, foi criada a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte, que está perfeitamente habilitada para executar as metas relativas a saneamento. Ao lado disso, foi construída a Estação Depuradora do

Baldo, nesta Capital, onde também foi ampliada a rede de distribuição e melhorado o serviço de captação de forma que a oferta diária d'água foi elevada de 34.000.000 de metros cúbicos para 51.000.000 atualmente. Também foi ampliada a rede de distribuição de Caicó, graças à construção da adutora ligando o açude Itans à Cidade, numa extensão de 4.300 metros. Em Mossoró, também foi ampliada a rede distribuidora, com equipamento e montagem do Poço Costa Cavalcanti.

Visando ao bem-estar da população, a FUNDHAP iniciou em 1965 a construção da Cidade da Esperança, com as primeiras 96 casas, enquanto em Mossoró foram construídas 50. Hoje já existem 3.308 unidades residenciais, distribuídas em várias cidades, construídas pela FUNDHAP.

Foi no setor da infra-estrutura que o nosso Governo fez os mais vultosos investimentos, cujo resultado foi a eletrificação de 59 cidades e 4 distritos, significando que em cada mês de administração foi eletrificada uma comunidade; e a construção de 25 pontes, que, reunidas, totalizam mais de quilômetro e meio, e das quais merecem destaque a ponte de Igapó e a ponte sobre o rio Espinharas em Serra Negra do Norte; e a pavimentação de 160 quilômetros de estradas, mais do duplo do trecho pavimentado existente, em 1965, em toda a rede estadual; e a instalação de mais cinco estações de microondas, que integraram ao Sistema Estadual de Telecomunicações as cidades de Macau, Ceará-Mirim, Areia Branca, Martins e Pau dos Ferros, além de várias outras cidades, através de linhas físicas; foi construída a Central Telefônica e já foi celebrado contrato e realizadas as primeiras despesas para a modernização e ampliação do sistema telefônico de Natal.

Quanto à situação financeira, apesar das dificuldades inerentes a um Estado pobre, agrada-nos saber que deixamos as finanças em completa ordem, com o pagamento do funcionalismo em dia e com mais de Cr$ 2.000.000,00 em Bancos e em Caixa no Departamento da Despesa. Deve ser registrado, também, que foi promovido o reaparelhamento administrativo da Secretaria de Finanças, inclusive com a edificação de prédio próprio.

Ao lado dessas realizações físicas, há uma obra que consideramos a maior de todas: a paz e a tranqüilidade que reinaram no Rio Grande do Norte durante os cinco anos do nosso Governo. Fomos leal aos bravos companheiros que sufragaram nosso nome, respeitamos os que de nós divergiam. Nenhum funcionário foi

perseguido: ninguém foi coagido. Houve ampla liberdade, dentro da ordem. Presidimos três eleições, sem jamais utilizar a administração para tentar distorcer a vontade popular. Todos, sem exceção, puderam exercer o seu direito de voto sem receio de qualquer represália do Governo.

Dentro desse clima, mantivemos as melhores e mais profícuas relações com o Legislativo e o Judiciário. De todas as 401 mensagens encaminhadas à Assembléia, apenas uma foi rejeitada, isso mesmo sem qualquer intuito de criar embaraço à administração. Muitos dos Projetos de Lei foram melhorados através de emendas apresentadas pelos Srs. Deputados. As relações com o Judiciário foram marcadas pelo profundo respeito que devotamos aos Juízes. Sempre consideramos que o Juiz, pela dificuldade e gravidade de suas funções, que reputamos sagradas, deve merecer todo acatamento e toda admiração da comunidade a que serve. Tentamos prestigiar a magistratura do Estado, respeitando as decisões judiciais e adotando um comportamento, que em hipótese alguma pudesse ser interpretado como tentativa de atingir a independência dos nossos juízes. Esse clima de compreensão e de colaboração entre os Poderes do Estado foi altamente favorável ao cumprimento das nossas árduas funções.

Devemos ressaltar, também, as relações que mantivemos com o Governo Federal, sempre as melhores possíveis, o que se traduziu num grande número de realizações concretizadas graças ao esforço conjunto da União e do Estado. Essas relações, que foram marcadas pelo espírito de cooperação, foram muito intensas com a SUDENE, órgão incumbido de planejar o desenvolvimento da Região, bem assim de assistir a população nos momentos de calamidade.

Das mais proveitosas foram as relações com as unidades das Forças Armadas sediadas no Estado. Sempre com respeito, harmonia e independência, tivemos a oportunidade de lhes emprestar nossa modesta colaboração e delas sempre recebemos todo apoio que lhes solicitávamos, em momentos de calamidade. Como principais responsáveis pela segurança nacional, as Forças Armadas contribuíram para o clima de ordem e tranqüilidade reinante no Rio Grande do Norte.

Quando assumimos o honroso cargo de governador, acompanhou-nos naquele dia até às escadarias do Palácio, o estimado Arcebispo de Natal, D. Nivaldo Monte, como que

simbolizando a entrega do sacerdote ao Rio Grande do Norte. Hoje, presente a esta solenidade, recebe de volta, para o exercício de seu ministério, o padre e o amigo.

Reafirmamos a nossa fidelidade à Igreja na pessoa do Santo Padre.

Procuramos dignificar a nossa condição eclesiástica, que não esmaeceu no exercício da função pública.

Ao Dr. Clóvis Mota, dedicado companheiro na administração do Estado, a expressão do nosso reconhecimento e amizade.

Um agradecimento renovado aos auxiliares do nosso Governo. Amigos de todas as horas, homens públicos de dedicação comprovada, no desempenho de suas funções.

A todos os norte-rio-grandenses, como palavra de despedida, a afirmação de nossa crença nos destinos da terra comum.

Exmº Sr. Governador Professor Cortês Pereira:

Transmitimos-lhe o Governo diante do povo, na praça pública, como merecida homenagem a este mesmo povo, bom, ordeiro e trabalhador.

Governá-lo foi para nós um privilégio.

Saímos feliz e feliz sempre seremos pela certeza que nos anima de que V. Exª amará este povo, praticará a justiça e promoverá o bem-estar e o desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

MUDANÇA DE GOVERNO

O Governo Walfredo Gurgel conclui o seu mandato com a mesma serenidade com que o iniciou. O respeito que vem merecendo da opinião pública nesta etapa final é conseqüência do apreço que sempre dedicou a essa mesma opinião pública durante todos os anos de sua gestão. Um Governo não se faz popular apenas por receber ou prestar homenagens, mas pelas obras que realiza. E foi essa a razão que — basicamente — assegurou a popularidade do Governo Walfredo Gurgel: a aplicação do dinheiro do povo em benefício da coletividade, em obras que, por sua importância, transcendem não só os momentos de festividades das inauguraçaões como a própria fase administrativa que se encerra.

A filosofia política do Governo que termina poderia ser expressa num conceito simples: o Rio Grande do Norte foi governado com amor. Daí por que os sacrifícios não importaram, os ódios mesquinhos e estéreis não conseguiram medrar, os interesses espúrios foram tranqüilamente afastados e somente logrou afirmar-se o verdadeiro ideal de servir ao povo, com humildade e obstinada dedicação, acima de quaisquer divisões de grupos ou pessoas. E isto o povo sempre reconheceu, no carinho permanente com que recebia e aclamava o seu Governante.

(*Diário Oficial* — 15-3-71).

FIM DO MANDATO DE GOVERNADOR

Dia 15 de março de 1971 — Walfredo deixa o Palácio, rumo a sua residência, após, com dignidade e altruísmo, passar o Governo ao seu Sucessor. Sua tranqüilidade era a mesma de um dia "comum" como governante.

Descemos a escadaria com ele, isto é, seus verdadeiros amigos, descemos e rumamos para sua casa. Alguns ficaram já em Palácio... outros...

A verdade é que, quando regressou, já não encontrou o Volks 65.

Seus verdadeiros amigos, sem que ele o soubesse, haviam deixado um TL, do ano, de presente.

E ele, ao ver o automóvel, comoveu-se e chorou...

Disse-me então, já despido do peso de governador:

— Será que cumpri com o meu dever? Estou tranqüilo. Dou Graças a Deus.

Lembro-me bem. Dentre os presentes, estava o seu velho amigo Rainel Pereira.

Abraça-o, dizendo:

MONSENHOR, que Deus faça com que o seu sucessor, meu parente, saia do Governo com a metade do prestígio e admiração do povo do Rio Grande do Norte.

Ele apenas riu...

Ao entrar à madrugada, estávamos com ele, enquanto lá fora comemorava-se a posse do novo governador.

O dia normal. Os dias iam-se passando e com os seus passares apenas seus diletos amigos. Papos aos sábados, pela manhã. Havia sempre uma batida de limão da qual eram fregueses Jarbas Fernando, Cássio, Aluízio Bezerra e outros.

Era aí que se recordavam os bons e maus momentos do seu Governo. Uma partida de gamão, nos dias úteis... o Velho e bondoso Murilo Melo era o parceiro constante.

Certo dia chego a sua casa. Estavam os dois na disputa de uma partida. Ele me disse:

— Você sofre da coluna?

— Sim, MONSENHOR.

— Que sente?

— Dores na região lombar. Apontei para a região.

— Eu estou, também, sentindo isso, e continuou:

Três coisas podem ser:

Esse seu caso, tuberculose ou câncer. Para o primeiro dizem que, fazendo trações, as dores desaparecem; para tuberculose há cura, mas se for câncer, o remédio é confessar os pecados e preparar-se para grande e eterna viagem.

Dois ou três dias depois ali voltei, quando houve o diálogo seguinte:

— Traga-me amanhã um Código Civil.

— Pra que MONSENHOR?

— Desejo fazer meu testamento e preciso saber o que diz o artigo referente ao Codicilo.

Deixei com ele o Código pedido e, no dia seguinte, fui ao Bancipe. Lá o encontrei. Ia eu em companhia de Jurandyr Navarro.

Após os cumprimentos e pequena demora, de lá saímos. Caminhávamos pela Avenida Rio Branco, quando encontramos Heyder Mesquita que o saudou:

— Tranqüilo, não é MONSENHOR?

— É Heyder. Até feliz. Como é bom cumprir-se com o dever. Vamos bem, Graças a Deus.

Dobramos, em seguida, a João Pessoa e paramos em frente ao Edifício Sisal, onde temos nosso Escritório de Advocacia. Convidei-o a subir.

— Hoje não é possível — disse ele e continuou:

Escolhi você e Jurandyr para serem os meus testamenteiros.

Não pense nisso MONSENHOR... É muito cedo.

— Ninguém sabe o dia da convocação Divina...

Seu problema de saúde surgiu, agravou-se e nunca mais falou sobre o assunto.

E O FUTURO, WALFREDO?

Libertado das obrigações governamentais viajou à Bahia. Ali esteve alguns dias. Fazia seu exame de consciência e buscava recuperar as energias perdidas nos últimos meses de governo. De lá voltou, após conviver com o seu amigo D. Eugênio Sales, o Cardeal Primaz do Brasil.

Regressando a Natal empreendeu, acompanhado de vários amigos, uma viagem à Europa. Queria rever terras que pisara na juventude quando cursava filosofia e teologia, em Roma. Não previa estar fazendo a última visita. Percorreu vários países e retornando, concedeu, no dia 31 de maio de 1971, uma entrevista ao **Diário de Natal.**

Disse o que pretendia fazer. Voltou entusiasmado.

"Depois de uma viagem de 45 dias à Europa, acompanhado de um grupo de amigos, o ex-Governador Walfredo Gurgel retornou no fim de semana a Natal.

Em sua casa, à rua Afonso Rique, cercado por um grupo de amigos tomando cerveja e ouvindo fados portugueses, o Monsenhor Walfredo Gurgel fala empolgado de sua viagem ao Velho Mundo.

Sua maior emoção: ter visto o Papa Paulo VI de uma distância de 20 metros na Basílica de São Pedro, dando bênçãos aos fiéis. Diz o ex-Governador: "É uma emoção diferente".

Para o Monsenhor Walfredo Gurgel, ao chegar ao Brasil, desembarcando em Recife, soube de uma notícia má: o desaparecimento do ex-Governador José Augusto Bezerra de Medeiros, um velho seridoense. Sobre ele, diz o Monsenhor Walfredo Gurgel: "Foi um dos maiores brasileiros. Sempre soube honrar o Rio Grande do Norte. O Estado perdeu uma das suas maiores figuras políticas. O velho José Augusto era um patrimônio do Estado".

WALFREDO NA EUROPA

Trajando camisa quadriculada verde e calça preta, confortavelmente sentado, o ex-Governador Waldredo Gurgel vai recebendo os seus amigos. Recebe abraços de uns e palavras amigas de outros. O assunto não varia. É o mesmo: sua viagem à Europa. Segundo o ex-Governador Walfredo Gurgel, a Europa e principalmente a Alemanha e a Itália, estão em franco progresso e o turismo ainda é uma das maiores fontes de renda do Velho Mundo.

Durante sua viagem, o ex-governador visitou: Portugal, Alemanha, Suíça, Espanha, Áustria, Inglaterra, Bélgica, Itália, além do Principado de Mônaco e a cidade do Vaticano.

De todos os países visitados, o Monsenhor Walfredo Gurgel trouxe uma imagem diferente. Em Gênova, o Monsenhor Walfredo Gurgel agradeceu em nome de vários turistas, em italiano, uma homenagem prestada a todos, pela agência de turismo Polvani.

EM NATAL

Antes de sua viagem à Europa, o Monsenhor Walfredo Gurgel solicitou ao Governador Cortez Pereira sua exoneração, a pedido, do cargo de professor do ensino médio. E justifica: "Eu não acompanhei a evolução do ensino moderno. Estou já meio cansado. Agora, preciso de tempo para ler, o que não pude fazer nos cinco anos de Governo. Já prestei muitos serviços a juventude do Seridó, como professor e diretor do Ginásio Diocesano Seridoense".

O Monsenhor Walfredo Gurgel fixará residência em Natal. Vai se dedicar exclusivamente à Igreja. Mesmo como Governador do Estado, sempre aos domingos, às 10 horas, em seu carro particular, celebrava missa na Catedral. Agora, como ex-governador pretende dedicar-se exclusivamente à Igreja. Ainda não escolheu sua paróquia, mas vai se apresentar ao Arcebispo D. Nivaldo Monte para aguardar sua designação. Voltará a ser simplesmente, o Mons. Walfredo Gurgel, o cidadão comum.

PERDÃO AO MALFEITOR

Ao enumerarmos as obras do Monsenhor destacamos a Ponte de Igapó — hoje Costa e Silva e o Hospital "Pronto Socorro", do Tirol. Chega-nos, para felicidade nossa, por deferência do seu ilustre autor, um belo trabalho sobre História e Acontecimentos Políticos denominados de "30 para cá". Ivanaldo Lopes, já bem conhecido nos meios literários, analisa o Governo Walfredo Gurgel e expõe:

> "Mas o Monsenhor ornamentou seu templo Governamental com duas obras que não o deixaram esquecido na história do Rio Grande do Norte: a ponte sobre o rio Potengy, de quase um quilômetro de extensão, e que o povo continua a chamar ponte de Igapó; e o monumental nosocômio do bairro do Tirol, em Natal, em cujas dependências poderemos ter o mais bem instalado hospital do Estado."

É, face a essa alusão, chegada em tão boa hora, que lembro um fato interessante; antes, porém, transcrevo as palavras do Mons. gravadas à entrada do prédio, ao inaugurá-lo e que, em futuro próximo teria o seu nome:

> "Aos que sofrem, este Hospital abre suas portas, no acolhimento fraternal, a fim de, recuperando a saúde do corpo, restituir a alegria da vida
> (a) Mons. **Walfredo Gurgel.**"

Ao lado dessa placa, está uma segunda, com os dizeres

> "Natal, 31-03-1973.
> Nesta data foram iniciadas as atividades assistenciais desta Unidade Hospitalar, que passou a denominar-se
> Hospital Mons. *Walfredo Gurgel.*"

Vamos, porém ao fato: estava a ponte inaugurada. Afixada a um marco histórico, uma placa com palavras suas, de inauguração, já publicadas em outra parte deste trabalho. Não ganhara, a monumental obra, ainda o nome atual. Deixa, o Mons. o Governo. Poucos dias, após de seu substituto assumir o Governo, os jornais da cidade publicam: "Vândalos arrancam e roubam as placas da ponte de Igapó".

Encontrava-se Monsenhor em sua casa quando leu a notícia. Visitei-o nesse dia. Abordou o assunto, com uma certa tristeza, julgando ter sido algum malfeitor ou pessoa aventureira que pensasse, com tal gesto, agradar o novo Governo...

Pensou um pouco e enfatizou, humildemente:

— Roubaram e esconderam as placas que nem o meu nome continham. Uma delas estampava, apenas, minha efígie. Como, porém, poderão roubar a ponte? Onde irão escondê-la?

Vários meses se passaram e, enfim, as placas foram encontradas e recolocadas. Ali, ainda estão...

NOTA DE ESCLARECIMENTO

Os ex-auxiliares do Governo do MONSENHOR WALFREDO GURGEL, no final assinados, sentem-se no dever de prestar os seguintes esclarecimentos à opinião pública:

1. A edição do JORNAL DO BRASIL de 14 de janeiro último reproduz, na 3a. página do 1.º caderno, declarações atribuídas ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Prof. Cortez Pereira, em Brasília nas quais teria afirmado:

> "Encontrou o Estado comprometido financeiramente e com o pagamento ao funcionalismo em atraso. Não só atualizou os pagamentos, como concedeu a partir de 1.º de outubro um aumento de vencimentos da ordem de 42%".

2. Os signatários acreditam que as declarações acima transcritas não correspondem realmente, ao pensamento do Governador Cortez Pereira. Duas razões básicas induzem a essa convicção: o apreço e a admiração que o atual Governador dedica à imagem do homem público e de cidadão do governante que o antecedeu, conforme reafirmou em recente entrevista, e, bem assim, os próprios fatos relativos à situação financeira em que se encontrava o Estado ao término do Govêrno do MONSENHOR WALFREDO GURGEL.

3. Apesar das dificuldades e limitações peculiares a um Estado nas condições sócio-econômicas do Rio Grande do Norte, que não permitem aos seus governantes a consecução de um pleno equilíbrio orçamentário, o Governo do MONSENHOR WALFREDO GURGEL deixou, sob forma de depósitos bancários, para o início da gestão do seu sucessor, a importância de Cr$ 2.036.956,40 (dois milhões, trinta e seis mil, novecentos e cinquenta e seis cruzeiros e quarenta centavos), na conformidade do demonstrativo do movimento da Tesouraria Geral do Estado, no dia 12 de março de 1971, publicado no Diário Oficial de 15 de março do mesmo ano, à página quinta.

4. Por outro lado, o Diário Oficial de 27 de fevereiro de 1971, à página quarta, publicou a tabela de pagamento dos servidores públicos estaduais, referente ao mencionado mês de fevereiro, iniciando-se o pagamento a 1.º de março de 1971. O pagamento estava, assim, rigorosamente atualizado. Tanto isto é verdade que o atual Governo, logo no dia 1.º de abril de 1971, publicou no Diário Oficial a tabela de pagamento concernente ao mês de março do referido ano, o qual se iniciou a 5 de abril.

5. Ressalte-se, por fim, que a intenção única dos signatários é, através destes esclarecimentos, eliminar quaisquer dúvidas sôbre os critérios que orientaram a administração do MONSENHOR WALFREDO GURGEL, cuja memória constitui patrimônio inviolável de todos os norte-rio-grandenses.

Natal, 05 de fevereiro de 1972

JOSÉ FERREIRA DE SOUZA SOBRINHO
ANTONIO CACIO DE MEDEIROS
JARBAS FERREIRA BEZERRA
IVAN MACIEL DE ANDRADE
HENIO LUIZ DE FREITAS MELO
FERNANDO LUIZ GONÇALVES BEZERRA
JURANDYR NAVARRO DA COSTA
CLEOBULO CORTEZ GOMES
FRANCISCO DE ASSIS FERNANDES
JAIR NOGUEIRA LIMA
BIANOR MEDEIROS

DO DIAGNÓSTICO À MORTE

O 3 de outubro sempre foi um dia muito importante na vida do Monsenhor Walfredo Gurgel. Foi o dia em que ele se elegeu Deputado, vice-Governador, Senador e Governador do Estado. Fatidicamente, foi também num 3 de outubro que se constatou o princípio do fim de sua existência, com o diagnóstico de câncer no pulmão. Trinta e um dias depois — muito menos que o prazo que separou suas eleições das posses — ele morria.

Forte, muito corado, o Monsenhor Walfredo era a própria imagem de que vendia saúde. Vida de sacerdote, quebrada apenas pelo cigarro (fumado normalmente com piteira) ou um aperitivo aos sábados quando recebia os amigos, Monsenhor trazia a constituição física dos homens de fibra longa do Seridó; nunca reclamou doença ou cansaço.

Deixou o Governo sem apresentar nenhum sinal de doença. O cansaço era plenamente justificável pelo programa intensivo de inaugurações e visitas que modificaram o seu ritmo de vida.

No máximo se poderia supor que o Monsenhor Walfredo poderia estar com estafa, o que seria plenamente curável com a viagem à Europa que fez em companhia de alguns auxiliares e amigos.

Jarbas Bezerra, que foi seu Secretário da Educação, e o acompanhou à Europa, informa que durante a excursão era um dos únicos que não apresentava sinais de cansaço.

Retornando a Natal, Monsenhor procurou readaptar-se à vida de cidadão comum. Continuava celebrando sua missa diária, dirigindo o seu carro (um Volkswagem TL, presente do seu secretariado), assistindo ao futebol (para torcer pelo Alecrim) ou recebendo os amigos em casa.

Foi então que começou a sentir uma pequena pontada debaixo do braço, plenamente explicável como seqüela de uma fratura antiga, numa costela, ou mesmo bico-de-papagaio.

Era isso que dizia aos amigos e ao médico Lauro Bezerra, que foi seu Secretário de Saúde, e o atendeu nesta época. Como a pontada continuava, Lauro resolveu fazer um exame mais completo e sugeriu uma radiografia.

O Instituto de Radiologia de Natal já estava praticamente vazio. Era o fim da tarde do último 3 de outubro. Apenas dois médicos daquela clínica — José Carlos Passos e Paulo Bezerra — ainda continuavam terminando os últimos laudos do dia, quando chegam o Monsenhor Walfredo e o médico Lauro Bezerra.

O Padre estava mais magro e reclamava da dor. Falou ao médico que se preparava para fazer a radiografia do pulmão, e antecipava um diagnóstico.

— Zeca, acho que isso é coisa de velho mesmo, ou reumatismo ou bico-de-papagaio. Também, se não for isso, é tuberculose ou câncer.

Feita a primeira radiografia, o médico José Carlos Passos tratou logo de revelá-la. Preocupado com o que constatava, chamou — por um interfone — seu colega Paulo Bezerra para mostrar a primeira chapa enquanto dava a desculpa que não havia prestado, providenciava uma segunda, por segurança.

A segunda chapa corroborou em tudo a primeira. Lauro Bezerra foi avisado imediatamente e disseram ao Monsenhor que se tratava de um caso de pneumonia, e o aconselharam a fazer um exame mais rigoroso no Rio de Janeiro.

Decidiu-se, imediatamente, manter segredo absoluto sobre o diagnóstico. O Monsenhor nunca chegou a saber do diagnóstico, porém, dois dias depois, a informação já corria — boca pequena.

Uma semana depois, em companhia do seu sobrinho José Daniel Diniz, o Monsenhor viajava ao Rio de Janeiro. Estava abatido, bem mais magro, embora levasse vida aparentemente normal.

Passou cerca de dez dias na Guanabara, e, quando retornou, já não andava mais. O câncer havia atingido uma costela e parte do cérebro.

Na sua casa, na Rua Afonso Rique, Monsenhor viveu seus últimos dias. Recebia alguns amigos e não se queixava. Para tratar de sua doença — "uma turberculosezinha" — escolheu o seu ami-

go Genibaldo Barros, que havia tratado de sua mãe, mas de vez em quando desconfiava:

— Como é que estão tratando de tuberculose se ainda não fizeram nenhuma aplicação de estreptomicina?

Seus últimos dias foram de sofrimento. O Monsenhor não reclamava. Resignado, no máximo conseguia gemer. Esteve alguns dias em pré-coma e a última vez que recobrou totalmente a lucidez, na manhã de quarta-feira foi para chamar a irmã Sinhazinha, mãe de José Daniel Diniz:

— Estou morrendo. Venha me dar um abraço e abrace todos os meus...

(Diário de Natal)

José Ozildo dos Santos
Téc. em Agropecuária
CPF 393.833.774-54

NOTA OFICIAL DO GOVERNO

No dia 4 de novembro, o Governo do Estado fazia inserir, no *Diário Oficial,* a seguinte NOTA OFICIAL:

"O falecimento do Monsenhor Walfredo Gurgel, ocorrido ontem nesta Capital, consternou todo o Rio Grande do Norte, unindo-o em manifestações de pesar das quais o Governo do Estado participa, decretando luto oficial e rendendo ao ilustre conterrâneo as homenagens de saudade que a sua nobre vida mereceu do seu povo.

Sacerdote e educador exemplar, representante do Estado na Câmara Federal e no Senado da República, Governador que exerceu o seu mandato com a eqüanimidade dos antigos patriarcas sertanejos, o Monselhor Walfredo Gurgel transmitiu os deveres do cargo ao atual mandatário do Poder Executivo com as honras de haver sido um fiel provedor da paz pública e do bem comum da nossa terra.

Dentre os relevantes serviços que o Monsenhor Walfredo prestou ao Rio Grande do Norte, este é, sem dúvida, o mais comovidamente relembrado, na hora em que o seu corpo volta ao Seridó, enquanto o seu espírito se distende por todas as regiões que ele amou com o seu coração de pastor e missionário.

Ao cerrar a sepultura do seu inovidável filho, o Rio Grande do Norte se detém para refletir sobre o excelso exemplo de estoicismo e resignação cristã que ele deixou. A derradeira página da vida do Monsenhor Walfredo Gurgel lembra um vôo assomado em linha reta à exaltação moral da espécie, mesmo na dor, nos ensinando que a consciência do homem justo sabe curvar-se ante os desígnios de Deus e os mandamentos da adversidade.

Neste dia límpido como foi a sua existência, ascende o Monsenhor Walfredo Gurgel ao patamar da História do

nosso Estado e firma indelevelmente o seu nome no respeito e na admiração da terra em que desejou morrer para continuar abençoando a sua gente pelo milagre da sobrevivência altíssima do coração.

O VELÓRIO E A PARTIDA FINAL

Velado pelo povo o corpo do Monsenhor Walfredo Gurgel permaneceu na câmara-ardente armada no saguão do primeiro andar do Palácio do Governo durante toda a noite até às seis horas da manhã de ontem, quando foi transladado para a Catedral Metropolitana.

Em fila dupla o povo subiu até o saguão do Palácio para ver o Monsenhor pela última vez e rezar pela sua alma, entregue a Deus. A fila muitas vezes chegava até a Ulisses Caldas, e não raras vezes dava volta pela Praça Sete de Setembro.

Todos os ex-secretários do Governo do Monsenhor estavam presentes, junto aos seus familiares. O Governador Cortez Pereira e sua Senhora estiveram por longo tempo também presentes. Na Praça Sete de Setembro, o povo permanecia silencioso, triste, enquanto algumas pessoas rezavam e outras choravam.

Até cerca de meia-noite a fila dupla permanecia enorme e constante, sendo orientada por um grupo de soldados da Polícia Militar e outro de escoteiros.

Os soldados orientavam as filas na rua, enquanto aos escoteiros cabiam as tarefas de orientação a partir da entrada no Palácio. A ordem era não permitir que as filas parassem a fim de que todos tivessem a oportunidade de ver pela última vez aquele em quem tantas vezes confiara e de quem somente recebera carinho, amor e dedicação ao trabalho, pelo bem comum.

Cenas dramáticas muitas vezes aconteceram e se repetiam quase que a todo instante. Aqui ou acolá uma pessoa começava a soluçar mais alto ou então entrava em convulsão.

— Ele era tão bom, meu Deus! — dizia uma senhora soluçando alto, enquanto passava pela câmara-ardente.

— Parece que está dormindo — dizia outra com ar de profunda tristeza, procurando se aproximar mais um pouco do caixão, mas respeitando a distância mantida pela Guarda de Honra em torno da câmara-ardente.

— Morreu como sempre viveu: tranqüilo — dizia um senhor, que se benzia diante do caixão.

Uma senhora idosa com véu na cabeça trazia entre os dedos um rosário e rezava baixinho, olhando fixo e com os olhos rasos de água.

As cenas se repetiram durante toda a madrugada.

Exatamente às 5:50 horas, o caixão é fechado. Os ex-auxiliares do Monsenhor Walfredo Gurgel no Governo se aproximam para levar o amigo morto, o líder, o Governador.

A pé, acompanhado por uma multidão enorme, o corpo é trasladado para a Catedral Metropolitana. Nas calçadas do próprio Palácio e da Praça André de Albuquerque, o povo se comprime.

À frente da Catedral outra multidão já aguardava o corpo do Monsenhor Walfredo Gurgel. Silenciosas, as duas multidões se encontram num instante de solidariedade.

À porta da Catedral, estava o General Meira Matos, Comandante da ID/7, que toma posição para acompanhar o caixão até a nave principal. O caixão foi colocado em câmara-ardente. Chegam as autoridades. Chegam os familiares que tomam os bancos da frente especialmente reservados. A multidão, grande demais, não consegue entrar na igreja já superlotada. O brigadeiro Mota Paes toma assento junto ao General Meira Matos.

A missa foi concelebrada por doze padres, à frente o Arcebispo Dom Nivaldo Monte. Eram exatamente 6,05 minutos. Silêncio profundo na igreja, somente quebrado por soluços de pessoas (muitas) que choravam.

Após a missa teve lugar a encomendação do corpo por Dom Nivaldo Monte, coadjuvado por todos os vigários que concelebravam a missa.

Às 7,00 horas o corpo é levado pelos mesmos auxiliares do Monsenhor Walfredo Gurgel até o carro fúnebre, já a esta altura — a multidão era muito maior. O povo chorava nas calçadas. Todos queriam ainda tocar no caixão. Todos queriam ver o Monsenhor pela última vez.

Dezenas de carros foram acompanhando o cortejo, que foi precedido por um carro da rádiopatrulha que, de sirena aberta, abria passagem para o féretro. Muitas pessoas foram até Macaíba, de onde voltaram após o último adeus. E o corpo do Monsenhor seguiu para ser sepultado na sua cidade natal: Caicó.

NA ORDEM DO DIA

Morte não. Porque desaparece esse pobre invólucro material, e daí começa a existir uma alma que transcende ao pó em que todos nós reverteremos, segundo a palavra santa. Seu corpo terminou muito menos do que era, chegou ao quase nada de peso, porque isso não conta na hora em que o lembramos. Dele fica a figura, o que ele fez, o que construiu, o que deu de si mesmo, o que soube mostrar como humanidade sua, como concepção moral e virtual de seu passar pelo mundo. Suas intensas dores, que o levaram constantemente quase à inconsciência, mostraram o valor do homem que ele era. O próprio médico, lá no Rio, quando teve de submete-lo a doloroso exame, mostrou seu espanto na capacidade que o Monsenhor tinha em sofrer a dor; não era só a dor sem gemido, mas sem lamentar-se em nenhum momento. Seus olhos, cansados e perdidos já na névoa, souberam chorar contidamente algumas vezes, mas isso mesmo, sem mostrar o rictus de impenitente desespero.

Foi estóico em seus últimos dias, na dolorosa aceitação de que seus dias estavam consumados e só restavam mesmo ingressar no grande rio da morte, segundo a concepção da filosofia indu.

Hoje, ele navega em águas matinais, ligeiras e mansas, conduzido à grande morada do Pai. Seu corpo desce à solidão da terra seridoense. E que sobre ele — ele que deixou uma grande lição de viver enquanto morria — desçam aquela distância das serras azuis do sertão e o orvalho que, nas madrugadas sertanejas, desenha no chão caminhos luminosos e amenos.

(Sanderson Negreiros, **in** "Informes DN".)

A GRANDE AUSÊNCIA

Na hora em que pranteamos a morte do Monsenhor Walfredo Gurgel, e nos lembramos da figura humana que soube marcar em todos os que conheceram a dimensão de uma personalidade realmente riquíssima, é preciso que enfatizemos a verdade: o morto de hoje marcou definitivamente a vida republicana do Rio Grande do Norte.

Com aquele jeito simples, sem ser simplório, humilde sem fazer da humildade uma arrogância oculta, humano,sabendo dosar sua humanidade com a virtude exemplar de homem sertanejo — tímido e sempre capaz de um gesto de grandeza — Monsenhor Walfredo Gurgel durante cinco anos governou o Estado com uma capacidade inegável de usar a intuição e a habilidade mansa para resolver os problemas insolúveis que se lhe apareciam pela frente; com a percuciente paciência de conseguir unir o que era só divisa, desordem de paixões políticas, com o mapa estadual consagrado, já àquela altura, pela geografia do divisionismo acelerador de uma perspectiva em que poderia ter transformado o Rio Grande do Norte em uma terra arrasada. Naquela hora difícil, Monsenhor Walfredo Gurgel chegou falando uma linguagem aberta ao diálogo, dando início a uma política de horizontes largos, ignorando as cores e a força que essas cores tinham para desunir a família potiguar; sabendo usar sua autoridade, não para amedrontar nem para perseguir, mas para somar, e somando, multiplicar forças, interessar vocações, incentivar vontades, criar a possibilidade permanente de o Estado sair logo do subdesenvolvimento que o prendia. Não só do subdesenvolvimento econômico, mas também do outro, onde a mesquinharia do interesse político sempre faz a parte do interessado e alija a vitória do mais capaz, do mais produtivo e do mais real.

Conseguiu mudar a paisagem da vida pública norte-rio-grandense. Depois dele, o Rio Grande do Norte mudou. E muito.

Plantou a árvore da boa-vontade, da paz e da cordialidade. O homem com traço que tão bem definia sua personalidade. Ele pode levá-lo para o centro de decisões do governo. Expandiu essa rara influência de que a bondade no governante marca sua passagem de maneira imperecível na memória do povo, que hoje chora sua morte, sua grande ausência. E um povo que assim o faz, e que tão bem o compreendeu, não poderá estar enganado.

Tinha na afável convivência de um temperamento influenciado pelas melhores virtudes da urbanidade, do riso comedido e constante, do saber acolher, do saber julgar, e de saber que realizar o equilíbrio dos contrários — ele que teve profunda formação humanística nos bancos de um colégio apostólico de Roma — possuía, sobretudo, na experiência política de tantos anos, a capacidade de trabalhar em silêncio. O que evidencia que esta também pode e é uma virtude seridoense. Pouco a pouco, depois de arrumar o Estado, no sentido de desarmá-lo, de torná-lo menos possível dividido, começou, a partir de uma equipe operosa, a construir. E no final de sua administração, pôde sair com as mãos cheias — com suas duas mãos intactas e o sentimento do dever cumprido. Aí estão todas as obras de infra-estrutura, projetadas e realizadas em seu governo, e todo um projeto de desenvolvimento que cumpre naturalmente operá-lo à medida de novas necessidades e novos enfoques.

Hoje, seu corpo segue para sua terra. Caicó receberá o ilustre filho morto e, no seu chão, na hora em que seu corpo descer a última morada, não só a saudade crescerá no coração do povo que prova agora que muito lhe quis e lhe quer — mas, de modo especial, ficarão definitivamente gravados o valor e o tamanho de sua presença, e o que isso significa, na História e na vida do Rio Grande do Norte.

(*Diário de Natal,* do dia 4 de novembro de 1971.)

D. NIVALDO: ELE GALGOU O PODER, MAS NÃO ESQUECEU A HUMILDADE

— Se estamos tristes pela perda do convívio com o Monsenhor Walfredo Gurgel, nós os cristãos, devemos, por outro lado, nos alegrar por o sabermos merecedor das bênçãos de Deus a quem tanto amou e serviu durante toda a sua vida na terra — disse Dom Nivaldo Monte, no sermão que pronunciou na missa de corpo presente que concelebrou com doze padres em memória do .ex-Governador do Estado.

O sermão de Dom Nivaldo foi assistido por uma multidão que superlotava a Catedral Metropolitana e tomava grande parte da Praça André de Albuquerque. Presentes também as mais altas autoridades do Estado e amigos e ex-auxiliares do Governo do Monsenhor Walfredo.

Relembrou o nosso Arcebispo que quando de uma de suas viagens ao Sul do País fora interpelado pelo Núncio Apostólico que queria saber como vai "o seu padre-governador" ao que Dom Nivaldo respondera imediatamente: "O Monsenhor Walfredo está mais humilde do que antes de ser Governador e, continuando sempre um homem de nossa Igreja".

(*Tribuna do Norte* de 6-11-71.)

EDITORIAL DA *TRIBUNA DO NORTE*

Nenhuma palavra que não seja essencial, nenhuma imagem que não expresse a face verdadeira dos seres e do mundo, nenhum conceito que não sintetize uma visão do mistério existencial. Ao mesmo tempo, nenhuma preocupação de efeito, de homenagem, de envolvimento ocasional e episódio. Apenas, a autenticidade de uma vida — projetada no silêncio de onde partem os desígnios supremos da criatura em busca do Criador.

Um homem que cultivou a humildade como sentimento profundo do seu relacionamento com os outros homens. Um homem que, no poder temporal, jamais esqueceu da inútil vaidade de nossa condição humana e dela procurou preservar-se. Um homem que construiu, em torno do seu governo, a compreensiva tolerância dos que sabem o destino de tudo e sentem, nos veios quentes da sensibilidade, a trágica, comovente, definitiva transitoriedade do homem, réprobo de Deus, despojado do paraíso — ser tantas vezes tentado, tantas vezes vencido, tantas vezes reabilitado, senhor e servo das suas fraquezas e potestades.

O sacerdote Monsenhor Walfredo Gurgel. O homem público Monsenhor Walfredo. Uma só coerência, um só modo de ser. A vasta humanidade de uma visão que se queria voltada para o que, no ser humano, constitui a sua máxima dignidade — a identificação com os valores transcendentais, o encontro e reencontro com as motivações que justificam os nossos atos e as nossas mais íntimas intenções. Não as aparências, mas a substância de que se fazem as verdades que não admitem sequer a fuga, a deserção, a renúncia covarde e comodatícia.

Ele soube ver de face a si mesmo. Por isso, soube governar-se e soube governar o povo que o amava e o elegeu em sufrágio direto, cantando o seu nome nas praças, nas ruas, nas estradas, nas cidades, nos campos, em todas as partes, em todo o Rio Grande do Norte.

O seu Governo foi uma continuação do seu sacerdócio. A probidade, a dedicação, o esforço de construir — acima de quaisquer dificuldades — fizeram-no respeitado e admirado por aqueles que têm um mínimo de consideração aos destinos da comunidade. Por que pensar nas experiências ásperas e amargas se, ao final, sua vitória, sua afirmação, seu exemplo de Governante constituem o exemplo, a afirmação e a vitória de um povo? Por que deter-se no detalhe se, no final, o seu julgamento foi feito pelos que, anonimamente, o elegeram e o consagraram, ao término do mandato? Por que relembrar toda uma continuada e obstinada trajetória de amor à terra e ao povo, se ele soube fazer de si o instrumento da vontade e das aspirações de todos os que tiveram o privilégio de concorrer para as diversas atividades públicas que exerceu? No último degrau da vida pública, Deputado, Senador, Governador do seu Estado, conciliou, rigorosamente, as duas vertentes de sua destinação: o sacerdócio e a atuação política. Como político, afirmou os valores que professara como sacerdote. Na qualidade de sacerdote, estendeu sua missão de representante da Igreja às funções públicas que desempenhou.

A sua morte nos deixa mais carentes e desamparados. A sua morte é o desaparecimento do líder, é a oferenda espiritual do homem que se prosterna diante do Poder mais Alto e diz: *Senhor, eis o meu corpo, eis a matéria com que servi aos meus irmãos, eis as mãos com que lealmente dirigi com amor e honestidade. o meu povo, eis minha alma em que guardei o respeito ao meu próximo, a humildade diante da vida e o culto à verdade e aos valores Divinos.*

Obs.: As palavras grifadas estão gravadas no mármore que cobre o seu corpo, na Pia Batismal à entrada e do lado esquerdo da Catedral de Caicó.

MONSENHOR WALFREDO GURGEL
Erivan França

A morte não o matou. O homem verdadeiramente morre quando também morre o último coração que o guardou. E um chão de cinqüenta e dois mil quilômetros de metros quadrados molhou-se de lágrimas do seu generoso povo para exprimir a grande dor, o grande pesar, a grande saudade, o grande adeus a Walfredo Gurgel.

Homem de vida simples, teve uma existência dentro dos limites da classe média. Dele se pode dizer: foi um homem de fé.

E afigura-me a certeza que ele respondeu assim a quem primeiro o interrogou no caminho da eternidade: "Sou filho de Deus. Na Terra fui padre, educador e político. Meu povo me fez Deputado, Vice-Governador, Senador e Governador. No exercício dessas missões fermentei a crença da esperança. Exercendo o poder, aprendi que não há ninguém que possa satisfazer a todos. Fui um submisso da fé, da esperança e da caridade".

Como ministro de Deus, podemos dizer que ensinou a palavra de Jesus, distribuiu os sacramentos e fez de sua vida a sinceridade dos seus exemplos. Como político, podemos discuti-lo.

Candidato ao Governo, fomos nós — Garibaldi Filho e eu — que trouxemos de Caicó a sua primeira entrevista como aspirante ao cargo de Governador. O homem era aquela figura simples do autêntico sertanejo. A batina rota, o seu tipo humano todo feito de humildade caracterizava o cidadão que chegava na posição honrosa de futuro Governador do Estado.

Juntos participamos de várias campanhas políticas. Onde quer que se busque um ponto de bravura cívica, ele aí se identifica. Sem a valentia dos discursos veementes, era respeitado como um bravo. Não retroagia das suas atitudes. No Senado, nos primeiros meses da Revolução, dela discordou, votando contra o impedimento do Go-

vernador Mauro Borges, de Goiás. O pessedismo falou mais alto. Sendo ele membro de um partido que é do Governo, nem por isso se curvava senão aos ditames da sua consciência, mesmo que a sua atitude contrariasse o Governo a que servia. Era a sua dignidade em primeiro lugar e a autenticidade a sua própria virtude.

Quero me deter um pouco mais na figura política de Walfredo Gurgel, contando fatos e episódios, alguns pitorescos, que mostram a grandeza de um homem servindo a Deus e servindo ao seu povo. Já na vice-governança, no exercício do governo nas ausências de Aluízio Alves, na primeira investidura, com ele tivemos a seguinte conversa: "Erivan, você tem seu "Falando francamente" às 18,30. Eu tenho o Breviário para rezar às 18 horas. Vamos conciliar um horário para o nosso despacho. Não sou Aluízio que fica até às 20 horas no Palácio." Era assim o padre-Governador. Simples e humilde. Uma mistura de devoção com o dever.

A sua austeridade não admitia o exagero da intimidade. No Trem da Esperança, em plena campanha de 65, no alvoroço do entusiasmo do povo, uma garota da ala-moça, num gesto de carinho e amizade pôs a mão na cabeça do padre candidato. Ele não gostou:"comporte-se, menina".

Na grandiosa marcha de Natal a Macaíba, sua maior preocupação era o cansaço do povo. Vocês — referindo-se a mim e Agnelo — são uns loucos. Não pensaram que esse povo precisa descansar, não previram o retorno a Natal e que amanhã é dia de trabalho...

— Olha, Monselhor, o povo quer é gritar: é o padre, é o padre, é o padre... retrucou Agnelo Alves.

De acordo com o cerimonial, o Chefe da Casa Civil do Governo que termina o mandato tem a incumbência de acompanhar o novo Governador à Assembléia Legislativa para o compromisso de posse e conduzí-lo até ao Palácio para a transmissão do cargo. Coube-me essa honrosa missão com Monsenhor Waldredo Gurgel. Depois do seu discurso de posse, já no automóvel que nos levaria ao Palácio da Esperança, ele vivamente emocionado me disse: Tenho fé em Deus que não faltarei a esse povo tão bom. Disse-lhe: o povo cantou e canta "Deus foi quem mandou Monsenhor Walfredo pra Governador"...

O Governador Aluízio Alves havia concluído o plano educacional, e por força de lei votada pela Assembléia, em Natal, Mossoró e Caicó, os professores tinham que ser portadores de curso pedagógico. Muitas nomeações foram feitas nesse sentido. Muitas re-

moções também. O Governador viajara ao Rio e novamente o Padre o substituiu. Os decretos estavam prontos, mas Walfredo assinou apenas os de Natal e Mossoró. Guarde os de Caicó — disse-me — para Aluízio assinar. Não quero nomear ninguém e nem remover ninguém lá das minhas bandas...

No Governo, vinha ao Rio e Brasília como um simples passageiro. Nem seu ajudante de ordem o acompanhava. Ele mesmo cuidava da sua pasta, da bagagem. Em Brasília encontrava sempre a amizade de Ronaldo Ferreira Dias e Levi Dantas. E no Rio a eficiência de Carlos Fernandes.

Estou a me lembrar, agora, de que um dia, visitando-o no seu gabinete, no Palácio da Esperança, ele parou o que fazia para me dizer, entre outras coisas, que recebia todos os adversários políticos, oferecia-lhes até café, mas em termos partidários ele era o mesmo soldado da Cruzada da Esperança. — Como Governador recebo a todos que me procuram — disse-me.

Como educador, fez da cátedra um instrumento de libertação do espírito, procurando transmitir, além dos ensinamentos, amor à liberdade, respeito à vida e à dignidade da pessoa humana.

Fui visitá-lo no Hospital dos Servidores. Dez dias depois fui deixá-lo no Aeroporto do Galeão para o seu último encontro com o Rio Grande do Norte. Quase não falava. Na hora da despedida, nos olhou com a imagem da partida final. E com o aceno da mão quase impossibilitada do gesto, fez o movimento do adeus, deixando no nosso coração a sentida emoção do adeus para sempre.

Dêle, finalmente, pode-se dizer aquilo que ele deve ter dito nos últimos momentos de lucidez:

"Combateu o bom combate, terminou a luta, conservou a sua fé; o resto, nas mãos de Deus."

(Tribuna do Norte, 4-11-71)

OS FUNERAIS

Todo o Seridó pranteou a morte do Monsenhor Walfredo Gurgel com o povo de suas fazendas, vilas e cidades, acorrendo às estradas e ruas para prestar ao grande morto a última homenagem.

Em Caicó, não há cálculo certo para a multidão que transbordava da Igreja por toda a praça, num pranto de dor e saudade. Cenas dramáticas se desenrolaram durante as quatro horas em que o corpo do Monsenhor esteve em câmara-ardente para visitação pública.

A Missa foi concelebrada pelo Arcebispo de Natal, Dom Nivaldo Monte, e pelo Bispo de Caicó, Dom Manoel Tavares e mais todos os vigários das paróquias seridoenses. A Missa foi iniciada exatamente às 15:00 horas e o sepultamento verificou-se às 16:00 horas, na própria Igreja.

Em Jardim do Seridó e Acari, foram as cidades onde a demora do corpo foi mais acentuada. Entretanto, não ultrapassou essa demora aos cinco minutos, apesar da insistência do povo em homenagear de alguma maneira o Monsenhor Walfredo Gurgel na sua última caminhada.

Em Currais Novos o povo também estava à espera do cortejo e nas estradas mais próximas e outras cidades (Caiada e Serra Caiada, Santa Cruz e outras, são exemplo) o espetáculo de dor e sentimentos se repetia a cada instante.

Sepultado junto à Pia Batismal da Catedral de Caicó, o Monsenhor Walfredo Gurgel descansa na paz do Senhor. Antes dele, ninguém fora sepultado na Igreja de Nossa Senhora de Santana. Os amigos de Natal e de todo o Seridó levaram-no à última morada, depois de desfilarem em multidão diante do seu esquife, na derradeira homenagem.

Diário de Natal

HOMENAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL

A *Tribuna do Norte,* dia 10 de novembro de 1971 publicou uma resenha da Câmara Municipal de Natal, com a manchete "CÂMARA SUSPENDE TRABALHOS PARA HOMENAGEAR MONSENHOR". Não poderia o Poder Legislativo deixar de reverenciar o ilustre conterrâneo naqueles dias, pranteado por todo o Rio Grande do Norte. Aonde se fosse, onde se estivesse, em qualquer lugar por onde se passasse, sentia-se a tristeza estampada na face dos seus coestaduanos. Ricos, pobres, arenistas, emedebistas, católicos, protestantes, todos enfim, a uma voz, lastimavam o seu desaparecimento, reconhecendo as suas virtudes, seu trabalho, sua convicção política e a austeridade implantada durante o seu Governo. E os representantes do povo de Natal, assim se expressaram, naquela tarde, quando lhe prestavam merecida homenagem póstuma:

Eis alguns trechos de discursos dos edis:

"Natal e o Rio Grande do Norte choram muito justamente o desaparecimento de Walfredo Gurgel, cuja obra mais relevante, como Governador foi sem dúvida o fato de levar Paulo Afonso aos recantos mais longínquos do Estado", disse o Vereador Antonio Cortez.

"O Monsenhor era um homem que acreditava na juventude e foi um verdadeiro pacificador. Quando da minha formatura como engenheiro em Recife, fui admitido por ele como contratado para prestar serviços ao Estado", — Vereador Fernando Figueiredo.

"Esta é a tarde mais triste da minha vida. O Mons. deixou no coração de todos os rio-grandenses uma imagem de paz e amor," disse o Vereador Batista da Fonseca.

"Walfredo Gurgel foi um filho exemplar da família do Seridó" — Vereador Bernardo Gama.

"E assim foi que o Mons. Walfredo Gurgel morreu ciente do seu devotamento pelo amor da humanidade" — Vereador Samuel Fernandes.

Era, assim, portanto, Walfredo: querido e admirado.

Acredita-se que, até hoje, ninguém, em sã consciência, tenha, até mesmo levado pela vaidade ou arroubo político-oratório dos Tartufos, procurado empanar sua prefulgente figura humana, em qualquer dos variados setores em que haja atuado durante sua curta passagem pela terra...

OS BENS DEIXADOS

Merece ser conhecido tudo que Walfredo adquiriu durante sua vida e que passou aos seus herdeiros. Os bens que relacionamos fomos buscá-los em sua última Declaração de Renda e nos autos do Inventário existentes no 3º Cartório Cível, desta Comarca. Não teceremos qualquer comentário; quem tomar conhecimento dos mesmos, fará, certamente, um juízo de sua pessoa.

	Cr$
1 (uma) casa residencial na rua Afonso Rique, nº 1.005, construída quando Senador da República	30.000,00
1 (uma) casa na cidade de Caicó, rua Amaro Cavalcanti, construída quando Deputado Federal	10.000,00
— Metade da casa nº 33, na Praça da Catedral, herança	5.000,00
1 (um) relógio de ouro marca ROLEX, presente	550,00
4 (quatro) bovinos, vendidos	600,00
1 (um) automóvel Volkswagen, vendido	4.393,00
40 (quarenta) ações da Fiação e Tecelagem Seridó a 5,00	200,00
30 (trinta) ações do Hospital Médico Cirúrgico a 10,00	300,00
— Ações da Casa de Saúde Natal	50,00
— Ações do Banco Rural de Caicó	20,00
— Ações das Confecções Guararapes, vendidas	1.170,00
11 (onze) ações da COFERN	110,00
— Ações da Natalcred, vendidas	3.900,00
2 (duas) cadeiras cativas no Castello Branco	2.850,00
— Ações da Rio Norte	310,00
— Sala nº 505, no Edifício 21 de Março	10.000,00
— Sala nº 509, no Edifício Canaçu	18.029,55
— Ações do Banco do Rio Grande do Norte	1.000,00
— Ações da Propesa	1.000,00
— Ações do Banco do Nordeste	1.000,00
— Ações da Cia Algimar	200,00
— Saldo Bancário no BANDERN	1.005,00

— Saldo no Banco Real de Minas	129,30
— Saldo no Banco do Brasil S/A	491,23
— Saldo no Bancipe	1.844,00
— Saldo da Apern (Caderneta de Poupança)	3.686,00
— Cotas do Fundo de Investimento Financial	728,00
— Fundo de Investimento Bradesco (DL nº 157)	600,00
— Ações da COFAN	100,00
— Ações da CAERN	200,00
2 (Duas) linhas telefônicas (Telern)	1.150,00

Colhemos, ainda, memorandos expedidos pelas agências bancárias abaixo, todas por ele implantadas e postas em atividades, cujos Gerentes atestam inexistir qualquer saldo bancário nas mesmas. São elas, as Agências do Banco do Rio Grande do Norte, em Mossoró, Lages, Parelhas, Ceará-Mirim, Patú e Caicó.

A Caixa Econômica Federal registrou, em sua conta, um saldo de Cr$ 6,43 (seis cruzeiros e quarenta e três centavos).

O espólio pagou de Imposto de Transmissão *Causa-Mortis,* a importância de Cr$ 1.800,00. Não houve, como é de praxe, não só para os ex-Governadores ou, mesmo, pessoas ilustres do Estado prestadoras de serviços ao Estado, um simples Decreto de Isenção.

Talvez, pela probidade, ele o merecesse...

DEPOIMENTOS

Dissemos, no início deste trabalho que seria um atrevimento nosso, falar de Walfredo, dada a grandiosidade de sua vida e a pequenez da nossa. Imbuído desse sentimento, pedimos a algumas figuras ilustres que, por terem sido seus alunos e, com o tempo, seus superiores eclesiásticos, revelassem sua fotografia. Eis que, para contentamento chega-nos dois documentos preciosos. Dois seridoenses, dos mais ilustres, trazem para essa despretensiosa tarefa, a contribuição que, por si só, vale mais do que todo o esforço que dispendemos.

Ambos privaram com Walfredo. São depoimentos puros, espontâneos, valiosos, portanto.

Rui Barbosa, 31-3-75.

Meu Caro Bianor,
Aleluia!

Afinal vai aí o que você me pediu. Mas, estou envergonhado: não vai o que você esperava. É trabalho corrido, sem profundidade, vulgar. Mas, é espontâneo. É talvez o mérito único, de minha parte.

Vai em forma de carta. Tenho mais facilidade para este estilo. Receba-o e aceite-o conformado, por favor. Dê-lhe o lugar merecido, o último lugar num cantinho escondido, que é mesmo o lugar merecido. Só o salva a sincera nota de saudade e de sinceridade, de amizade humana e fraternal que nos aproximava e unia. Éramos seridoenses sintonizados às coisas mais comuns e humanas do Seridó, grandes amigos do homem nativo e devotos de Santa Ana. Gostávamos de olhar juntos os açudes cheios e as juremas perfumadas, depois de uma noite de trovoada. Ele era, no fundo, a continuidade bondosa do velho Bembém das Oiticicas e o sertanejão de olhos vivos do Professor Pedro Gurgel, na música da voz cantante e arrastada de Mãe Quininha.

Você, como o fez Sanderson Negreiros, a respeito do Padre Monte, me pede também, agora, uma palavra de depoimento sobre o saudoso Mons. Walfredo Gurgel. Minha primeira reação ao seu pedido pareceu ter sido a mesma do Profeta Jeremias: "Ah! Senhor, eu nem sei falar".

Na verdade, não me parece fácil gravar pela pena alguma coisa que, nestes tempos, possa projetar a rica personalidade de um cidadão e de um padre da envergadura moral e cívica, qual a do Mons. Walfredo, sobretudo quando suas cinzas se guardam ainda quentes e sua fisionomia se mantém viva em nossas memórias.

Doutro lado, porém, acho que se impõe a seus contemporâneos e amigos a nobre tarefa de reavivar-lhe a figura, perenizando-a e restituindo-a nítida, enquanto o tempo não vai descolorindo e diminuindo o vulto do grande amigo desaparecido.

Mons. Walfredo, por ter sido para nós um grande vivo, há de ser também um grande morto, um desses mortos que hão de governar os vivos, ou que nunca hão de morrer.

Por isso, meu Caro Bianor, eu o felicito calorosamente pela iniciativa que acaba de tomar, pois, dessa forma, ao lado de outros, você estará fixando a excepcional figura humana desse querido conterrâneo seridoense que marcou as gerações do seu tempo.

Mas, não me limito tão-somente a felicitá-lo. Quero também desejar-lhe que seu exemplo se irradie sobre centenas de jovens, como você, seridoense de nascimento, aos quais se abriram e se estenderam tantas vezes generosas as mãos do mestre, do padre, do educador e do estadista.

O caminho que percorremos juntos vem das eras de 1925. Eu já o encontrei no Seminário, naquele ano, quando, conduzido por Dom Pereira Alves, ingressei no casarão do Tirol que é, hoje, o Aeroclube. Faz exatamente cinqüenta anos. Iniciando os estudos ginasiais, tive-o como meu primeiro professor de Latim. Não guardo mais memória de suas aulas nem de meu forçado encontro com aquele idioma, quando, menino de catorze anos, mal saíra do curso primário das Escolas Reunidas Santa Joana d'Arc, de São Paulo do Potengi, das excelentes professoras Alzira, Raimunda e Paulina Nunes de Queiróz.

Guardo, porém, lembrança de um inesperado incidente entre Dom Pereira Alves e o jovem Walfredo, beirando, naquele tempo, os seus dezessete anos de idade.

O jovem Walfredo já portava, o porte esbelto, simpático, asseado, inteligente, cheio de vida. Essa linha de dignidade humana, ele nunca perdeu em vida.

Certo dia, o Bispo achou de fazer, de surpresa, uma daquelas visitas canônicas. Pairava qualquer coisa no ar. Explodiam lá dentro alguns sintomas de crise de disciplina e de queixas de alimentação. O Bispo chega. Os alunos são convocados pelo reitor, Cônego Leal, para o receberem na portaria. Lembro-me bem que o grande prelado não se apresentava, naquele dia, com o ar de paternidade costumeiro. No primeiro lugar da fila, apresenta-se Walfredo para beijar-lhe o anel. Alto, limpo, jovial, de cabeleira bem arrumada. O Bispo não gosta e reclama. O nosso jovem responde-lhe com um *"pois não, Senhor Bispo"*, meio equívoco. — *"Padre Reitor, recolha este moço de castigo, por três dias!"*

Mandado a Roma, em 1926, de lá retorna, seis anos mais tarde, doutor em Teologia e Filosofia. O meu primeiro professor de Latim de ontem, tornava-se agora meu professor de Teologia Dogmática.

Ao assumir essa cadeira, a primeira atitude a tomar foi de esmagar-nos: as nossas aulas teriam de ser ministradas em Latim e só em Latim, a exemplo do que se dava na Gregoriana de Roma. O assombro foi geral, o aperto medonho e houve gente que praguejou. Como o latinório saía, só Deus sabe. O professor, porém, sem perder o sorriso e a bondade, não recuou e levou assim até o fim. Explicava, argüia e dava provas escritas em Latim. Ainda guardo alguns cadernos daqueles tempos.

Os anos passaram e, em 1934, como Reitor do Seminário de São Pedro, apresentou-me para o sacerdócio ao meu Bispo ordenante, Dom Marcolino Dantas.

O caldeirão da política fervia então, em todo o Estado. Tempos difíceis e inseguros. Meu Bispo já me havia acenado com a promessa de fazer-me Reitor do Seminário, logo que me ordenasse. Em março do ano seguinte, isto se confirma, e o nosso padre Walfredo retorna ao Seridó para reger a paróquia de Acari. Foi dali para a frente que a grande figura do padre e de cidadão começou a crescer. A região do Seridó que, no século passado, conhecera e amara a exponencial pessoa do padre Guerra, enobrecia-se agora com a presença e ação de outro jovem sacerdote que lhe iluminaria e ampliaria os destinos. Na verdade, o vulto vertical do padre, do cônego e do Monsenhor Walfredo Gurgel, nas suas mais diversificadas expressões, impôs-se, desde logo, à admiração e estima de seus conterrâneos.

Esse crescimento moral, sacerdotal e cívico de Walfredo jamais conheceu lapsos perante o povo. Eu que o acompanhei de perto nessas três dimensões, sinto-me feliz em proclamá-lo bem alto, escrevendo sem tremer a mão.

Seus quarenta anos de sacerdócio valem pelo mais vivo testemunho do quanto ele o exerceu dignamente. Foi sempre o padre autêntico, na fidelidade à Igreja. Mesmo guindado a honrarias e a postos de responsabilidade, jamais perdeu de vista seu sacerdócio, fazendo funcionar em torno dele suas atividades leigas, fossem quais fossem. Nem a política partidária, nos momentos mais quentes, o desviou desse rumo ou desse critério, e os choques humanos, inevitáveis, jamais quebraram a linha de dignidade de padre autêntico e consciente.

Mais de uma vez, já como seu Bispo, eu lhe disse: "Monsenhor, se todos os padres políticos, guardassem, como você, essa

sua linha de dignidade, de certo que a Igreja não se oporia a que os sacerdotes militassem na política."

De 1952 a 1958, como segundo Bispo de Caicó, contei tranqüilamente com a sua valiosa presença e colaboração mais fraternal.

O então professor de Latim e de Teologia, o meu Reitor de ontem, era agora o meu Vigário Geral e conselheiro. Não era tarefa fácil substituir a um Bispo, como Dom Delgado que, naqueles tempos, parecia insubstituível. Os caicoenses o sentiram, como eu.

Decorridos poucos dias de minha posse, entra em minha residência o saudoso Eduardo Gurgel, a franqueza sertaneja personificada. Saudou-me, assim, sem maiores preâmbulos: —"É o senhor que veio substituir Dom Delgado?" Sim, humildemente, respondi. Ele insistiu: "Respondeu muito bem humildemente, porque sinta-se satisfeito se fizer ao menos a metade do que ele fez." — "Sim, seu Gurgel, não vim para aqui para pegar parelha com Dom Delgado. Os pequenos reconhecem seu lugar."

Neste mundo, sabia-o, eu, há cursos para todas as carreiras, menos para a de Bispo. A Diocese de Caicó foi o meu noviciado, o meu grande e primeiro desafio. Restava-me, ao menos, concluir as obras sociais, iniciadas por Dom Delgado, seguir as inspirações divinas, ler e interpretar os sinais dos acontecimentos, conhecer e amar o rebanho. E, se alguma dessas coisas consegui, muito devo à colaboração franca e leal de Mons. Walfredo que nunca me deixou sozinho, momento algum. Ninguém foi mais leal, que ele, mais sensato, mais sereno. Ele era tudo isto e, feliz seria o Bispo que, a seu lado, pudesse contar com um padre amigo e irmão daquela estirpe, sempre pronto para servir, para orientar.

Meu Caro Bianor,

Acho que é já tempo de concluir. Estas pobres pinceladas têm apenas o sentido de complementar, talvez, e de estimular, um esboço mais rico que outros poderão planejar, do nosso grande Monsenhor Walfredo. É a minha modesta pedrinha a alinhar-se ao lado de outras na feitura de um monumento maior. A pessoa de Mons. Walfredo. A pessoa de Mons. Walfredo, na expressão plena de sua vida, ainda se acha viva demais para imprimir-se nas dimensões estreitas de um depoimento singelo e despretencioso. Minha voz nada tenta fazer, que, unida a milhares outras, das

regiões seridoenses e norte-rio-grandenses, elevar a memória do grande irmão.

O nosso conterrâneo não parece ter acompanhado no seu tempo, a grande procissão daqueles que, no pensar do grande Chardin, fecham o cortejo dos inquietos, mais inquietos do que em momento algum da História, na angústia fundamental do ser. Estes escondem um grande sofrimento. Os homens de hoje são angustiados, inseguros, têm medo, sobretudo diante do futuro.

Mons. Walfredo não foi assim. Nem na doença traiçoeira nem nas limitações supremas da vida, na hora H da despedida, mostrou qualquer angústia ou desespero. E essa sua serenidade era contagiante. A seu lado, participávamos de sua segurança que vinha da alma, de dentro. Como é bom a gente possuir, neste mundo, um tal irmão ao nosso lado. É por isso que se sente sua ausência, a falta de sua pessoa amiga, de sua palavra e de sua convivência.

Com o grande abraço de seu professor de ontem,

Dom ADELINO DANTAS
Bispo de Rui Barbosa — BA.

D. Eugênio de Araújo Sales, filho do Seridó, ou precisamente, do Acari, é uma das vidas mais belas e de ascensão mais rápida na carreira eclesiástica. Homem de real valor. Sóbrio, virtuoso e trabalhador. Nasceu em 1920. Aos 16 anos ingressou no Seminário, após renunciar ao desejo de formar-se em Agronomia, ordenando-se em 21 de novembro de 1943. Em 1954, foi nomeado Bispo Auxiliar de Natal e, em 1962, Administrador Apostólico. Em 1964, renunciava o Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva e, era ele, nomeado Administrador Apostólico de Salvador. Chega ao Cardinalato, sendo o princípe mais novo da história da Igreja. Vem, após assumir tão altas funções, encontrar-se com a terra de origem, com o seu povo. Clero e Governo preparam-se para recebê-lo.

O Mons. Walfredo, associa-se, em nome do Estado, às manifestações que lhe seriam prestadas. O Cardeal Primaz do Brasil empreendia sua primeira visita ao Estado. O Chefe do Executivo, ladeado de seus auxiliares, compareceu ao Km Zero, da rodovia que demanda de Parnamirim, para incorporar-se ao grande cortejo que trouxe o Cardeal a Natal. À noite, recepcionou-o com um banquete, quando saudou o ilustre visitante. No dia seguinte recebeu-o em audiência especial, a fim de apresentar as despedidas ao Governador e agradecer-lhe as manifestações de que foi alvo.

Pedimos ao ilustre mandatário da Igreja um depoimento sobre Walfredo. Não tardou. Recebemos de Sua Eminência uma carta que bem diz do relacionamento que sempre existiu entre ambos. Aponta, o ilustre missivista, por conhecê-lo de perto, suas virtudes e retrata, com firmeza e sinceridade, os traços marcantes de sua personalidade. Eugênio, realmente, apesar "de ser de boa prosa em roda amiga, sempre foi de poucas palavras no trabalho". Sua carta, de poucas palavras, sintetiza a magnanimidade de Walfredo. Leiamo-la, com atenção.

Arcebispo de São Sebastião
do Rio de Janeiro
Guanabara - Brasil

Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1974

c/1192/74

Ilmo. Sr.

Bianor Medeiros
Rua Brasilia, 664 - Alecrim
Natal - Rio Grande do Norte

Prezado Bianor

Recebi sua carta de 22 de outubro, onde pede meu parecer relativo a nosso querido amigo Mons. Walfredo.

Como sabe, tenho mantido constantemente uma atitude contrária à participação de sacerdotes na vida - política. Devo, entretanto, reconhecer que o Mons. Walfredo soube conservar ilibado seu sacerdócio.

Tive a satisfação de acolhê-lo na Bahia, onde ele esteve vários dias, quando deixou o Governo do Rio Grande do Norte. Dava a impressão de um homem feliz, de consciência tranquila.

Guardo dele uma grata recordação por motivo de minha primeira visita ao Rio Grande do Norte, como Cardeal. Uma acolhida realmente evangélica me foi prestada - por ele, então Governador do Estado.

Outro aspecto sobre o qual é de justiça salientar é ter ele, nos cargos elevados que ocupou, conservado a simplicidade de vida. O desapego dos bens materiais, que ele sempre demonstrou durante sua existência, mostra realmente uma vivência do Evangelho.

Creio serem estas as informações que lhe presto com satisfação, e por justiça.

Atenciosamente em Cristo

+ Eugenio

Card. Eugenio de Araujo Sales
Arcebispo do Rio de Janeiro

ÚLTIMAS PALAVRAS DO AUTOR

Morreu, sim.

Se em vida parecia refletir a alegria, hoje torna-se o símbolo da felicidade. É difícil, no dizer de Norman Vincent Peale, ligar a felicidade à morte. Para nós a morte é a tragédia final. Mas, pode qualquer coisa, nas mãos de Deus, ser uma tragédia? A morte é o lado brilhante da vida, afirmava Tennysson.

Quando estava às portas da morte, Stevenson declarou: "Se isso é a morte, é mais simples do que a vida."

O certo, o verdadeiro é que o perdemos. Dele, hoje, apenas uma lembrança incontida, uma saudade imensa e uma conformação ante um fato designado por DEUS. Sim, porque DEUS, por conhecê-lo como homem, humilíssima pessoa, seu abnegado servo, seu Ministro na Terra, deve ter lhe reservado um lugar onde vivem os justos, os bons, os misericordiosos, os santos.

Se quisermos saber a situação dos nossos entes queridos depois do arrebatamento pela morte, outro caminho não temos, senão, o de abraçar o Livro dos Livros. Encontramos a resposta clara, pura, verdadeira e divina:

> "Abençoados os mortos que morrem no Senhor."
> "Felizes, portanto, os mortos que morrem no Senhor."

E lá se foi Walfredo, calmo, tranqüilo e feliz. Apresentou-se ao DEUS ONIPOTENTE, curvou-se, e disse:

> "Senhor, repeti aos homens de boa vontade, na Terra, ao despedir-me, as palavras de Rio Branco, ao falecer.
>
> "Confirmarei perante DEUS tudo que houver afirmado aos homens."

Por último, uma palavra de reconhecimento aos ilustres coestaduanos Deputado Ulisses Bezerra Potiguar e Senadores Dinarte de Medeiros Mariz e Jessé Pinto Freire a quem coube, em última análise, promover os meios para publicação deste trabalho.

Sensibilizados com o gesto de respeito e consideração que tivemos para com o pranteado Monsenhor Walfredo Gurgel, não tergiversaram esses preclaros conterrâneos em hipotecar sua solidariedade na feitura deste livro, razão que nos leva a render-lhes, como uma justa homenagem, o preito de nossa imorredoura gratidão.

Brasília, abril de 1976.